

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED
PROGRAMA EM PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

CRISTINE LIMA TORRES

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA MARCHA NACIONAL PELA
REFORMA AGRÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO
HUMANA EM MOVIMENTO**

Salvador
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

CRISTINE LIMA TORRES

**EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA MARCHA NACIONAL PELA
REFORMA AGRÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO EM
MOVIMENTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Linha de Pesquisa: Educação, Cultura Corporal e Lazer.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Maria Cecília de Paula Silva

Salvador
2009

UFBA / Faculdade de Educação - Biblioteca Anísio Teixeira

T693 Torres, Cristine Lima.

Educação não-formal na marcha nacional pela reforma agrária : um estudo sobre a formação em movimento / Cristine Lima Torres. – 2009.
114 f. ; + 2 DVD

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília de Paula Silva.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2009.

1. Trabalhadores rurais – Educação. 2. Educação não-formal. 3. Linguagem corporal. 4. Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. I. Silva, Maria Cecília de Paula. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação. III. Título.

CDD 370.917340981 – 22.ed.

CRISTINE LIMA TORRES

EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NA MARCHA NACIONAL PELA
REFORMA AGRÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO EM
MOVIMENTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Aprovada em 24 de abril de 2009

Banca Examinadora

Antônio da Silva Câmara _____
Doutor Sociologia pela Universite de Paris VII
Professor Titular da Universidade Federal da Bahia, Brasil

Celma Borges Gomes _____
Doutora em Educação pela Universite de Paris III, França
Professora Titular da Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Cecília de Paula Silva _____
Doutora em Educação física pela Universidade Gama Filho, Brasil
Professora Adjunta da Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Nalva Rodrigues Araújo _____
Doutora em Educação – Universidade Federal da Bahia, Brasil
Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia – Teixeira de Freitas

Miguel Ângelo Garcia Bordas _____
DoutorEm Educação pela U. Complutense, Madrid
Professor Titular da Universidade Federal da Bahia, Brasil

DEDICATÓRIA

Aos amores da minha vida Leny, Bira, Rosa, Tau, Biiiii, Rafa, sem el@s nada teria sentido para mim.

A minha vozinha querida, pelo exemplo de coragem e firmeza durante toda a vida.

Ao meu avô João em agradecimento por ter herdado o gosto pelas coisas da terra.

Ao meu pai Roberto por me ensinar a olhar e falar com o mundo, através das lentes de uma filmadora.

AGRADECIMENTOS

A Cecília, presença incondicional em todas as horas, desvelando os espaços não-formais da academia, proporcionando-me um aprendizado para a vida.

A Prof. Celma Borges pelo imenso carinho e atenção a essa trajetória de descobertas, erros e acertos.

Ao Prof. Miguel Bordas por nos mostrar vivo nos seus olhos e nas suas palavras o amor de um Mestre pela educação.

A Nalva Araújo com grande admiração pelo seu trabalho em prol da educação do MST.

Ao Professor Antônio Câmara por me fazer rever o consolidado.

Aos Sem Terra de todos os cantos da Bahia que me acolheram em suas lonas pretas e assentamentos disponibilizando seu tempo para aclarar as minhas dúvidas sobre o Movimento.

A Tonha, Betão, Mãezinha, Estrela, Djacira, Joel, OJeferson (em memória) e Cabacinha (em memória) sem el@s esse trabalho não seria o mesmo.

A Júlio e Elza pelo apoio em momento cruciais em Goiânia.

A UNAFISCO pelo apoio financeiro disponibilizado para o trabalho de campo em 2005 e a edição do Vídeo Pezinhos na Estrada.

A CNPQ por financiar uma parte desse trabalho.

A Cláudio pelo apoio silencioso.

Ao meu querido tio Sérgio pelo apoio inicial na minha “trajetória imagética”.

Um agradecimento especial a Regina, companheira inseparável no Movimento e em eterno Movimento.

TORRES, Cristine Lima. Educação Não-Formal na Marcha Nacional pela Reforma Agrária: um estudo sobre a formação humana em movimento. 116 f. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

RESUMO

Esta pesquisa discute a educação não-formal no contexto da Marcha Nacional pela Reforma Agrária. Consiste em uma pesquisa histórica sobre a formação humana no processo da luta pela terra, buscando verificar estratégias educativas não-formais, com foco na cultura corporal e no lazer, tendo como base a oralidade, que re-significam os saberes populares. Buscou-se analisar algumas possibilidades de educação e aprendizagem, bem como estratégias utilizadas no processo da marcha, registrando a dinâmica educativa não-formal ocorrida durante este trajeto, descrevendo alguns de seus passos e a práxis pedagógica ali processada. Como metodologia da pesquisa, foi utilizada a pesquisa histórica, priorizando as fontes orais e imagéticas, e, como instrumentos, as entrevistas com militantes e filmagem da dinâmica organizativa que caracteriza a temática abordada. Conclui-se que ações educativas, como essas, são fundamentais e viabiliza a invenção de novas formas de sociabilidade. Sendo que o trabalho coletivo e democrático, a solidariedade, a valorização pela vida, a defesa do trabalho e do estudo são formas sociais que constituem um exercício de educação para a consciência crítica e emancipatória.

Palavras chaves: Educação Não-Formal, Educação Emancipatória, cultura corporal, lazer.

TORRES, Cristine Lima. Non-Formal Education in the National March for Agrarian Reform: a study on the human in motion. 116 pp. Dissertation (Master's Degree) - School of Education, Federal University of Bahia.

ABSTRACT

This research discusses the non-formal education in the context of the National March for Agrarian Reform. It consists in a historical research above the formation human in the process of struggle for land, searching to verify non-formal educative strategies, with a focus in the body culture and the leisure, having as base the orality, that re-signify the popular knowledges. In researching to analyze some possibilities of education and learning, as well as strategies used in the process of March, registering the educative dynamic non-formal occurred during this journey, describing some of his steps and pedagogical praxis there processed. The methodology used, the historical research was used, prioritizing the oral and imagetics sources, and, as instruments, the militants interviews with filming of the organization dynamics that characterizes thematic the boarded one. It is concluded that educative actions, as these, are basic and makes possible the invention of new forms of sociability. Being that collective and democratic work, solidarity, the valuation for the life, the defense of the work and the study are social forms that constitute an exercise of education for the critical and emancipatory conscience.

Keywords: Non-Formal Education. Emancipatory Education. Body Culture. Leisure.

LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS

ABRA - Associação Brasileira da Reforma Agrária

CMI - Centro de Mídia Independente

CPT – Comissão Pastoral da Terra

CRB - Conferência dos Religiosos do Brasil

CUT - Central Única dos Trabalhadores

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MMC - Movimento de Mulheres Camponesas

MPA - Movimento dos Pequenos Agricultores

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

MTD - Movimento dos Trabalhadores Desempregados

PNRA – Plano Nacional de Reforma Agrária

PRONAF - Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PRONERA - Programa Nacional de Educação em Áreas de Reforma Agrária

UNE - União Nacional dos Estudantes

UNEB – Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. A Educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	22
2.1 A educação não-formal no MST	25
2.2 A educação do MST e a sua relação com o legado Freiriano	28
2.3 Ação cultural e revolução cultural	36
3. Aproximações com o Movimento da Marcha	40
3.1 A Marcha Nacional pela Reforma Agrária	42
3.2 A organização das equipes de trabalho	43
3.3 Movimentos e Instituições que participaram da Marcha	59
3.4 Atos e movimentos em Brasília	68
3.5 Assembléia de encerramento	73
4. A Marcha Nacional pela Reforma Agrária – Espaço Itinerante de Formação Humana	75
4.1 Educação não-formal e a Marcha Nacional: subsídios para uma formação humana em movimento	79
4.1.1 O corpo e a cultura na Marcha	80
4.1.2 O simbolismo do MST: a marcha e a mística itinerante	86
4.1.3 A Ciranda e a Escola Itinerante Pés na Estrada	91
4.1.4 A Rádio Brasil em Movimento	97
4.1.5 As tardes de estudo	99
4.1.6 O “carrim de são”	102
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	

1- INTRODUÇÃO

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) se origina da união de diferentes movimentos isolados descontentes e de oposição ao modelo de reforma agrária imposto pelo regime militar, no final da década de 1970. Contrariamente a este modelo que priorizava a colonização de terras devolutas em regiões remotas, objetivando a exportação de excedentes populacionais e integração estratégica, o MST buscou lutar pela redistribuição das terras improdutivas. Esta pesquisa tematiza a educação não-formal na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, uma forma de mobilização de luta pela reforma no Brasil

Na gênese do MST, a marcha se fez presente como uma forma de mobilização para chamar a atenção do Estado e da sociedade sobre a necessidade de reforma agrária no Brasil. Anualmente, o MST organiza os trabalhadores rurais sem-terra acampados e assentados, e unido a outros movimentos que lutam pela terra, realiza uma marcha. Esta varia em percurso e duração, dependendo das resoluções internas estaduais, e culmina em datas significativas, nacional e internacional, no dia sete de setembro, no Grito dos Excluídos, ou no dia dezessete de abril, Dia Internacional da Luta Camponesa. A Marcha objetiva, principalmente, chamar atenção da sociedade para a questão agrária no país.

O processo que nos aproximou do MST iniciou em Novembro de 2001, no Curso de Especialização em Educação Básica de Jovens e Adultos na Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Tínhamos de realizar seminários que apresentassem os vários modelos de educação de adultos. Nosso grupo ficou responsável por apresentar a educação do MST. Para tal, decidimos conhecer *in loco* o processo educativo desse movimento social.

Por meio de uma articulação com um membro da Comissão Pastoral da Terra (CPT), viajamos em torno de doze horas para Teixeira de Freitas, e, de lá, mais duas horas até próximo a Prado, no Assentamento 1º de Abril, local do curso. Já no Assentamento, fomos encaminhadas para o Centro de Formação Carlos Marighella, onde solicitaram que esclarecêssemos nossa intenção de trabalho. Embora bem recebidas, ficaram desconfiados, do início ao final de nossa estadia. Acompanhamos o início do Curso Concomitante de Ensino Médio e Magistério, um convênio entre a UNEB, o Programa Nacional de Educação em Áreas de Reforma Agrária (PRONERA) e o MST.

Realizamos duas oficinas, uma sobre sexualidade e prevenção a DST/AIDS, e outra de recreação, com as crianças do assentamento. Desde o princípio impressionou-nos a organização dos grupos em horário não escolar e as interferências para retomar a atenção na aula¹, quando percebiam que estavam perdendo a concentração. Levantavam-se e gritavam palavras de ordem, que eram repetidas por todos, três vezes, e então cantavam uma música do Movimento²:

FLORIÔ

Arroz deu cacho e o feijão floriô,
milho na palha, coração cheio de amor.

Povo sem terra fez a guerra por justiça
visto que não tem preguiça este povo de pegar
cabo de foice, também cabo de enxada
pra poder fazer roçado e o Brasil se alimentar.

Com sacrifício debaixo da lona preta
inimigo fez careta mas o povo atravessou
rompendo cercas que cercam a filosofia
de ter paz e harmonia para quem planta o amor.

Erguendo a fala gritando Reforma Agrária,
porque a luta não para quando se conquista o chão
fazendo estudo, juntando a companheirada
criando cooperativa pra avançar a produção.
(PINTO, 2002)

As músicas falavam de temas da sua realidade com a terra: da plantação, da ação coletiva, do amor por ela, da luta pela conquista, do trabalho. Os autores eram diversos, mas a temática era sempre a mesma: o confronto e superação com a situação de opressão. Impressionou o que vimos. Havia uma dinâmica que envolvia todo o grupo, mas que ainda não a entendíamos.

¹ Estratégia denominada pelo MST de animação.

² Termo utilizado internamente para se referir ao MST

À noite, depois das aulas, eles se reuniram em vários grupos. Aproximamo-nos e observamos o trabalho deles. Notamos que cada qual organizava sua tarefa para o dia seguinte.

Já passavam das vinte e duas horas quando uma parte das pessoas, livre de tarefas, foi para fora do Centro de Formação e se divertiu contando piadas. Mesmo nos momentos livres de tarefas, mantinham uma dinâmica de organização, e quando algum deles pedia a vez para falar, para contar suas piadas essa ordem era respeitada.

Na manhã seguinte, assumiram tarefas por grupo. Limparam os banheiros, o Centro de Formação; prepararam a refeição; organizaram a sala de aula. Tudo era feito com alegria e seriedade, principalmente no momento do hino. Realizavam a mística³ todas as manhãs. Cantavam as músicas do MST e o Hino do MST hasteando a bandeira do Movimento.

Essa aproximação resultou numa inquietação que se transformou em curiosidade acadêmica. As estratégias de organização, os gestos, a mística, a simbologia, a disciplina eram feitos de forma original.

A partir desse primeiro encontro iniciamos uma pesquisa exploratória independente com o intuito de compreender a dinâmica do Movimento. Acompanhamos as marchas, ocupações, assembléias, encontros, mobilizações, buscando conhecer a rotina dos acampamentos e assentamentos, registrando as vivências e reflexões em um caderno de campo e registrando também em fotos e vídeo. De todas essas experiências a que nos chamou mais atenção foi a marcha.

A primeira marcha que participamos foi em abril 2002. Fizemos os contatos necessários, arrumamos a mochila e fomos ao local indicado: de Feira de Santana a Salvador. Encontramo-nos com os sem-terra num terreno cedido pelos padres, lá dormimos ao relento, ao tempo em que chegavam os ônibus de outras regionais⁴.

No início da tarde, fomos encaminhados para uma igreja, e lá, padres e sem terra realizaram um culto ecumênico. Bandeiras vermelhas se misturavam às orações e canções. A igreja se transmutou, e aquela costumeira celebração anêmica transformou-se em alegria e interação entre os padres e a comunidade sem-terra. Vimos ali, naquela celebração, a participação de todos.

³ Ritual presente em toda reunião do MST. Será descrito no capítulo IV.

⁴ O MST subdivide a Bahia em oito regionais: extremo-sul, sul, baixo sul, sudoeste, chapada, recôncavo, norte, oeste e nordeste

Finalmente, saímos a caminhar. Ao passarmos pela cidade, o militante proferia um discurso intencional para os trabalhadores urbanos, propagado por um carro-de-som. Os sem-terra gritavam palavras de ordem e cantavam, todos arrumados em fileiras. Ao sair da cidade e pegar o percurso que nos levaria ao próximo acampamento, o cansaço começou a incomodar. Em vários momentos pensamos, discretamente, em tomar um ônibus e desistir. Mas ao ver dona Maria, uma senhora com mais de sessenta anos, caminhando tão disposta, envergonhamo-nos. Ela irradiava a sua coragem e disposição, sua raça sem terra.

Ao chegarmos ao acampamento resolvemos que iríamos embora, assumimos que não aguentaríamos mais uma noite sem dormir, sem comer direito, sem o nosso banheiro limpinho. Despedimo-nos e partimos. Daí então, soubemos que não havia volta, tinha mergulhado naquele mundo e precisávamos conhecê-lo melhor, precisávamos entender a lógica das ações, a dinâmica daquela organização.

Dias depois, lemos, no Jornal A Tarde, que o MST havia ocupado a Usina Itapetigui, próximo ao município de Amélia Rodrigues. Na hora, pegamos um ônibus e fomos ver o que estava acontecendo. Saímos perguntando até chegar ao local, ensopada e toda suja de lama. Conversa aqui, conversa ali, começamos a perguntar tudo o que queríamos saber, e estávamos bastante arrependidas por não termos resistido a dureza da caminhada, e abandonado a marcha. Soube depois que fizeram uma assembléia no meio do caminho e decidiram ocupar aquela usina. Na verdade, os sem-terra já estavam preparados para uma ocupação, sem tempo certo de voltar para casa. Normalmente, as ocupações se processam dessa forma. Ao ocuparem uma área, por questão de segurança, somente os dirigentes sabem a localidade exata.

Ao voltar conseguimos uma carona e fomos advertida por um coordenador de nome Weldes que nunca deveria vir a uma ocupação sozinha, já que estávamos distantes uns três quilômetros da BR 324, e era muito perigoso. Segundo o coordenador, nessas ocupações podem ocorrer conflitos, e sempre têm pistoleiros na espreita.

Retornamos no mesmo dia, com a promessa de voltarmos no fim de semana. E assim fizemos. Conseguimos convencer uma amiga a vir conosco de carro, e passamos o fim de semana conversando, investigando, conhecendo o MST e sua organização. Experiência incrível, pois é na ocupação que a estrutura organizativa do MST para o acampamento

começa a ser gestada. São formados os grupos, “tirados”⁵ os coordenadores, os representantes dos setores.

A noite bateu um medo! Dormimos no carro e ele ficou logo na frente da ocupação. A música de um sem-terra conhecido por Bico soou como um lamento. O que acalmou e acalentou-nos no sono.

Posteriormente, fiz um desabafo que publiquei no site vozesdaterra.vila.bol.com.br, um espaço virtual-poético-imagético-acadêmico onde contamos parte de nossa trajetória no MST.

Acompanhamos essa ocupação por diversos meses; sua remoção para outra área e o despejo⁶ final. Foi nessa ocupação que aprendemos a conhecer o MST. Participamos de reuniões dos vários setores⁷: da saúde, da educação, de frente de massa⁸. Observamos, no dia a dia, a convivência e os conflitos desse acampamento.

O MST passou a fazer parte da nossa vida. Quando nós podíamos, pedíamos licença do trabalho e participávamos das mobilizações, encontros. Foi nessa oportunidade que conhecemos Estrela, militante da regional do extremo sul da Bahia. Estrela, na sua mansidão, ensinou-nos muito sobre o MST. Fez-nos ver que o Movimento é maior do que imaginávamos, maior que os interesses pessoais, que muitas vezes prevalecessem entre as lideranças, e que, infelizmente, direcionam as ações locais. Uma Organização que agrega pessoas com suas diversidades culturais, e estabelece um fluxo constante que cresce e dissemina a esperança de superação à condição de oprimido. Adquire singularidade porque passa a fazer parte de cada um na sua subjetividade, e, ao mesmo tempo, é coletivo, pois tem consciência de que só dessa forma a força se traduz em utopia.

Com Estrela conhecemos um pouco de Marx na práxis do Movimento, e com ele constatamos mais claramente que o conhecimento geral e a escolaridade não andam juntos. Ele não havia concluído as séries iniciais do ensino fundamental e era um intelectual orgânico e coordenava um acampamento, na época que o conhecemos.

A educação não-formal passou a conduzir o nosso olhar sobre o MST, a partir desse encontro. Muitas pessoas como Estrela, Mãezinha, Tonha, Betão, conhecemos ao caminhar

⁵ Termo utilizado pelo MST para designar as pessoas para determinadas funções.

⁶ O despejo é legalmente a reintegração de posse. Em geral o acampamento é todo desmontado ou queimado e os sem-terra são expulsos do local.

⁷ Estrutura de organização interna do MST

⁸ Setor responsável pelo trabalho de base que levará novos sem-terra para as ocupações.

pelas nuances do Movimento. A marcha foi escolhida por nela estarem contidos elementos importantes a serem considerados ao se pensar na formação dos sem-terra: os setores, a formação das brigadas, a organização das mobilizações, as estratégias de formação adotada pelas lideranças, a simbologia das cores, dos gestos, das vestimentas, das místicas.

O primeiro impacto se deu ao presenciarmos a dinâmica organizativa do Movimento. Depois de um tempo de contato, um questionamento marcou e direcionou nossa observação: Qual a importância da educação não-formal na formação dos “sem-terra” ligados ao MST? Essa era a questão que norteava o nosso olhar⁹ sobre o Movimento em tudo o que vivenciávamos: mobilizações, eventos, capacitação de professores, ocupações, despejo, acampamentos e assentamentos. Definimos como recorte para os registros imagéticos as mobilizações realizadas pelo movimento, em especial a Marcha do MST (2002, 2003, 2004, 2005). Este processo investigativo levou-nos ao mestrado em Educação. A imagem é aqui compreendida como representação da realidade, “como memória e expressão da cultura de um povo, de uma época, garantia de uma visão do passado, hoje, com a comunicação informatizada, ela nos desafia a compreendê-la em novas temporalidades, como mediação complexa dos processos educativos” (CIAVATTA, 2002, p. 13).

A temática abordada, nesta dissertação, é fruto deste percurso junto ao MST, na busca de compreender os espaços educativos não-formais que permeiam a dinâmica do Movimento. Descrevemos e analisamos a vivência na Marcha Nacional pela Reforma Agrária em 2005, a fim de apontar elementos educativos na formação do sujeito histórico nesta mobilização itinerante.

As opções para compreender esta dinâmica, registrada ao longo da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, são inúmeras. Porém, neste trabalho, a proposta foi pela descrição densa da marcha, pormenorizada nos seguintes momentos: organização; movimentos que a acompanharam; atividades relevantes. Com destaque para alguns elementos educativos dessa mobilização itinerante, interpretado como fundamental para a formação humana, a partir da análise do tema.

Algumas outras questões inerentes ao movimento social, suas contradições internas, seus conflitos com o governo, a questão agrária no Brasil e possíveis conquistas do movimento,

⁹ Este ‘olhar’ foi sendo registrado por meio de uma filmadora.

embora importantes de serem analisadas, não foram foco dessa investigação. Esta investigação foca a questão educacional, mais especificamente, a formação humana nos processos educativos não-formais que permeiam a dinâmica da itinerância na marcha, e, em consequência, a contribuições para a educação brasileira.

A formação humana está sendo aqui considerada como significativa para cada sujeito histórico, que é social. Existe um percurso singular para cada ser humano, expresso nas linguagens verbal, visual, corporal, musical, dentre outros, que é também social, portanto, um percurso coletivo. Nessa perspectiva, considera-se possível ler e decifrar códigos da cultura nos gestos, atividades, atos, palavras e objetos. Procura-se, na descrição densa, revelar um potencial de sentido. A questão reside na explicitação desse mundo que se desvela na marcha. A realidade que emerge nessa experiência concreta e corpórea é que chama a atenção. A investigação busca recuperar, por meio da linguagem pedagógica realizada na educação não-formal, durante a marcha, uma compreensão crítica da realidade, uma recuperação do olhar sensível sobre o mundo, procurando lugares de refúgio do sagrado, do significado de uma mística, do sentido desta caminhada, das manifestações da cultura corporal – brincadeiras, cantadores, músicos, danças culturais brasileiras, entre outras.

Nossa sensibilidade foi aguçada para compreender os valores culturais e os processos sociais que são constitutivos das práticas educativas não-formais durante a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, em 2005, tornando-se o *locus* central desse trabalho. Optamos pela pesquisa histórica, privilegiando a oralidade e a imagética. Fizemos do registro imagético o nosso principal aliado, pois permitiu-nos ter acesso completo a determinadas informações que, no decurso do tempo, ficariam fragmentadas. A história oral temática foi utilizada por meio de entrevistas semi-estruturadas e depoimentos. Fomos registrando impressões dos sem-terra sobre a Marcha, os processos educativos constitutivos dessa mobilização, a organização das equipes de trabalho, bem como depoimentos de pessoas integrantes de outros movimentos que participaram da marcha. Dessa forma, uma história do tempo presente, uma história que se foi construindo em um processo itinerante educativo na Marcha Nacional, que teve pouca visibilidade social, está aqui registrada. Principalmente, no que se refere às questões educacionais. Segundo Meihy:

Por ter sido sempre um recurso novo, validado pelos grupos oprimidos, a história oral acabou por ser identificada como uma história vista de baixo ou uma outra história. Isso se deveu principalmente ao fato dela oferecer uma alternativa documental diversa da alternativa da tradição comum, feita sempre pelos detentores das escritas, dos arquivos e das bibliotecas. (MEIHY, 2005, p..36)

A história oral tem sido feita sobre aqueles grupos que não tiveram a sua história, a sua cultura, os seus processos sociais registrados, pela história oficial, sendo fundamental registrar uma versão diferenciada da oficial.

Compreendemos que a história oral tem uma finalidade social, mas, para isso, depende de como ela seja usada. Pode ser outra versão da história, um registro importante de uma história não contada, escamoteada, velada, mas que obtenha o seu lugar, e que a sociedade conheça a significação da luta de um segmento social contestador, como o MST. A história oral tem o poder de trazer novas evidências dos fatos ao ouvir as vozes que a classe dominante tenta silenciar, a mídia tenta deturpar, e assim, na posse de várias fontes, ter condição de contrapor as informações, contribuindo para outra versão da realidade. Para Thompson:

Não há dúvida alguma de que isso deve contribuir para uma reconstrução mais realista do passado. A realidade é complexa e multifacetada; e um mérito principal da história oral é que, em muito maior amplitude do que a maioria das fontes permitem que se recrie a multiplicidade original de pontos de vista. (THOMPSON, 1992, p. 26).

Segundo Thompson (1992) a maioria dos registros reflete o ponto de vista da autoridade, defendendo dessa forma o poder existente. A história oral, pela possibilidade de poder escolher os entrevistados, torna-se mais imparcial, pois todos podem ser depoentes, dos desprivilegiados aos líderes, propiciando uma reconstrução histórica mais realista. Dessa forma:

Reconhecendo grupos importantes de pessoas que haviam estado ignoradas, dá-se início a um processo cumulativo de transformações. Amplia-se e se enriquece o próprio campo de atuação da produção histórica, e, ao mesmo tempo, sua mensagem social se modifica. Para ser claro a história se torna mais democrática. (THOMPSON, 1992, p. 28)

A história oral tem muito a contribuir com a possibilidade de resgatar a história da educação do campo na Bahia, o que vem sendo feito pelos movimentos sociais, e mais especificamente, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Essa pesquisa, aqui abordada, trata de um assunto de investigação inovador na história da educação do campo, e da educação não-formal. A pesquisa partiu de dados poucos sistematizados pela ciência, o que exigiu maior estudo e aprofundamento para a produção de resultados científicos e sociais. É importante deixar claro que a realização dessa pesquisa e da documentação imagética contou com a autorização e participação do MST da Bahia.

Do material imagético, foram utilizados para a presente investigação três vídeos documentários de pessoas que participaram da marcha e produziram vídeos-documentários: o de Aline Sasahara, videasta oficial da Marcha Nacional, “Ergue a tua Voz”; o de Nilo Mendes, Assessor da diretoria do Sindipetro – RJ, “Marcha Nacional pela Reforma Agrária”; o vídeo de Gibby Zobel correspondente inglês da TV Al Jazeera “MST O Movimento Sem Terra e a Maior Marcha do Brasil”.

Esses trabalhos, em conjunto com a filmagem que realizamos durante a Marcha Nacional pela Reforma Agrária, auxiliaram na rememoração, revisão e reflexão de alguns acontecimentos, depoimentos, rotinas e ações.

Utilizamos fontes documentais durante o processo investigativo, como as publicações do MST - cartilhas, boletins, cadernos de formação, cadernos de educação. Realizamos revisões bibliográficas, privilegiando intelectuais orgânicos do MST, como Ademar Bogo, Roseli Caldart, Bernardo Mançano, entre outros. Esses, juntamente com os escritos de Paulo Freire, auxiliaram na fundamentação teórica.

A pesquisa de campo, rica e aprofundada, com material oral, imagético e documental exigiu escolhas. Optamos por privilegiar a descrição densa. Segundo Vasconcelos:

[...] a descrição densa - uma expressão tomada de empréstimo de Gilbert Ryle - seria um modo de análise que visa desvendar o significado mais profundo de toda ação humana dotada de conteúdo simbólico. Por meio dessa análise seríamos capaz de nos aproximarmos da perspectiva do “Outro”, numa tentativa de entendê-lo em seus próprios termos. (VASCONCELOS, 2006, p. 120)

A descrição densa é carregada de interpretações. E estas, carregadas de sentidos preconcebidos, de juízos próprios de uma classe diferente, com outros costumes e

concepções, apesar da estreita aproximação com o Movimento. Nesse sentido, tentamos registrar momentos significativos da situação vivenciada durante a Marcha Nacional utilizando características apontadas nos estudos de Clifford Geertz (1989) sobre a descrição densa, usando elementos da etnografia como a anotação do discurso social (escrita), transformando o acontecimento passado naquele momento em um relato, melhor dizendo, transformando o registro já captado na imagem, no diário de campo, nas entrevistas e observação participante, em relato.

Observar, registrar e analisar foram momentos importantes desta pesquisa, a partir das inscrições que apreendemos dos informantes. Os estudos de Geertz (1989) sobre a descrição densa apontam para uma análise cultural como uma “adivinhação dos significados, uma avaliação das conjunturas, um traçar de conclusões exploratórias a partir das melhores conjeturas, e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento da sua paisagem incorpórea” (p.14). Tentamos caminhar nesta perspectiva.

Para melhor compreensão dessa trajetória, o texto está dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo, discutimos sobre a educação do MST e a educação não-formal apreendida no contexto da marcha, os quais consideramos tratar-se de um dos elementos da formação humana. A seguir, realizamos um diálogo com teóricos que acompanham o Movimento e contribuem com o pensamento pedagógico ali explicitado, tais como Ademar Bogo, Roseli Caldart, Nalva Araújo e o material didático do próprio Movimento. Nesse momento, selecionamos alguns elementos da teoria Freiriana para ampliar essa relação.

No segundo capítulo, fazemos uma descrição densa fundamentada nas observações na Marcha Nacional, a sua organização, ações, princípios, entidades que a acompanharam e os Atos em Brasília. Privilegiamos os registros imagéticos na condução da descrição, e os demais registros foram usados para complementar e/ou auxiliar na interpretação. Cabe ressaltar que toda análise cultural, como bem observa Geertz (1989), é incompleta. Dessa forma, a interpretação, aqui traçada, busca contribuir e ampliar o debate acerca do papel de determinadas formas simbólicas na vida humana, no caso, na Marcha Nacional pela Reforma Agrária. Apropriamo-nos de algumas informações do site do MST para fundamentar situações que não tivemos oportunidade de vivenciar, e apenas ouvimos e registramos os comentários, como a sessão solene na Assembléia Legislativa, o confronto do MST com a polícia, em abril de 2005.

No terceiro capítulo, apresentamos a Marcha Nacional como um espaço educativo, a partir dos depoimentos e relatos dos elementos destacados durante a investigação. Nele, descrevemos seis elementos que consideramos mais relevantes nessa mobilização itinerante, quais sejam: a mística itinerante, a ciranda e a escola Pés na Estrada, as tardes de estudo, a cultura corporal, o **“carrim de são”** e a rádio Brasil em Movimento. Buscamos elaborar uma análise das formas simbólicas que observamos estarem relacionadas aos acontecimentos sociais vivenciados durante a Marcha Nacional, na ação concreta, sem perder o contato com a realidade político econômica, objetivo dessa mobilização itinerante. Finalmente, nas considerações finais, elaboramos um percurso ao retomar toda a trajetória do trabalho no qual apontamos os avanços proporcionados pelo MST no campo educacional.

2. A EDUCAÇÃO NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é a principal movimento social que luta pela terra desde a década de 1980, e que adotou a estratégia de ocupar latifúndios como forma de pressionar o governo a colocar em pauta a reforma agrária no Brasil. O MST se envolve numa série de lutas que são indissociáveis na conquista pelos direitos fundamentais para qualquer cidadão, a educação é uma delas.

[...] as práticas educativas escolares e não-escolares sempre estiveram presentes, porém, ao longo do processo, o MST foi acumulando novas experiências e demandas, e assim sofreu modificações, quantitativa e qualitativamente. De início como educação popular na organização dos grupos de sem-terra, e posteriormente nos acampamentos e assentamentos em formas diversas, nas assembléias, nas reuniões gerais, nas audiências com autoridades, nas inúmeras maneiras de organização e lutas sociais desenvolvidas. Num segundo momento o MST buscou o acesso à educação escolar como instrumento para contribuir na qualificação da luta pela terra e pelo projeto histórico socialista. (ARAUJO, 2007, p. 302).

No decorrer das primeiras ocupações, os sem-terra constataram que a educação deveria ser também uma prioridade. Seria fundamental dominar o conhecimento socialmente produzido para que pudessem se relacionar com as instituições que concretizariam as legalizações da terra e financiamentos para a construção do assentamento. Nessa perspectiva, a educação tornou-se uma meta do Movimento, inseparável das ações de luta pela terra. Stedille deixa bem claro ao afirmar que:

Apenas a luta pela terra não transforma o sujeito em cidadão, se nós também não tivermos acesso à educação. É por isso que nós do movimento Sem Terra compreendemos que existe um casamento necessário entre a conquista da terra e a conquista da educação. (STEDILLE apud Caldart, 1997, p.25).

O direito a educação formal de qualidade e dentro dos assentamentos foi motivo de intensa luta que os sem-terra travaram no início do Movimento e travam até hoje juntos às secretarias de educação e às prefeituras. Uma educação que seja configurada por eles e para eles, forjada em movimento com a base social que o compõe, através de debates, erros e

acertos, com o intuito de disseminar a discussão sobre a importância da luta pela terra e da reforma agrária, bem como a construção de uma sociedade mais justa que atenda as necessidades dos cidadãos.

A relação do MST com a educação é, pois, uma relação de origem: a história do MST é a história de uma grande obra educativa. [...] Se recuperarmos a concepção de educação como formação humana é a sua prática que encontramos no MST desde que foi criado: a transformação dos 'desgarrados da terra' e dos 'pobres de tudo' em cidadãos dispostos a lutar por um lugar digno na história. É a educação que podemos ver em cada uma das ações que constituem o cotidiano de formação da identidade dos sem-terra do MST. (CALDART, 2001a, p. 20).

O processo é lento, construído passo a passo, não há linearidade, mas a essência das práticas pedagógicas e do conteúdo básico estabelecido, que privilegia as questões significativas para o MST, sempre estão presentes em cada espaço de formação. Seja a escola formal, os cursos não-formais, ou até mesmo a formação oral.

Segundo Caldart (1997), a educação no MST é trabalhada tendo uma série de princípios que orientam os professores na sua prática educativa: a educação não acontece só na escola, apesar da luta pela escolarização ser fundamental; a luta é por escola pública de qualidade nos acampamentos e nos assentamentos; o trabalho escolar deverá estar voltado para a realidade do meio rural; a valorização dos educadores, e a luta por escolas de formação que trabalhe com as propostas do MST; profunda crença na pessoa humana e na sua capacidade de formação e transformação; valorização do saber dos educandos; educação para a cooperação; um currículo organizado com base na realidade e no seu permanente movimento; criação de coletivos pedagógicos; uma educação que se alimente de utopia.

Ao entrevistar Nalva Araujo, integrante do Coletivo Nacional de Educação do MST, ela afirma que, à medida que o Movimento avançava nas conquistas, os sem terra percebiam que a luta, em si, era educativa, mas que seria necessária uma formação política e ideológica da qual sempre os trabalhadores foram privados. Conhecer mais, radicalmente, o capitalismo, suas raízes históricas e as alternativas de superação desse sistema excludente, tornou-se fundamental para que os sem-terra tivessem uma visão mais ampla da sociedade brasileira e do processo de transformação estrutural que o MST começava forjar.

E, com a intenção de fundamentar a formação dos sem-terra, foi criado o setor de formação, que se tornou responsável por realizar, periodicamente, cursos de formação para a militância. Dessa forma, ficou estabelecido que alguns militantes, dentro de sua comunidade, seriam designados para essa tarefa.

O setor de formação atua com a educação não-formal. É um espaço educacional irrestrito, maior que a própria escola. Está presente nos encontros, nas marchas, nas reuniões ao redor de uma fogueira... É a educação penetrando “os vazios” deixados pela exclusão e opressão a que são vitimados os trabalhadores rurais. O conhecimento chegando por caminhos diversos; envolvendo o sem-terra; forjando a conscientização sobre sua condição e apontando as possibilidades de superação coletiva das diversas formas de exclusão.

Segundo o Caderno de Formação do MST (2005a), o setor de formação é composto por um coletivo de homens e mulheres que tem a responsabilidade de promover os cursos e manter a qualidade das discussões no MST. Esses cursos têm vários níveis e etapas, e podem ser feitos nos assentamentos para evitarem maiores gastos. Há cursos para a militância do MST e cursos a nível nacional. Para o MST, a formação tem objetivos bem definidos e fundamentais para a manutenção da organização. É um processo permanente que deve estar vinculado com as lutas; tem o intuito de estabelecer uma nova ética e uma nova moral no MST: combater os vícios e desvios políticos da militância, ensinando a planejar as atividades e orientando a conduta da militância. “A formação deve compreender a cultura, saber trabalhar as diferenças e estabelecer conteúdos diferenciados para os diferentes níveis de consciência” (MST, 2005a, p.22).

Com a estruturação maior do Movimento, foram elaborados cadernos de formação e educação, boletins e livros que tratam da temática do movimento camponês no Brasil; da reforma agrária; valores de uma prática militante; como organizar as escolas dos assentamentos, entre outros. Essas publicações são essenciais para dar uma linha de condução ao militante atuante, no setor de formação, bem como estabelecer a essência do movimento para todos os estados.

O MST se revela como um movimento social que resgata a concepção de educação como formação humana, e nesse processo incorpora novos valores, novas formas de SER

humano, forjadas na cotidiana labuta de conquistas e derrotas que propiciam a formação do sujeito histórico, agora com uma identidade: Sem Terra¹⁰.

É importante deixar claro que esse processo de formação dos sem-terra é contínuo, mas também há nele o confronto com a própria subjetividade de cada indivíduo, que, imerso no sistema capitalista, está sujeito às suas contradições, propiciando, consequentemente, uma luta interna que o faz avançar na síntese de novas elaborações e por vezes recuar. Esses conflitos são vivenciados por todos aqueles que tentam se despir de antigos valores que fazem parte da sua formação. Assim, os espaços de formação dos sem-terra caracterizam-se por propiciar elementos fundamentais para o nascimento de novas relações, fundamentados num projeto de sociedade socialista, também são espaços que vivenciam as contradições inerentes a qualquer processo de transformação.

2.1 A EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL NO MST

A formação humana está diretamente relacionada com a educação, com o trabalho e a cultura de um povo, e isso significa que o processo de ensino-aprendizagem é construído ao longo da vida social e não está apenas circunscrito ao espaço escolar. Os conhecimentos são assimilados na vivência social. No decorrer do tempo, a cultura vai se transformando, renovam-se os valores e costumes que vão sendo assimilados pelo povo, re-elaborados, re-significados e transmitidos por gerações. A cultura e a educação são assimiladas nos diversos espaços interativos de maneira formal, informal ou não-formal. A educação formal é aquela que se dá no espaço escolar, requer tempo, uma organização espacial e estrutural para o seu funcionamento e é norteadas pelas Diretrizes Nacionais para a Educação. Ela visa o ensino e a aprendizagem do educando, porém tem uma estrutura estabelecida, e os conteúdos trabalhados são preestabelecidos pela legislação educacional, e, apesar de cada unidade escolar ter autonomia para instituir o processo educativo, respeita uma estrutura

¹⁰ O fato é que há no Brasil, hoje, um novo sujeito social que participa ativamente da luta de classes, com sua identidade e seu nome próprio: Sem Terra. Neste sentido Sem Terra é mais do que sem-terra, exatamente porque é mais do que uma categoria social de trabalhadores que não têm terra; é um nome que revela uma identidade, uma herança trazida e que já pode ser deixada aos seus descendentes, e que tem a ver com uma memória histórica, e uma cultura de luta e de contestação social. (Caldart, 2001b, p.129)

hierárquica de progressão por série ou anos de estudo, pretendendo formar o indivíduo para exercer a plena cidadania.

A Educação informal é aquela que se dá em múltiplos espaços em que o indivíduo adquire e acumula conhecimentos no dia a dia, seja no trabalho, em casa, em momentos de lazer.

Para Maria da Glória Gohn, a educação informal se dá em:

(...) espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc [...] opera em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados [...] trata-se do processo de socialização dos indivíduos [...] não é organizada, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiências anteriores. (GOHN, 2006, p. 3 - 5).

A educação não-formal é uma educação organizada, sistemática, porém acontece em múltiplos espaços: igrejas, sindicatos, associações de bairros, movimentos sociais, entre outros. Segundo Gohn (2006), os objetivos dessa prática educativa são construídos, interativamente, no dia-a-dia, tendo como meta a transmissão de informação e formação política e sociocultural. A educação não-formal é um campo de estudo dentro da educação, até então pouco valorizada, e desconhecida, apesar de ser uma forma de atuação muito utilizada por organizações não governamentais, movimentos sociais, sindicatos, associações comunitárias, em geral, toda organização que tenha em vista a formação do indivíduo.

Nos tempos atuais, a educação vem sendo tratada como mercadoria, haja vista o surgimento de tantas Faculdades sem a devida qualificação para a função e o sucateamento das Escolas e Universidades Públicas. O Estado cada dia mais se exime de assumir a obrigação garantida pela constituição, e os menos favorecidos veem-se excluídos do ambiente escolar. Para isso, a educação não-formal supre, de certa forma, essa carência intencional de formação, e, a depender da organização onde está sendo proposta, tem um direcionamento específico. Gohn, ao comparar a educação não-formal com as outras modalidades de educação, aponta os seus principais atributos:

“Não é organizada em séries/idades/conteúdos; atua sobre aspectos subjetivos do grupo, trabalha e forma a cultura política de um grupo. Desenvolve laços de pertencimento. Ajuda na construção da identidade

coletiva do grupo (este é um dos grandes destaques da educação não-formal na atualidade) [...] Fundamenta-se no critério da solidariedade e identificação de interesses comuns e é parte do processo de construção da cidadania coletiva e pública do grupo”. (GOHN, 2006, p. 5).

Para Moacir Gadotti (2005), toda a educação é uma forma de educação formal, pois tem intencionalidade, só sendo diferenciado o espaço onde é aplicada. Na escola ela é marcada pela formalidade, regularidade e seqüencialidade. Na cidade, um dos espaços de educação não-formal, ela é marcada pela descontinuidade, eventualidade e informalidade, porém também pode ser uma atividade educacional organizada e sistemática.

Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo. O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças e as capacidades de cada um, de cada uma. Uma das características da educação não-formal é a sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços. (GADOTTI, 2005, p. 2)

Gadotti (2005) afirma que não há como se estabelecer fronteiras muito rígidas entre o que é formal e não-formal, mesmo porque na escola e na sociedade vários modelos culturais interagem, e o currículo escolar intercultural reconhece a informalidade como educação do futuro.

No MST, a educação não-formal permeia toda a sua organização, está intrínseca ao movimento, e é no dia a dia da luta que os sem-terra aprendem a dinâmica organizativa do MST, sendo que a oralidade é a ferramenta principal de transmissão dos conteúdos.

O MST, periodicamente, realiza cursos intensivos de formação política e ideológica com o intuito de formar a militância do movimento. Esses cursos são ministrados por militantes do MST e por intelectuais que apóiam a causa do Movimento. Segundo depoimentos de diversos militantes, os sem-terra ficam imersos num centro de estudos com uma rotina diária de dez horas de estudo e atividades práticas. Em geral, são pessoas que estão sendo preparadas para exercerem suas funções nos setores que coordenam ou são selecionadas para coordenarem uma região.

Nos cursos formais em parcerias com as universidades, a dinâmica não-formal está presente e é responsável por toda a estrutura organizativa extra-sala de aula. A organização dos grupos, a mística, as palavras de ordem, a divisão de tarefas para os cuidados básicos dos

locais onde os cursos acontecem, a intervenção nos acampamentos da redondeza, as músicas, as festas, as rodas de causos ou piadas, tudo é organizado e planejado pelos sem terra, e fazem parte também da formação, porém não está incluído no currículo formal.

As ocupações de terras se tornam um dos melhores espaços de aprendizagem da dinâmica organizativa do movimento. Quando acontece a ocupação, os sem-terra militantes exercem o papel de orientar os que estão se inserindo no movimento. As brigadas são formadas e são selecionados alguns brigadianos. Cada brigadiano selecionado será responsável por um setor: cozinha, infra-estrutura, educação, saúde, ciranda, segurança, entre outros. Esses momentos iniciais da ocupação são extremamente ricos em formação, onde os sem-terra que estão se incorporando ao movimento aprendem os princípios básicos do MST, os valores, a organicidade. Nesse período inicial da ocupação, há um forte apoio dos sem-terras que estão assentados ou mesmo acampados, mas que já estão preparados para serem os formadores/educadores desse novo grupo.

Dessa forma, a educação não-formal perpassa toda a estrutura organizativa do MST, e é fundamental para a formação humana com os princípios básicos de vida, de convivência, de valores, de luta que o MST quer propagar.

Nessa trajetória de formação dos sem-terra, o MST buscou apoio em várias teorias utilizando recortes que fundamentavam as demandas e anseios do Movimento por uma formação integral. A teoria Freiriana é uma delas. E, na minha concepção, a que melhor responde às questões levantadas no processo educativos conjugados com a luta pela terra.

2.2 A EDUCAÇÃO NO MST E A SUA RELAÇÃO COM O LEGADO FREIRIANO

Já se passaram quarenta anos do lançamento do livro *A Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire, e a sua teoria continua atual, e fundamenta a pedagogia de luta em movimento, praticada pelo MST.

Paulo Freire ensinou e aprendeu o seu método de alfabetização no mundo de acesso dos despossuídos da terra, tendo como intencionalidade o reverso desse quadro. Seu trabalho com a educação popular tinha por essência a libertação dos oprimidos, uma maneira intencional de fazer educação a partir dos interesses dos meios populares de modo a

contribuir para os processos de transformação social. Por isso foi tão contestado, e o seu método desvalorizado aqui no Brasil. Paulo criou um método de trabalho para alfabetização de adultos que nunca foi, efetivamente, implementado pelo sistema educacional brasileiro, permanecendo atual e progressista, incomodando, apesar de seus quarenta anos. Essa metodologia estabelece uma relação de troca entre educador e educandos, de forma dialógica, e parte do contexto histórico do educando.

A teoria de Paulo Freire foi construída apoiada na prática, em situações concretas de existência, por isso ela é dinâmica e atual, já que se constrói com o movimento humano, com o sujeito interagindo na sociedade, reclamando os seus direitos de cidadão, construindo a história dos deserdados da terra em processo de superação.

O MST conseguiu ter essa percepção, valorizar e apropriar-se dessa práxis pedagógica, utilizando-a na formação dos sujeitos históricos Sem Terra. Práxis que se dá no cotidiano da luta pela terra, e, principalmente, por adotarem uma estrutura organizativa que possui representação desde a base do MST, valorizando, dessa forma, todos aqueles que se mantêm vinculados ao Movimento, dando-lhes espaço para a participação direta na construção das formas de atuação do Movimento.

Apesar da sua ausência física, Paulo Freire é uma presença marcante no MST:

“No MST, são inúmeras as homenagens prestadas a ele, seja na mudança de nomes das antigas fazendas em novos assentamentos, nos centros de formação ou em escolas de ensino fundamental. Sua obra é lida em todos os cursos de formação de educadores, do ensino médio à graduação, e nos de formação política; seu rosto aparece nos murais e pinturas feitas pelos artistas que lutam pela terra e pela emancipação de toda a classe trabalhadora; seus ensinamentos aparecem nas palavras de ordem, nas místicas e nas músicas feitas pelos educandos da terra de todos os cantos do Brasil”. (BOGO, 2007, p.1).

Paulo Freire e a sua teoria continuam vivos nas práticas educativas do MST. O MST pôs “em movimento” a sua proposta dando fundamento à dinâmica pedagógica e organizativa que o diferencia dos demais movimentos sociais. A educação está no cerne do MST paralela à luta pela terra e pela transformação da sociedade, pois os seus espaços de atuação são pedagógicos, sejam eles de organização interna, de mobilizações, de enfrentamentos ou de ordem estabelecida.

Paulo Freire, na *Pedagogia do Oprimido*, traz dois conceitos que são fundamentais para a pedagogia de luta do MST: conscientização e libertação. A conscientização é a possibilidade do ser humano de desvelar a realidade e inserir-se no processo histórico como sujeito.

“A conscientização implica, pois, que ultrapassemos a esfera espontânea de apreensão da realidade, para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica”. (FREIRE, 1980. p.26).

A conscientização é um compromisso histórico, por isso não pode existir fora da práxis. É um fazer e refazer a vida num processo dialético de movimento humano, onde o ser humano assume o papel de sujeito, mas isso não implica em paralisação. A vida é criação e deve ser motivo eterno de reflexão.

“Considerar a nova realidade como algo que não possa ser tocado representa uma atitude tão ingênua e reacionária como afirmar que a antiga realidade é intocável [...] Se os homens, como seres que atuam, continuam aderindo a um mundo “feito”, ver-se-ão submersos numa nova obscuridade”. (FREIRE, 1980, p.27).

Segundo a proposta Freiriana (1980), a conscientização ultrapassa o limite de apenas ter consciência da situação, é uma superação que insere criticamente o ser humano numa realidade desmistificada “Denúncia radical das estruturas desumanizantes, que marcha junto, com a proclamação de uma nova realidade que pode ser criada pelos homens” (p.90)

A libertação é a “vocação ontológica” da humanidade, enraizamento na opção de transformação da situação real e opressora em que vivem a “práxis da busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela”. (FREIRE, 1987a. p.31)

A Pedagogia da luta pela terra, implementada pelo MST, leva o sem-terra à reflexão, tendo como conteúdo a situação de opressão e desigualdade em que vive o trabalhador rural, e a possibilidade de superação dessa situação através da luta pela conquista da terra de trabalho e de todos os direitos sociais do trabalhador.

Paulo Freire (1987a) aponta um questionamento importante: como pode o trabalhador oprimido, que hospeda o opressor em si, ser sujeito dessa pedagogia que busca a libertação, já que viveu toda vida subjugado, tendo como modelo de humanidade o opressor,

contradição presente em toda a sua existência. “Daí esta quase aberração: um dos pólos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com o seu contrário.”(p.33).

Essa é uma questão importante que vem sendo tratada internamente, pois é motivo de muitos confrontos entre os princípios políticos e filosóficos do MST, e a efetiva prática de lideranças orgânicas que por vezes convivem com essa dualidade em si; assumindo posições autoritárias e individualistas que desvirtuam as intenções democráticas propagada pelo Movimento. Por isso, o Movimento adota uma direção coletiva, sem delegar a decisão final a uma só pessoa. Para Bogo:

A filosofia de se estabelecer uma direção coletiva – adotada por nós, e todos os novos movimentos, agora, seguem este princípio - não é simplesmente para não se ter presidente, mas fundamentalmente para evitar que uma pessoa se outorgue o direito de representar milhares de pessoas, dizer e fazer o que bem entender quando for eleito para isto. (BOGO, 1999, p.38).

Paulo Freire (1987a) aponta a libertação do oprimido como um parto, onde nasce um homem novo, que supera essa contradição através da luta (p.35). “E nessa práxis, se desvela a opressão e percebem-se os mitos que a alimentam (p.38).

É no fazer a luta para libertar-se da situação opressiva que os sem-terra descobrem-se homens e mulheres com direitos, e compreendem que o capitalismo gera a falta de dignidade para viver, representada pela falta de trabalho, educação, saúde e moradia. E, principalmente, ao estarem discutindo a situação de opressão que o trabalhador vivencia, descobrem-se iludidos por uma ideologia da conformação, do silêncio, que os leva a acreditar em dogmas como a incontestabilidade do direito à propriedade privada.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser pedagogia dos homens em processo de transformação. (FREIRE, 1987a, p.41)

Para os sem-terra, então, acontece uma reviravolta ao perceberem o mundo que os oprime, e posteriormente, a necessidade de expulsar os “mitos criados” (p.42) que deverão ser

extirpados para que ocorra a construção de novas formas de sociabilidade, intrínseca à estrutura organizativa do MST.

Então, dá-se um marco: um ponto de rompimento com a concepção de sociabilidade até então vivenciada por eles. Imerso no Movimento, o trabalhador rural sem-terra interage com os companheiros participando do processo de luta pela terra de trabalho e das lutas paralelas em busca de mudanças na estrutura social exclusiva que vivenciam. Para Roseli Caldart:

A formação dos sem-terra, pois, não se dá pela assimilação de discursos, mas, fundamentalmente, pela vivência pessoal em ações de luta social, cuja força educativa costuma ser proporcional ao grau de ruptura que estabelece com padrões anteriores de existência social destes trabalhadores e dessas trabalhadoras da terra, exatamente porque isto exige a elaboração de novas sínteses culturais. (CALDART, 2000, p. 106)

Esse movimento pedagógico de conscientização e libertação da opressão dá-se na coletividade em movimento, produzindo “aprendizados coletivos, que, aos poucos, se conformam em cultura” (p.106). Para Paulo Freire:

Somente quando os oprimidos descobrem, nitidamente, o opressor, e se engajam na luta organizada por sua libertação, começam a crer em si mesmos, superando, assim, sua “convivência” com o regime opressor. Se esta descoberta não pode ser feita em nível puramente intelectual, mas da ação, o que nos parece fundamental é que esta não cinja a mero ativismo, mas esteja associada a sério empenho de reflexão, para que seja práxis. (FREIRE, 1987a. p.52).

Paulo propõe uma relação dialógica permanente como instrumento de reflexão, e este conduzirá a prática, “ação e reflexão, como unidade que não deve ser dicotomizada” (p. 53).

O diálogo implica em uma troca de saberes, humildade de saber que não sabe tudo, nunca poder ser objeto de manipulação, pois, senão, torna-se opressão. O diálogo é horizontal, saber falar, mas também saber ouvir o outro. O diálogo se manifesta com a fé dos seres humanos de que podem fazer e refazer, dado à sua imperfeição, num movimento eterno de busca. (p.82)

É através do diálogo que se dá a formação dos sem-terra, diálogo de construção das estratégias de luta, da organização das ocupações, acampamentos e assentamentos. Diálogo que está presente em espaços diversos onde o povo se reúne e organiza a sua vida em comum. O diálogo está presente na organicidade¹¹ do Movimento, porque nada deve ser resolvido somente pelas lideranças - as resoluções devem vir através de reuniões com o grupo de interesse, e só assim, depois do debate, as resoluções devem ser tomada.

Freire fundamenta essa atuação do MST:

A ação política ao lado dos oprimidos deve ser uma ação pedagógica no verdadeiro sentido da palavra e, portanto, uma ação com os oprimidos. Os que trabalham para a libertação não devem aproveitar-se da dependência emocional dos oprimidos, que é fruto de sua situação concreta de dominação e que dá origem à sua visão inautêntica do mundo. Utilizar sua dependência para aumentá-la é a tática do opressor. [...] A convicção dos oprimidos de que devem lutar por sua libertação não é um presente dos líderes revolucionários, mas resultado de sua própria conscientização. (FREIRE, 1980. p. 85)

Na teoria dialógica Freiriana (1987a), o amor pelos homens e pelo mundo; a fé na capacidade humana de fazer e refazer-se para humanizar-se; a esperança que move o ser humano em constante busca; o pensamento crítico que tem a realidade como um processo em evolução, são essenciais para que exista o diálogo.

Paulo Freire aponta algumas características da Teoria da Ação Dialógica que são fundamentais e estão presentes na dinâmica educativa do MST: a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural.

¹¹ Chamamos de organicidade a relação que deve ter uma área de atuação do movimento de massas com todas as outras, isto porque um movimento social, nos moldes do MST, é muito complexo e sua construção atinge várias dimensões da vida humana.

É fundamental efetuar a combinação entre movimento e organização, para evitar a desintegração gratuita do movimento social que adquire, através do tempo, a evidência política como o MST, mas carrega dentro de si enormes fragilidades espontâneas que devem ser superadas para que este movimento de massas passe, sem mudar sua natureza, para organização de massas, criando dentro de seu ser uma estrutura orgânica, que lhe dê sustentação.

O movimento que embora mobilize, articule e agite as massas não poderá sobreviver se estiver estruturado sobre a espontaneidade das mobilizações. Deverá criar e desenvolver uma estrutura própria que esteja voltada para suas necessidades, aglutinando em torno de tarefas específicas, todos os esforços empreendidos pelas mobilizações, que não conseguem manter-se por muito tempo. (BOGO, 1999, p.131)

A colaboração se realiza na comunicação estabelecida entre as lideranças e massas populares que buscam libertar-se num processo de adesão a causa, tendo como foco a análise crítica da realidade com o intuito de desvelar o mundo, desmistificando-o. Isso se dá de forma interativa, onde os indivíduos tornam-se sujeitos do processo. “... ninguém desvela o mundo ao outro e, ainda quando um sujeito inicia o esforço de desvelamento aos outros, é preciso que estes se tornem sujeitos de ato de desvelar” (p.167). E para ter a adesão das massas populares à causa da libertação, é preciso que essas tenham confiança em si e nas lideranças.

A liderança tem um papel fundamental na organização do Movimento. È através do exemplo das suas ações que a liderança consegue estabelecer a confiança dos sem-terra que se aproximam do MST. O papel da liderança é fluido, pois estes assumem a coordenação dos setores¹² de acordo com as necessidades do Movimento e também com o intuito formativo, pois, assim, adquirem experiências em diversas frentes de trabalho organizativo. São pessoas que por vontade política, alimentadas por uma mística, ajudam na organização do Movimento se responsabilizando por tarefas, muitas vezes árduas, em função do crescimento e propagação dos princípios políticos e filosóficos do Movimento.

Na teoria da ação dialógica, a união entre os oprimidos é outro ponto crucial para promover a libertação, tarefa que cabe as lideranças, e, para isso, é preciso “desideologizar”:

Se, para manter divididos os oprimidos se faz indispensável uma ideologia da opressão, para a sua união é imprescindível uma forma de ação cultural através da qual conheçam o *porquê* e o *como* de sua “aderência” à realidade que lhes dá um conhecimento falso de si mesmo e dela. (FREIRE, 1987a, p. 172)

As massas oprimidas devem compreender que são seres transformadores da realidade, através do seu trabalho. A desideologização não pode caracterizar a passagem de uma compreensão da realidade para outra, é preciso que “exerçam um ato de adesão à práxis verdadeira de transformação da realidade injusta” (p.173).

A organização popular é o curso natural da unidade das massas populares que têm como tarefa central a libertação dos homens e mulheres. Para ser dialógica, não pode ser

¹² Organização coletiva onde discutem, planejam e encaminham questões relacionadas com os problemas do assentamento ou acampamento. São eles: produção, educação, formação, saúde, gênero, comunicação, cultura (MST, 2005, p.6)

autoritária nem licenciada, “é o momento altamente pedagógico, em que a liderança e o povo fazem juntos o aprendizado da autoridade e da liberdade verdadeiros que ambos, como um corpo só, buscam instaurar com a transformação da realidade que os mediatiza” (p.178).

Para Ademar Bogo (1991), “É um erro pensar que da simples mobilização do povo surgirá um processo de transformação social e humana. É preciso planejar o resultado e construir a organização popular com orientação política, métodos corretos e mística revolucionária.”(p.48)

A estrutura organizativa do MST é o ponto central, a mola mestra por onde conflui todas as práticas educativas não-formais que caracterizam o MST como “sujeito educativo”¹³, onde são formados os sem terra que dele se aproxima e conseguem compreendê-lo como espaço coletivo de re-apropriação da sua humanidade. Para Roseli Caldart:

É através de seus objetivos, princípios, valores e jeito de ser, que o Movimento intencionaliza as suas práticas educativas, ao mesmo tempo que, aos poucos, também começa a refletir sobre elas, à medida que se dá conta de sua tarefa histórica: além de produzir alimentos em terras antes aprisionadas pelo latifúndio, também deve ajudar a produzir seres humanos ou, pelo menos, ajudar a resgatar a humanidade em quem já imaginava perdida. (CALDART, 2000, p. 199)

Por fim, na Pedagogia do Oprimido, Paulo Freire aponta a síntese cultural como uma das características da teoria da ação dialógica que enfrenta a cultura enquanto sustentáculo da estrutura em que se forma. Assim, essa forma de ação historicista, coloca-se como uma plataforma de superação da própria cultura alienada e alienante. Os oprimidos, juntamente com as lideranças, fazem uma análise crítica da realidade:

Em lugar de esquemas prescritos, liderança e povo, identificados, criam juntos as pautas para sua ação. Uma e outro, na síntese, de certa forma renascem num saber e numa ação novos, que não são apenas o saber e a ação da liderança, mas dela e do povo. Saber da cultura alienada que, implicando a ação transformadora, dará lugar à cultura que se desaliena. (FREIRE, 1987a, p. 181)

¹³ Caldart, Roseli. Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que Escola. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

Segundo Freire a liderança deverá levar em conta a visão de mundo do oprimido, ou seja, a totalidade cultural que o compõe como ser humano, para juntos problematizar o significado da própria reivindicação, caracterizando a síntese cultural como uma estratégia interativa em que oprimidos e lideranças, envolvidos na práxis revolucionária, avançam no processo de libertação.

Ademar Bogo deixa explícito no seu texto, “A formação ideológica dos Camponeses”, a importância de considerar a visão de mundo dos sem-terra:

É inegável que o ponto de partida para qualquer reflexão sobre formação ideológica, deve ser o lugar social em que se encontram as pessoas, para que primeiramente se compreendam como seres sociais e em seguida, compreendam a realidade que os rodeia, sintam motivação e interesse em transformá-la. (BOGO, 1998 p.5)

No MST, as reuniões entre os coordenadores são constantes, existe uma preocupação de que as ações sejam planejadas com a coletividade, e as decisões acordadas com a anuência da maioria. Mesmo quando acontecem os grandes encontros, nas assembléias, todos têm oportunidade de fazer as suas colocações, sendo respeitados e ouvidos, independente de suas crenças e compreensão da realidade. Nesses espaços observamos um exercício vivo de cidadania e democracia.

2.3 AÇÃO CULTURAL E REVOLUÇÃO CULTURAL

Para Freire (1987b) a diferença fundamental entre a classe dominante e os movimentos revolucionários é a natureza utópica dos movimentos, sendo necessários a “denúncia das estruturas de dominação e o anúncio de uma nova realidade a ser criada” (p. 81), um “compromisso histórico” (1980, p.27), cabendo a liderança revolucionária comungar com as massas populares no sentido de respeitá-las e construir coletivamente, na relação dialógica, as ações, mantendo a coerência entre o seu discurso e a prática.

[...] a utopia revolucionária tende ao dinâmico e não ao estático; ao vivo e não ao morto; ao futuro como desafio a criatividade humana e não ao futuro como repetição do presente; ao amor como libertação e não como

posse patológica; a emoção da vida e não as frias abstrações; a comunhão e não ao gregarismo; ao diálogo e não ao mutismo; a práxis e não à ordem e à lei, como mitos; aos seres humanos que se organizam criticamente para a ação e não a organização deles para a passividade; à linguagem criadora e comunicativa e não aos “slogans” domesticadores; aos valores que se encarnam e não aos mitos que se impõem.

(FREIRE, 1987b. p. 79)

Para Freire (1980), a ação cultural para a liberdade é dialógica e visa à conscientização, problematizando e fazendo uma crítica radical e rigorosa da ideologia; “convida os homens a captarem com seu espírito a verdade de sua própria realidade” (p. 91), e assim, a nova realidade que se “anuncia” se constrói como um projeto histórico a ser realizado pelos dominados. “Assim, a ação cultural para a libertação, que caracterizou o movimento que lutou pela realização do anúncio, deve transforma-se em revolução cultural”.(p.82).

A utopia/profecia Freiriana de revolução cultural, ainda está por vir e tomar conta no nosso país. O MST já implementa um esboço dessa revolução cultural, nos seus acampamentos e assentamentos. Podemos constatar que a formação do Movimento é voltada para forjar um novo homem e uma nova mulher, cultuando valores há muito tempo esquecidos pela sociedade capitalista, como a solidariedade, a valorização do coletivo, a união entre as pessoas, as resoluções democraticamente acordadas. Para Paulo Freire, ao se estabelecer a ação cultural, os valores introjetados pelos dominados começam a ser expulsos dando lugar a uma nova cultura, que nasce no seio da velha cultura, havendo a necessidade de extirpar esses vestígios e promover sempre a crítica, já que a nova cultura que se estabelece deve também sofrer análise crítica.

O sem-terra quando se aproxima do MST vem “politicamente analfabeto” (p.74), é no processo da organização que ele vai se formando e aprendendo a ler o mundo com um olhar crítico; vai aprendendo a compreender o processo de opressão social, política, ideológica, e econômica a que está submetido. Passa a compreender-se na condição de classe dominada, expropriada¹⁴ da terra e dos instrumentos de trabalho, ou seja, apartado dos meios de produção, e tendo a necessidade de manter o sustento, tornam-se mão de obra sujeita a exploração pelo capitalismo.

¹⁴ A expropriação constitui uma característica essencial do processo do crescimento do capitalismo, é uma componente da lógica da reprodução do capital. O capital só poderá crescer, só poderá se reproduzir à custa do trabalho, porque só o trabalho é capaz de criar riqueza. Por isso, uma lei básica do capital é a de subjugar o trabalho. (MARTINS, 1980. p. 39)

A formação dos sem-terra é uma ação político-pedagógica que o Movimento busca implementar já nos primeiros contatos de aproximação, quando estão na formação de grupos, nas reuniões de frente de massa, onde o responsável começa a fazer o debate sobre a conjuntura política desvelando com o favelado, o expropriado da terra, o lupem da sociedade, a situação de opressão e a possibilidade da luta coletiva para reverter esse quadro. Ao inserir-se no MST, os sem-terra passam a participar da estrutura organizativa complexa do Movimento, e nessa inserção, começam a ter uma melhor clareza político-ideológica, e paulatinamente iniciam uma transformação das relações em que se veem envolvidos.

A vivência cotidiana de novas relações sociais e interpessoais é que consegue começar a mudar a cabeça e o coração das pessoas, recuperando certos valores que já tinham perdidos ou nem conheciam [...] Em nossa pedagogia, pois, o trabalho, a divisão de tarefas, a organização das pessoas para garantir determinada ação não são apenas uma necessidade a ser suprida; são uma ferramenta pedagógica no cultivo dos valores, exatamente aqueles que serão capazes de nos fazer continuar em movimento. (CALDART, 2001a, p.23).

Para Bogo (1999) é necessário que a massa compreenda a história já feita para que assim consigam fazer história, interpretando-a, junto com os dirigentes, com o intuito de transformá-la.

Devemos entender, portanto, que as condições objetivas da realidade não são somente o desenvolvimento das forças materiais; mesmo os elementos subjetivos (organização, consciência, valores) se tornam elementos objetivos, pois estes precisam fazer-se concretos para que a transformação aconteça. Também outras dimensões da vida humana, geralmente relegadas, devem ser colocadas na esfera da realidade social e política, e interpretadas, valorizadas e contempladas pelos objetivos políticos que estabeleçamos, tais como a religião, a arte, a língua, os costumes etc. Tudo isso faz parte da vida objetiva da sociedade e constitui a consciência social de um povo. (BOGO, 1999, p.50-51)

O legado de Paulo Freire está presente na Pedagogia de Luta do MST. Suas palavras servem de alicerce para a luta e também para a utopia de tornar a sociedade mais humana.

Enfim, a teoria Freiriana, nos remete a pensar uma educação que ultrapassa os limites da escola formal, trazendo as questões políticas e ideológicas para as práticas educativas. A pedagogia do MST nos mostra a concretude do legado Freiriano.

3. APROXIMAÇÕES COM O MOVIMENTO DA MARCHA

- Quantos anos o senhor tem?

- Setenta e cinco!

- Vixe!

- E não se cansa não?

- Cansa o que? Ah, minha irmã! a serra que eu subo pra minha roça todo dia... 30 dia contado. Na luta do povo ninguém se cansa não. De jeito nenhum.

(Seo João)

Na história da humanidade, as marchas se fizeram presentes em diferentes períodos e culturas, como forma de mobilização social, com intenções das mais diversas. Segundo Chaves:

“A grande marcha do sal” organizada por Gandhi, em uma cruzada pacífica pela libertação da Índia; “a grande marcha”, de caráter militar, organizada por Mao Tse-tung, na China; a marcha promovida por Martin Luther King, a favor dos direitos civis da população negra americana; a “Coluna Prestes”, empreendida pelos tenentistas brasileiros no início do século são uns poucos exemplos da diversidade de que se reveste a manifestação coletiva. (CHAVES, 2000, p.19)

Desde a gênese do MST que a marcha se fez presente como forma de mobilização, e com intuito de chamar atenção para o histórico e grave problema agrário que o golpe militar sufocou.

Uma grande mobilização dos trabalhadores rurais do Rio Grande do Sul foi registrada em um documentário intitulado “Terra para Rose”, por Tetê Moraes, que, inclusive, ganhou prêmios no festival de Brasília e de Cuba. Nesse documentário está registrada a primeira marcha dos trabalhadores rurais que ocupava a fazenda Anoni. Os trabalhadores, cansados de esperar que houvesse a desapropriação da terra, fizeram uma marcha num percurso de 300 km até à assembléia legislativa, e lá ficaram acampados por seis meses.

Essa forma de mobilização é histórica no MST, desde a época em que eram movimentos isolados. Para Betão¹⁵, coordenador do MST- Bahia:

A marcha está no campo histórico, a marcha faz parte do processo de luta do movimento. Desde o início da organização que as ocupações de terra e as marchas estão juntos, são formas de luta. A ocupação é forma de luta, a marcha é forma de luta, é forma de pressionar o governo e mostrar para a sociedade que estamos organizados, pra mostrar para a sociedade que o movimento sem terra tem uma proposta, é uma forma de divulgar o movimento e mostrar para a sociedade que o movimento não é aquilo que a mídia mostra. Desde o início do movimento a gente trabalha essas marchas, essas caminhadas, já faz parte do cotidiano do movimento e em determinado momento se faz a marcha com objetivos até diferenciados, de acordo o momento. É o momento político que determina as ações. (BETÃO, 2004)

A marcha, além de buscar visibilidade para o Movimento, também vem acompanhada de outras ações, a depender dos interesses coletivos dos sem-terra. Segundo Betão:

A marcha incorpora outras questões, temos problemas a resolver sobre desapropriação de áreas, vistoria de áreas e crédito. Aproveita nesse momento e desencadeia um processo de negociação com o governo do estado, como INCRA e com os órgãos responsáveis pela reforma agrária, então aproveita um momento de uma marcha dessa e faz negociações (BETÃO, 2004).

A Marcha reproduz a organização que o MST tem nos acampamentos e assentamentos. As pessoas são divididas em brigadas, e estas contam com um coordenador e uma coordenadora, sendo que cada brigada é dividida em várias equipes ou comissões de trabalho: infra-estrutura, saúde, disciplina e segurança, água, mística e animação, comunicação, formação e cozinha. Segundo Betão (2004), essas equipes são criadas de acordo com as necessidades de cada marcha:

A organização dessas marchas é tocada pela direção do estado em conjunto, é dividido nas regionais que organiza seu pessoal, que cria uma coordenação da marcha e que toca a marcha e as várias linhas orgânicas dentro marcha. Cada regional tira as comissões de barraca, subdivide as cozinhas e outras comissões, se precisar. Trabalha-se a partir de comissões que vão se criando no processo, dentro das necessidades que se tenham ou não de puxar as linhas de organização. (BETÃO, 2004)

¹⁵ Todas as pessoas entrevistadas serão identificadas apenas pelo prenome

Nesse depoimento, Betão deixa claro que a organização da marcha faz parte de um processo de construção coletiva, onde as comissões de trabalho são criadas a depender das necessidades acordada pela regional. Na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, a organização se processou com articulação nacional, já que seria uma grande mobilização com doze mil participantes, e, para isso, deveria ser subdividida em um número maior de grupos de trabalho e coordenações com o intuito de atender as demandas organizativas que um evento desse porte suscitaria.

3.1 A MARCHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA

A Marcha Nacional pela Reforma Agrária foi organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, Comissão Pastoral da Terra, Via Campesina e Grito dos Excluídos. Outros movimentos também fizeram parte da marcha, como o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), o Movimento dos Trabalhadores Desempregados (MTD), o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), o Movimento pela Estatização de Fábricas Ocupadas, o Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), o Centro de Mídia Independente (CMI), Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB), além de representante de sindicatos, jornalistas, vídeos-documentaristas, fotógrafos, representante de instituições internacionais, e pesquisadores.

Segundo o Caderno Mutirão do MST (2005), com o intuito de organizar e qualificar a Marcha Nacional como um espaço de formação e construção de organicidade, foi realizado o V Mutirão Nacional de Formação e Trabalho de Base que objetivava a preparação para a Marcha Nacional. A metodologia de ação para essa preparação foi discutida no Coletivo Nacional de Formação e deveria ser implementada por cada estado. Esse processo tinha como objetivos:

- a) Preparar os marchantes para a participação mais consciente no processo. E os que ficam saber o por quê da marcha;
- b) Esclarecer os objetivos, a importância e a necessidade da marcha nesse momento político, nessa conjuntura atual;

- c) Continuar avançando e acumulando no processo de formação e organicidade da base;
- d) Fortalecer a mística em torno da marcha e da luta pela reforma agrária;
- e) Esclarecer a sociedade os motivos e objetivos da marcha. (MST, 2005b, p.6)

Essa preparação se deu nos acampamentos e assentamentos e fundamentou o entendimento dos sem-terra para a importância dessa mobilização. Nesses encontros de preparação foram estudados os seguintes pontos: “elementos para compreender a conjuntura da luta pela reforma agrária; por que é necessário fazer reforma agrária?; estrutura organizativa da marcha e orientações gerais e por que marchamos?” (MST, 2005b, p. 6)

No Caderno Mutirão foram apresentados dez pontos para que os sem-terra entendessem a conjuntura, orientassem os trabalhos de base e a relação entre o MST, a sociedade e o governo:

Nosso inimigo principal é o latifúndio; o governo federal pode ser nosso aliado na luta pela Reforma Agrária e contra o latifúndio; o Estado brasileiro é um aparelho de dominação burguesa e, portanto será um entrave para o avanço da Reforma Agrária [...]; Precisamos lutar também contra o modelo do agronegócio [...]; na luta contra o modelo agrícola, estaremos enfrentando os interesses do imperialismo[...]; devemos levar adiante a luta contra os transgênicos e pela defesa do controle das sementes pelos agricultores[...]; devemos também atuar na luta contra a ALCA, porque a ALCA representa o arcabouço jurídico do projeto de dominação do capital estrangeiro, em especial as multinacionais estadunidenses[...]; nossa tarefa interna, como movimento social, é, nesse momento, **acumular** forças. O **momento** é de disputar acumulando; para acumular forças significa que devemos ter a **base social** organizada [...]; acumular internamente significa também priorizar os esforços na formação de militantes e quadros. Significa manter-se alerta na defesa dos valores e princípios de nossa organização. Ou seja, devemos atuar com muita atenção para a elevação de nossas condições subjetivas, organizativas e ideológicas. (MST, 2005b, p. 10-11)

No período que ocorreu a Marcha Nacional, o Governo Lula estava no seu primeiro mandato e ainda não havia cumprido as metas, que teriam sido firmadas enquanto candidato, sobre a questão dos assentamentos das famílias acampadas nas beiras das estradas. A marcha tinha como propósito entregar uma pauta de reivindicações, com dezesseis pontos, para cobrar do governo atenção as demandas dos trabalhadores rurais sem-terra no que se referiam a questão agrária, mas também itens sobre a política neoliberal implementada pelo governo; a democratização da mídia; a participação da sociedade brasileira na construção de um novo projeto que atendesse as demandas sociais do povo brasileiro.

A Marcha Nacional aconteceu em maio de 2005. O encontro de todos os marchantes¹⁶, oriundos de vinte e três estados do Brasil, se deu no Estádio Serra Dourada, em Goiânia, no dia trinta de abril. Era a intenção inicial que a marcha acontecesse em abril e culminasse com uma manifestação em Brasília, no dia dezessete de abril, Dia Internacional da Luta Camponesa, mas, devido a morte do Papa João Paulo II, e o vínculo estreito do MST com as instituições religiosas, foi transferida para maio.

A nossa brigada saiu do assentamento Eldorado dos Carajás, conhecida Fazenda Pitinga, dos Calmon de Sá, próxima a Santo Amaro. Saímos à noite, depois das dez horas. Fomos parando em diversos acampamentos para pegar o pessoal que iria compor a nossa brigada. Lá pela madrugada, tarefa cumprida, o ônibus se dirigiu a rodovia que nos levaria ao Estádio Serra Dourada em Goiânia. A viagem foi tranqüila, e à medida que íamos aproximando-nos de Goiânia a alegria tomava conta de todos. Era um público diverso, tinha jovens, adultos e idosos, acampados e assentados, exceto nós e uma pessoa chamada Flávio, cunhado de um militante, não éramos de fato do movimento. A viagem foi animada por cantorias com músicas populares brasileiras e músicas do MST, além de piadas. Houve momentos de informes como deveríamos nos organizar na chegada, mas isso só foi realmente estabelecido quando chegamos a Goiânia.

No dia trinta de abril, vários ônibus foram chegando e as pessoas se acomodando no Estádio Serra Dourada. Ficou decidido, anteriormente, em discussões organizativas da marcha, que os ocupantes de cada ônibus representariam uma brigada, e assim teriam de se organizar estabelecendo as divisões de tarefas, como é comum nos acampamentos e

¹⁶ Conceito utilizado pelo MST para designar as pessoas em marcha

assentamentos. O Estádio era grande, mas não possuía uma estrutura adequada para abrigar em torno de doze mil pessoas, deixando muito a desejar, principalmente, na questão da higiene, pois não possuía banheiros suficientes para atender aquela quantidade de pessoas. Nesses dias que ficamos acampados no Estádio, a alimentação veio através de doações do governo do Estado de Goiás, em marmitas descartáveis.

No dia primeiro de maio, pela manhã, houve uma assembléia de abertura iniciada por João Pedro Stedille com as seguintes palavras iniciais:

(...) travamos mais uma das grandes batalhas que o nosso Movimento e o povo camponês brasileiro travaram, nos últimos vinte e um anos da vida do nosso MST. Nós tivemos muitas batalhas gloriosas, muitos de vocês estiveram presentes nelas, os mais jovens talvez só tenham tomado conhecimento pelos seus pais e pelos livros, mas hoje, aqui, estamos começando mais uma jornada gloriosa da luta pela reforma agrária que os livros de história no futuro irão registrar, e vocês são os atores, os soldados dessa página da história do povo brasileiro. Essa longa caminhada, na qual planejamos chegar em Brasília dia dezessete de maio, precisa ser entendida no contexto geral da luta pela reforma agrária que o nosso Movimento vem travando nos últimos vinte anos, e mais especificamente nos últimos dois anos. (STEDILLE, 2005)

A seguir Stedille fez um panorama geral da conjuntura nacional, acusando o governo Lula de manter a política do governo anterior, priorizando o pagamento dos juros bancários em detrimento da grave situação social que afeta o nosso país. Posteriormente, comunicou a decisão nacional quanto à organização da marcha: haveria uma coordenação geral dividida em coordenação política, composta pelos dirigentes nacionais, e uma coordenação ampliada composta por coordenadores de cada brigada. Cada estado seria dividido em brigadas, e os componentes dos ônibus representariam uma delas. Cada brigada tinha dois coordenadores, um homem e uma mulher, e era dividida em dois núcleos de vinte a vinte e cinco pessoas, e cada núcleo teria dois coordenadores, um homem e uma mulher. Além de fazerem parte das brigadas e dos núcleos, os sem terra estariam vinculados a uma equipe, que serão descritas mais adiante.

Stedille, a seguir, falou que todas as tardes, após o descanso, haveria estudo e formação política, e que a cartilha da marcha que receberíamos seria o material básico de estudo, principalmente o terceiro capítulo. Fez recomendações quanto a não dormir tarde, no relento, caminhar sempre em fileira junto com a sua brigada, cuidar do seu material, e,

principalmente, tomar cuidado com os infiltrados. Avisou que a imprensa estaria credenciada e que existiriam pessoas da equipe de comunicação que seriam responsáveis por dar entrevistas aos jornalistas; que durante a marcha uma equipe de negociações do MST, composta por um representante de cada estado, estaria em Brasília.

Depois, nos comunicou como seria organizada a saída diária dos acampamentos e quais os estados presentes: Minas, Goiás, Paraná, Rio Grande do Norte, Pará, Espírito Santos, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Mato Grosso do Sul, Maranhão, São Paulo, Minas gerais, Santa Catarina, Paraíba, Tocantins, Bahia, Ceará, Rio de Janeiro, Rondônia, Piauí, Alagoas, Distrito Federal, Sergipe.

Ele falou sobre o horário a ser cumprido: alvorada entre 05:00H e 06:00H; café da manhã entre 06:00H e 07:00H; 07:00H início da marcha; almoço (o horário um pouco imprevisto); de 15:00H às 17:00H estudo e o debate; a partir das 17:00H, horário livre; 18:00H janta; 22:00H silêncio.

Como em todas as reuniões do MST, o evento é muito alegre, com músicas, mística..., e na marcha nacional não foi diferente. Os estados eram chamados e gritavam as suas palavras de ordem, as bandeiras agitavam-se, um mar de vermelho em forma de bandeiras estendia-se ao longo do caminho, bonés e camisas do MST com desenhos diversos representavam a identidade dos Sem Terra. Foi uma cena incrível, bonita de se ver; digamos que é muito difícil de não se sensibilizar com a causa desse movimento ao vivenciar uma dessas reuniões, pois ali estava apenas uma representatividade das pessoas que vivem e convivem com o calor e o frio debaixo de uma lona preta.

A segunda pessoa a falar na assembléia foi Ademar Bogo, militante conhecido por todos, autor de vários livros e do Hino do MST. Bogo, como de costume, proferiu palavras de encorajamento, e, no final, recitou um verso. Transcrevemos o seu depoimento na íntegra, pois consideramos fundamental para o entendimento da proposta de construção do Movimento

Estamos preparados para iniciar a nossa longa caminhada. O nosso movimento na história do Brasil, será marcado e lembrado pelas grandes lições que aprendeu coletivamente. É provável que depois de termos feito a reforma agrária no Brasil, depois que termos feito as transformações nas estruturas sociais, se adotará como hábito que em todos os lugares, as escolas, no campo, serão

organizados nesta forma, aonde todas as pessoas serão convidadas para passarem os dias, os meses, e talvez os anos, convivendo, trocando experiências, falando daquilo que acreditam e construindo de fato aquilo que ousamos chamar, seres humanos novos, com valores diferentes com vontades e espíritos diferentes... nós precisamos fortalecer imensamente esse momento, porque é daqui que possivelmente sairá as definições para os próximos passos. E rapidamente poderíamos destacar que a função dessa marcha esta situada em três pontos fundamentais; a nossa marcha em primeiro lugar significa um grande encontro de gerações, de gerações mais velhas, de gerações mais novas e de crianças que estão também dispostos e preparados para marchar. É um encontro de dirigentes e militantes mais antigos que decidiram a vinte e um anos atrás iniciar esse grande movimento que pudesse se transformar não só numa semente, mas numa grande árvore que produzisse fruto para alimentar a sociedade brasileira faminta de comida, de sonhos, e de esperanças. E nos conseguimos companheiros e companheiras, depois de vinte anos de história, estamos aqui, para esse grande encontro de comemoração. As gerações que passaram e ficaram para trás estarão presente, os mártires que morrem nas tocaias dos latifundiários estarão presente, e nos que também corremos todos os riscos de vida também estamos presente para testemunhar que a história não para no dia que os poderosos decidem. A história continua enquanto houverem pessoas decididas a levarem em frente as esperanças daqueles que sonharam e acreditaram em dias melhores, e somos nos os responsáveis para carregarmos dentro de nossas mochilas essas esperanças, quem sabe quantos anos, no coração e na consciência de pessoas que acreditaram num mundo melhor. É o encontro de um objetivo que está aqui, não tem dúvida que a reforma agrária precisa ser feita nesse país. Ninguém veio para cá enganado, todos nós que estamos aqui, acreditamos na possibilidade de fazer a reforma agrária, e é isso que vamos dizer ao governo federal: ou faz a reforma agrária ou sai da estrada que precisamos passar e ir em frente e fazer do nosso jeito a reforma agrária que acreditamos (aplausos... ovação... batuques) É o encontro de experiências. Quem de nós não fez marchas no estado? Quem de nós já não caminhou com frio, com chuva, armando tendas para poder chegar na capital do estado e poder fazer a pressão que havia sido programada? É essa experiência que trazemos para cá, e é ela que nos ajudará a conduzir essa marcha. Vamos deixar para trás os defeitos, o que cometemos de erros na marcha pequena, vamos acertar agora nessa marcha grande. Porque aqui não poderemos falhar, pois se cometermos falha sofreremos mais, e nos não nascemos para sofrer, nascemos para ter vida digna e por isso caminhamos. A

experiência, portanto, será a nossa companheira e vamos colocar em prática o aprendizado que tivemos durante esse tempo.

Segundo elemento, a nossa marcha é preciso ser entendida como uma obra coletiva, é uma construção coletiva feita por braços pernas e cabeças de todas as idades, de todos os tamanhos e de todas as forças. Trouxemos para cá o resultado da preparação que fizemos em todos os estados, e não há um mais importante que o outro, pois todos se empenharam para construir essa marcha que já iniciou no dia da preparação, lá em cada acampamento e assentamento do movimento sem terra. Sabemos da dificuldade de chegar até aqui. Quantos não trouxeram para cá o colchão que está fazendo falta para as crianças que ficaram em casa, porque precisava trazer um colchão para deitar porque aqui ninguém daria um colchão para a gente, quantos vieram de casa com a sandália já um pouco rasgada, até mesmo com vergonha, mas não tinha outra para calçar, mas precisamos trazer esse objeto para caminhar com mais tranquilidade.... enfim, estamos aqui com as nossas próprias forças e recebemos o complemento da solidariedade dos amigos que estão nos ajudando para chegarmos até lá. Por isso essa obra coletiva é que será vitoriosa e não apenas a marcha que chegará em Brasília. Essas lições de aprendizado que fazem parte da solidariedade humana, política, história, que o nosso movimento aprendeu copiou e esta desenvolvendo, e por isso é que vamos repetir isso para que a nossa marcha não tenha problemas maiores, e, portanto, quem sabe poderíamos dizer que o maior dos valores que precisamos reproduzimos nessa marcha é o valor da gentileza. O valor da gentileza foi descoberto por um mendigo no Rio de Janeiro que passava dias e noite escrevendo nos viadutos o que ele achava o que fosse gentileza e repetia seguidamente; “gentileza gera gentileza”. E é isso que vamos fazer nessa marcha, ser gentil um com o outro, cuidar para que não importune o caminhar um do outro, se estamos cansados não podemos atrapalhar aqueles que querem caminhar, a noite se precisamos descansar para no outro dia estarmos desperto, vamos ter a gentileza de fazer silêncio mais cedo, vamos ter a gentileza, a cordialidade de caminhar, de ajudar a carregar os pesos. E nos vamos ajudar a carregar os pesos. E nos vamos dizer para nos mesmos: “sempre podemos agüentar um pouquinho mesmo”, - quando doer os pés a gente se firma e acredita que dá para caminhar mais um pouco.... Estamos caminhando para construir o novo, uma reforma agrária nova, um campo novo, uma sociedade nova, um país novo, aonde as pessoas sintam prazer em viver. Por isso é que os valores se destacam na possibilidade de construirmos seres humanos novos. É verdade que nos somos viciados, temos muitos defeitos, que o capitalismo nos ensina a errar... A militância do MST são os guerrilheiros de um outro tempo e nos

chamou de guerrilheiros talvez ainda ser armas, sem os fuzis, mas nos valorizamos isso. Nos somos guerreiros e guerreiras de um novo tempo, somos guerrilheiros e guerrilheiras de um novo tempo, marchamos com nossas mochilas e carregamos dentro dela tudo o que temos, trocamos de lugar todos os dias para importunar a burguesia desse país e o imperialismo americano que vive “escrafuzando” as nossas vidas, mas temos que enfrentá-los de um jeito e de outro. A marcha também passará por frente a embaixada dos Estados Unidos e lá faremos o nosso protesto e diremos a ele que deixem os povos caminharem em liberdade, que nos temos o direito de definir e decidir sobre o nosso futuro. Vamos assistir a um filme sobre a vida do nosso Presidente da República e num determinado momento o repórter pergunta para ele: “Quem é a pessoa mais importante do Brasil” e ele responde: “A pessoa mais importante do Brasil sou eu”. E de hoje em diante a pessoa mais importante do Brasil é você que vai caminhar para defender uma causa ampla coletiva para a sociedade brasileira. Você é a pessoa mais importante desse país, sem você não tem marcha, sem você não tem luta, sem você não tem história. E, portanto, vamos caminhar de cabeça erguida, olhando para Brasília, lá está o problema desse país, para lá marcharemos em fileiras, animados e com muita vontade de protestar. Por isso a poesia diz assim:

Há momentos na história em que todas as vitórias parecem fugir da gente,
 Mas vence quem não desanima e busca na sua auto estima a força para ser persistente
 O tempo passa lento, mas também passa com ele a glória do imperador
 Quem tem as mãos de construir terá de levantar-se e decidir o dia de enterrar a dor
 E erguer-se de todos os lugares para colher tudo que se plantou
 Gente é como água do mar, mostra no seu balançar que nunca se dobrou.
 Regando o deserto da consciência, um novo ser nasceu.
 É hora de ir em frente companheiro você é o guerrilheiro que a história nos deu
 Regando o deserto da consciência, um novo ser nasceu.
 É hora de ir em frente, companheira: você é a guerrilheira que a história nos deu.
 Vamos em frente companheiros e companheiras; seremos vitoriosos porque acreditamos na vitória. (BOGO, 2005)

Na sua fala, Ademar Bogo trás uma série de conceitos básicos que são fundamentais para a formação dos sem-terra: utopia, educação, força coletiva e cultivo de valores. Ele trás nas suas palavras um recorte das dificuldades e resistência em que vive o trabalhador rural.

Aponta a marcha como um espaço de aprendizagens coletivas que será construído por todos e que marcará a história com essa forma de construção, forjando um novo homem e uma nova mulher com novos valores. Afirmo que a marcha é um encontro histórico de gerações de dirigentes e militantes que iniciaram o movimento e que hoje vivenciam os frutos desse encontro inicial, alimentando a sociedade de esperanças. Aquelas gerações passadas estarão presentes nesse ato, pois eles, os sem-terra, são herdeiros de suas lutas, de seus lemas re-significados na atualidade. E através do acúmulo dessas lições herdadas, a marcha representará um processo de construções coletivas que são demandados no cotidiano da marcha.

Suas palavras são fortes para aqueles que se veem envolvidos nessa empreitada de caminhar dezoito dias à mercê dos caprichos da natureza, das dificuldades encontradas no caminho, no desconforto dos grandes barracões. São fortes também porque impulsionam para a luta, e a luta naquele momento era vivenciar essa experiência de marchar e trazer mais uma vez visibilidade para o Movimento, apresentando a pauta de reivindicação ao Governo Lula, mostrando a sua insatisfação pelas propostas da campanha eleitoral que não foram cumpridas.

Bogo tem um carisma especial, consegue envolver os sem-terra com as suas palavras, e tem uma participação ativa no Movimento. Acompanhou a Marcha todos os dias na comissão de frente, ele e outros companheiros que controlavam o ritmo da caminhada. Dormia junto com todos no grande barracão que abrigava em torno de oitocentos trabalhadores rurais de todas as regiões da Bahia. É nesses momentos de mobilização que percebemos a postura democrática dos sem-terra, pois, todos eles, independentes de suas funções, são iguais, sem regalias, comem da mesma comida, pegam as mesmas filas para tomar banho, pegar as refeições, dormem juntos, aquecidos e aquecendo uns aos outros. José Rainha, Marina Lima, Mineirinho, Ademar Bogo, Djacira Araújo, entre outros, nomes conhecidos nacionalmente, participaram da marcha com simplicidade, e juntos com os sem-terra da base, envolvendo-se em um processo de formação diária.

Nessa assembléia fomos indicados pelo pessoal da Bahia para participar do setor de comunicação, e, com isso, recebemos um colete cor de abóbora e uma bandana vermelha, com o nome do MST, que deveriam ser usados durante o período que estivéssemos filmando. Esses acessórios seriam, dali em diante, nossa identificação dando acesso

irrestrita para filmar e entrevistar todas as pessoas. Somente as pessoas que possuísem essas duas peças teriam acesso livre para entrevistas. As outras pessoas, mesmo que credenciadas pelo movimento, teriam que recorrer ao pessoal responsável pela comunicação que estariam no início da marcha. Essa foi uma estratégia estabelecida pela organização da marcha para evitar problemas futuros com a imprensa.

Durante a assembléia, foram distribuídas para cada coordenador as mochilas da sua brigada, que seriam, junto ao boné, os símbolos da marcha. A mochila era preta e tinha o símbolo do MST na parte da frente, continha uma capa de chuva, vários livros, um caderno com a capa desenhada por Oscar Niemeyer, uma caneta e o Caderno Mutirão intitulado Marcha Nacional pela Reforma Agrária - V Mutirão Nacional de Formação. Esse caderno continha os principais pontos que foram discutidos no horário do estudo, como foi dito por João Pedro Stedille.

À tarde, houve o Ato um na Praça Cívica, centro de Goiânia. Esse Ato contou com a presença de vários políticos, representantes das instituições religiosas que apóiam o movimento, além de cantadores populares, grupos de dança, e grupos de teatro. Houve discursos, apresentações teatrais e musicais.

Após o evento, voltamos para o Estádio Serra Dourada e então as manifestações culturais poderiam ser vistas por todo o espaço. O Estádio se tornou um grande acampamento nacional onde cada um podia conhecer um pouco da cultura de cada estado. Próximo onde estávamos dormindo, o samba de roda alegrou a noite até a hora do silêncio, quando então cada um foi se acomodando como seu grupo para dormir, ansiosos pelo início oficial da caminhada.

No dia seguinte, acordamos cedo e logo após café da manhã fomos informados aonde seria a formação por estado e por regional para finalmente iniciarmos a marcha. Em cima do trio elétrico, alguns colaboradores estavam presente, cada um deu a sua contribuição com palavras de apoio e encorajamento para a difícil jornada que se iniciava. Ademar Bogo, um dos coordenadores da marcha, proferiu palavras que transcrevemos:

[...] e assim companheiro, pegue a sua mochila, coloque sobre as costas, está chegando o momento de nossa partida. Calce a sua sandália, estende os braços ao longo do corpo, feche os punhos, levante a sua cabeça, olhe para frente. É hora de saudarmos os Sem Terra de todo o país e dizermos que estamos para lutar, para conquistar a dignidade para nosso povo. É

hora de entoarmos o hino do nosso movimento como simbologia da partida (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

Todos os sem-terra cantaram emocionados o Hino do Movimento Sem Terra:

Vem teçamos a nossa liberdade
braços fortes que rasgam o chão
sob a sombra de nossa valentia
desfraldemos a nossa rebeldia
e plantemos nesta terra como irmãos!

Vem, lutemos, punho erguido
Nossa Força nos leva a edificar
Nossa Pátria livre e forte
Construída pelo poder popular.

Braços Erguidos ditemos nossa história,
sufocando com força os opressores
hasteemos a bandeira colorida
despertemos esta pátria adormecida
o amanhã pertence a nós trabalhadores !

Nossa Força regastada pela chama
da esperança no triunfo que virá
forjaremos desta luta com certeza
pátria livre operária camponesa
nossa estrela enfim triunfará!

(BOGO, 2002)

Em todo evento do MST do qual participamos, o Hino do Movimento era cantado, em geral, depois das falas iniciais ou antes de começar algum debate, alguma palestra, alguma manifestação, algum Ato. É um momento especial para os Sem Terra e de grande simbologia, com afirmou Ademar Bogo. Todos se mantêm eretos, e com seriedade cantam o hino, e, no refrão, levantam o braço esquerdo como as mãos fechadas fazendo o gesto já

conhecido, mundialmente, como um testemunho de disposição para a luta, de força, de poder, de resistência.

A seguir, os sem-terra iniciaram o percurso que os levariam para Brasília. Os marchantes foram organizados em três fileiras dando uma extensão de cinco quilômetros, e levavam em média cinco horas para cumprir o percurso, o que variava entre catorze a vinte e um quilômetros, com uma velocidade de quatro quilômetros por hora.

Todos os dias o acampamento era montado e desmontado, como se fosse uma cidade itinerante com doze mil pessoas deslocando-se, e com ela, toda estrutura de organização dividida em diversas frentes de trabalho.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DAS EQUIPES DE TRABALHO

Segundo o caderno do setor de formação do MST (2005), a organização interna do Movimento se dá de uma forma singular que foi aprimorando com as experiências de vinte e quatro anos de atuação. João deixa claro no seu depoimento a Aline Sasahara:

No acampamento todas as pessoas são distribuídas no grupo de dez famílias e tem uma atividade, então todos dentro do acampamento estão envolvidos em uma atividade, isso é a organicidade. Uns estão na disciplina, outros no lazer, na educação, saúde comunicação, formação, frente de massa. Um exemplo claro para nos é a marcha, o pessoal já tem essa dinâmica de se organizar, o pessoal vem com uma tranquilidade, uma compreensão de que tem uma tarefa a assumir, então gradativamente cada um vai fazendo a sua parte e dá é coisa bonita que nos vemos aí. (ERGUE a tua voz, 2007)

Na Marcha, como é comum em toda mobilização, o trabalho foi dividido por várias equipes e contou com a participação direta de diversos militantes no sentido de organizar as fainas e responsabilidades diárias. As equipes dividiram-se da seguinte forma:

Equipe de infra-estrutura.

A equipe de infra-estrutura foi responsável pela organização, dentro dos acampamentos, da estrutura que atendesse às necessidades de higiene: banheiros, chuveiros e distribuição de

água potável. Quase todos os acampamentos foram montados em ocupações de propriedade privada ou terras do Estado. Esses acampamentos eram montados e desmontados diariamente. Aproximadamente, cerca de 350 pessoas eram responsáveis por atender as necessidades estruturais. Trinta e um caminhões e nove ônibus ficavam disponíveis para suprir as necessidades exigidas pela estrutura da marcha: levar as bagagens dos marchantes e organizar as grandes tendas que abrigavam, aproximadamente, 800 pessoas de cada grupo, como era o caso da Bahia. Disponibilizavam-se 150 banheiros químicos, que eram removidos e limpos diariamente para, depois, serem reinstalados em novos acampamentos. Os banheiros para banho eram armações a céu aberto, revestidas de lona preta com diversos assoalhos de madeira, onde, cada usuário, com o seu balde de água, asseava-se.

Equipe de saúde.

A equipe de saúde assistia aos marchantes que passavam mal durante a marcha, ou mesmo quando já estavam acampados após o percurso. Os participantes dessa equipe eram responsáveis por acompanhar as pessoas do seu estado, caso necessitassem ser hospitalizados, ou necessitassem de uma consulta médica. Utilizavam medicações naturais, compostas por chás, concentrados, ungüentos, todas oriundas dos assentamentos. Em geral, os sem-terra que participavam da equipe eram pessoas que tinham formação técnica em enfermagem ou um vasto conhecimento de medicina popular natural. Durante o percurso da marcha, duas ambulâncias ficavam à disposição atendendo os casos que o setor de saúde não tinha condições de resolver. Nenhum caso grave foi notificado, apenas pessoas com pressão alta, mal estar, contusões. O pessoal da saúde era reconhecido, pois usavam um colete branco.

Equipe de disciplina e segurança.

A equipe de disciplina e segurança fazia um trabalho fundamental para os marchantes: eram responsáveis pela segurança durante a marcha e ficavam atentos para que as filas fossem mantidas, enquanto os marchantes caminhavam. Esse trajeto da marcha ocorreu na BR 060, numa pista dupla, onde os veículos passavam em alta velocidade. Essa mesma

equipe ainda tinha a função de ficar atenta às possíveis infiltrações por parte de pessoas estranhas com intuito de provocações, e de fazer a segurança do acampamento durante a noite. As pessoas responsáveis pela disciplina vestiam-se com um colete vermelho, e, durante a caminhada, postavam-se em torno das filas. Cinco motocicletas acompanhavam todo o trajeto da marcha, e alguns responsáveis pela coordenação da marcha postavam-se à frente, com intenção de controlar o ritmo da caminhada.

Adilson descreve a importância da disciplina para a organização do Movimento:

A disciplina nasce nas bases do movimento desde o trabalho de base, nos acampamentos, é um princípio que temos muito presente que é o aspecto organizativo, e para se manter essa disciplina é fundamental que você tenha uma organização forte desde a base, com a estruturação de equipes, processo de planejamento das atividades muito bem claro, uma definição de tarefas claras, distribuição de responsabilidade e o processo de formação que é constante também. Sem isso você não adquire uma disciplina consciente, passa a ser imposição e isso não funciona em lugar nenhum. O nosso esforço é pra isso, que a gente tenha um movimento organizado, disciplinado forte, senão não alcançaremos nossos objetivos e não seremos referência para a sociedade, nos esperamos que outros segmentos da sociedade avancem na sua luta. (MARÇA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

Equipe da água.

A equipe de água era responsável pela tarefa de viabilizar o acesso à água potável durante o trajeto da marcha, assim como nos locais de acampamento. Ficavam disponíveis dez caminhões pipas com água potável para acompanhar o cortejo, que paravam em locais estratégicos para que os marchantes enchessem suas garrafas. Ainda assim, algumas pessoas, por regional, circulavam carregando baldes com água a fim de distribuir entre aqueles que estivessem sedentos.

Equipe de animação e mística.

A equipe de animação e mística tinha a tarefa de pensar, organizar e realizar os momentos de mística e animar os marchantes durante a caminhada. Essa animação acontecia através de músicas, cantadas por todos, e por palavras de ordem, que eram clamadas quando o grupo estava enfraquecendo pelo cansaço. A cada dia, o estado condutor da marcha fazia, durante o percurso, uma mística que algumas vezes era teatral, e outras, só com cartazes, pôsteres e bandeiras.

A equipe de comunicação.

A equipe de comunicação ficou responsável: por dar entrevistas aos jornais, rádios e TVs; por organizar a transmissão das palestras à tarde, na hora da formação dos grupos; por registrar em vídeo o percurso e a dinâmica da marcha; por organizar a programação da Rádio Brasil em Movimento; pelas manifestações que ocorreram em Goiânia, Anápolis e Brasília, e, também, por tudo que era relacionado à parte cultural como: os vídeos que eram exibidos à noite; a animação com música no início do estudo, à tarde; as cantorias nas assembléias; e outros movimentos mais.

Todos os militantes da equipe de comunicação vestiam-se com um colete cor de abóbora e com a bandana vermelha com o nome do MST no punho, isso foi avisado desde a primeira assembléia, e era lembrado constantemente pela coordenação do Movimento: “somente pessoas identificadas podem entrevistar os marchantes”. Os outros, que pretendessem tal entrevista, eram encaminhados para o início da marcha, onde indivíduos do setor de comunicação estariam disponíveis para tal tarefa.

A equipe de formação.

A equipe de formação tinha a responsabilidade de manter vivos os símbolos e valores do MST. Foi a responsável pelo estudo no decorrer da marcha. A Marcha Nacional teve um importante papel de conscientização política e ideológica para todos que participaram dela. Todas as tardes, após o descanso, homens e mulheres se reuniam com a sua brigada e

debatiam temas importantes relacionados à reforma agrária e à soberania alimentar. A cartilha básica para o estudo foi distribuída, juntamente com a mochila, na primeira assembléia da marcha, ele serviu como elemento complementar para as discussões. Alguns palestrantes como Leonardo Boff, Luis Bassegio foram contribuir com a tarde de estudos dando palestras, e no final da exposição, que durava em torno de 30 a 40 minutos, colocavam uma questão para ser debatida em grupo.

A equipe da cozinha.

O autódromo de Anápolis foi cedido pela Prefeitura para abrigar a primeira estrutura da cozinha da Marcha Nacional, que posteriormente foi transferida para Taguatinga.

A equipe da cozinha era responsável pelo preparo de três refeições, diariamente, para os marchantes. Cada estado ficou responsável pela alimentação e o cardápio do seu estado, e em boxes separados, guardavam toda a alimentação que tinham trazido e ali mesmo preparavam as refeições. A alimentação era distribuída em marmitas de alumínio, que, depois de lavadas, retornavam a fim de serem reutilizadas. Estas, além de servirem para o seu fim, atenderiam também a outras mobilizações e evitavam a sujeira nos locais dos acampamentos.

Segundo Adilson, Coordenador geral das cozinhas da Marcha Nacional:

Aproximadamente 12.000 toneladas diárias de comidas são distribuídas em 3 refeições. As refeições são divididas por estado, cada um atendendo de acordo ao número de pessoas. São 23 cozinhas com aproximadamente 300 pessoas trabalhando. O trabalho inicia às 4:00H da manhã e indo até às 22:00H. Na organização da cozinha está estruturado uma coordenação geral com a participação de cada estado, as equipes de segurança, limpeza. Há também atividades culturais com esse grupo que tem essa tarefa específica que é garantir a alimentação do 12.000 marchantes, e a gente não pode ficar de fora do processo de formação política de acompanhamento do conjunto da caminhada, da marcha e da luta em geral, por isso buscamos envolver os companheiros e companheiros em atividades de formação.

Os alimentos foram trazidos dos assentamentos e acampamentos que já produzem e dos sindicatos e das igrejas que ajuda nós nessa marcha. Estão envolvidos uma média de doze caminhões para transportar a comida até o acampamento. Tem cozinhas com equipe de 50 pessoas que se revezam no trabalho. Internamente em cada cozinha tem uma estrutura organizativa de coordenação, de equipe de divisão de tarefas. As cozinhas possuem equipe de acordo com a alimentação diária: equipe do arroz, equipe do feijão,

carne, legumes, limpeza, higiene”. (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

Às pessoas convocadas para assumirem tarefas na marcha, principalmente algumas que já têm uma história de luta no Movimento, foram delegados poderes limitados ao seu conhecimento, e assim elas se organizaram respeitando os princípios do Movimento. “[...] o trabalho se tornou fácil porque foi compartilhado, não é uma pessoa só quem faz [...] nós já viemos tiradas da nossa regional para a cozinha, estamos alegres porque estamos cooperando para nossa marcha acontecer” (MÃE GORDA, 2005).

A equipe da Ciranda e da Escola Itinerante

Durante todo o trajeto, enquanto os pais marchavam, as crianças ficavam sob os cuidados dos educadores. As crianças, que eram em torno de cento e quarenta, foram divididas por faixa etária. Os bebês ficavam na creche; as menores de sete, anos na ciranda; e as maiores de sete anos, na Escola Itinerante. Mais adiante, falaremos especificamente, sobre essa equipe de trabalho e a sua importância na Marcha.

A coordenação

Os coordenadores das equipes tinham função específica e se reuniam, em determinados períodos, com outros coordenadores para dar os encaminhamentos internos, avaliar e unificar as informações durante a marcha. Os coordenadores tinham responsabilidade sobre todos os integrantes da brigada que coordenavam, tinham a função de orientar, ou mesmo de chamar atenção caso o comportamento não estivesse de acordo com os princípios do movimento.

A estrutura constituinte do MST tem uma organização vertical que vai da base até às instâncias superiores, e é composta pelas lideranças que coordenam os Estados. São estabelecidas normas, princípios e compromissos que orientam a prática dos militantes no intuito de unificar a forma de atuação do MST. O Congresso Nacional, que acontece a cada cinco anos, é a maior instância do MST, e é lá que se processam as discussões e deliberações políticas que serão aplicadas em todos os estados onde atua o Movimento.

Ainda acontecem, de dois em dois anos, o Encontro Nacional e, anualmente, o Encontro Estadual. Existem, ainda, a Coordenação Estadual, a Direção Estadual, a Coordenação Regional, a Coordenação de Assentamentos e acampamentos, além dos setores já citados acima.

3.3 MOVIMENTOS E INSTITUIÇÕES QUE PARTICIPARAM DA MARCHA.

A Marcha não foi instituída apenas pelo MST, diversas mobilizações sociais, instituições e intelectuais compactuaram com o Movimento e acompanharam todo o percurso, agregando-se a algum estado e participando organicamente de sua organização e das construções diárias. Cada Movimento social vinha com a sua reivindicação específica, portando suas bandeiras, camisas e bonés que os identificavam. Nesse trabalho, também tivemos a oportunidade de caminhar, lado a lado, com alguns movimentos e instituições, e conhecer suas trajetórias, colher depoimentos de seus representantes e deixar registradas suas participações na Marcha Nacional:

Conferência dos Religiosos do Brasil.

Essa instituição, que acompanhou a marcha durante todo o percurso, era composta por uma comissão de pessoas que se revezaram durante o trajeto. Usavam camisetas com a logomarca da CRB, e carregavam bandeiras e faixas, e, no acampamento, além das barracas que dormiam, armavam a Tenda da Palavra, local onde realizavam as orações ao entardecer e era aberta a quem quisesse participar. Presenciamos, numa tarde, um ritual de orações onde além de cânticos e cestas de pães, os religiosos proferiam palavras de fé e esperança para a luta dos movimentos dos trabalhadores rurais.

Ao procurarmos algum integrante da CRB para que nos falasse da participação daquela instituição na Marcha, conhecemos Irmã Patrizia Licandro que se dispôs a esclarecer sobre a integração de sua organização ao Movimento.

A participação da Conferência dos Religiosos do Brasil, nessa Marcha Nacional pela Reforma Agrária, visa expressar a nossa presença solidária

com todas as pessoas que vivem em situação de exclusão nessa nossa sociedade. Então, achamos importante marcar a nossa presença, caminhar juntos, refletir, rezar, compartilhar cada momento dessa marcha com esses doze mil marchantes. A CRB tem como objetivo coordenar a animação e formação das congregações religiosas desse país, e tem um compromisso grande, significativo, à frente das pastorais sociais, nas inserções nos meios populares, na alfabetização de adultos, na pastoral da criança, na área da saúde. Então, nos achamos muito bem no meio dessa marcha, percebemos que fomos bem acolhidas e conseguimos um relacionamento muito construtivo para nós e para os marchantes. (IRMÃ PATRIZIA, 2005)

A igreja católica tem uma tradição de apoio ao MST desde o seu surgimento. Segundo Silva (2004), esse apoio foi fundamentado na Teologia da Libertação, que professava a igualdade social, rompeu com a mentalidade colonizadora e buscou a valorização da cultura popular, seus símbolos e a linguagem.

o paradigma para essa nova prática pastoral foi o Concílio Vaticano II (1962), a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Medellín, Colômbia (1968), e a III Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla, México (1979) [...] Podemos dizer que a Igreja passou a se identificar-se com as camadas subalternas latino-americanas, que eram fustigadas em sua realidade social e econômica pelo capital. (SILVA, 2004, p.47)

A presença dessa instituição com o seu apoio e cultos no final da tarde, deu à marcha um caráter religioso, identificando a mobilização com a trajetória do povo Hebreu. Segundo Dom Tomás Balduino:

Esta marcha me faz lembrar daquela outra grande marcha registrada no livro sagrado, a Bíblia. O Povo de Deus que conseguiu se libertar da escravidão do Faraó, no Egito, depois de ter atravessado o mar Vermelho, se põe em marcha para a conquista da terra Prometida. Foram 40 longos anos de caminhada pelo deserto, sofrendo sede e fome. Enfrentando desavenças internas. Sendo tentado a buscar e cultuar outros deuses que lhe prometessem respostas mais fáceis e lhe oferecessem soluções sem ter que enfrentar as dificuldades. Mesmo no meio de situações tão adversas, o povo continuou caminhando. Nesta longa caminhada é que foi se forjando a identidade e a unidade deste povo que assim conseguiu juntar energias para ao final conquistar uma terra, a terra que o Senhor lhes prometera. Uma terra onde corre leite e mel. (BALDUÍNO, 2005).

A terra prometida é aqui, assim proclama a igreja e o movimento sem-terra, por isso a questão da propriedade privada, dos grandes latifúndios, da questão agrária é palco de várias interpretações.

O Pastor da Igreja Cristã Reformada, Ariovaldo Ramos, trás na sua fala¹⁷ de apoio à Marcha, elementos simbólicos da religião, fazendo um link com a luta pela terra afirmando ser direito do cidadão:

Deus está nessa marcha, Deus está com vocês, porque o profeta Isaías disse no capítulo 5 versículo 8, que ai daqueles que juntam casa sobre casa e terra sobre terra, até serem os únicos moradores do lugar, portanto desde há três mil anos, Deus vem advertindo a humanidade que é contra a figura do latifúndio, de que é contra a acumulação, de que é contra que existam pessoas que possuam tanto que não haja nada para mais ninguém. Portanto é vontade de Deus que a terra seja repartida, é vontade de Deus que a terra seja cuidada como um patrimônio da humanidade, é vontade de Deus que a terra seja de todos os seres humanos e para todos os seres humanos, é vontade de Deus que não haja um só senhor das terras do lugar, é vontade de Deus que a terra seja do homem, da mulher, do trabalhador, que a terra seja da humanidade, pelo bem da humanidade e pelo bem da terra. Porque só quando a terra for de toda a humanidade a terra será cuidada como um patrimônio de todos. É vontade de Deus que aqueles que têm fome e sede de justiça sejam fartos; e os que têm fome e sede de justiça têm o direito de marchar; os que têm fome e sede de justiça têm o dever de marchar; têm o direito de reivindicar [...] de exigir [...] Não deixem que nada distraiam vocês, não deixem que nada tirem vocês dessa rota e desse caminho, porque essa é a estrada que se faz ao caminhar, é a estrada da libertação, é a estrada da vida, é a estrada da justiça e da paz [...] que Deus esteja com vocês agora e até a vitória final (MARÇA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

O Pastor Ariosvaldo trás a figura suprema de Deus apoiando a luta pela terra, pela repartição das riquezas, pela propriedade da terra àquele que nela trabalha. Cita a bíblia, documento sagrado para a maioria dos brasileiros, como um guia para a reivindicação das lutas sociais, trazendo o simbolismo presente nesse livro para as questões que afligem a maioria do povo dessa terra.

Já Frei Beto, adota uma postura mais radical e crítica perante a atitude do Governo Lula frente à questão agrária, a sua fala trás o contexto político de descaso do governante.

¹⁷ Palavras proferidas no Ato em Goiânia no dia anterior a saída da Marcha

O MST ouviu o conselho do Presidente Lula e tirou o traseiro do assento. Agora, apoiado pela Comissão Pastoral da Terra (CPT) e outras entidades, marcha de Goiânia a Brasília em prol da Reforma Agrária. A caminhada começou a 2 de maio. Dela participam cerca de 12 mil pessoas provenientes de 23 estados. Ela não visa a Terra Prometida, como a saga dos hebreus descrita no Antigo Testamento. Quer apenas a porção de terra prometida pelo governo Lula (BETO, 2005)

Na proposta de reforma agrária do governo Lula afirma que assentaria quatrocentas mil famílias até 2006, porém de fato, segundo dados citados por Frei Beto, o governo teria assentado apenas sessenta e quatro mil famílias até 2005, número muito aquém da proposta inicial.

Movimento dos Pequenos Agricultores

O MPA é um movimento que está organizado em dezessete estados do Brasil e nasceu da luta contra a situação de empobrecimento e marginalização das famílias camponesas. Busca resgatar a identidade camponesa e construir um projeto de agricultura para o país, baseado na agro-ecologia. Na Marcha Nacional, o MPA se misturava ao MST marcando a sua identidade com camisas e chapéus de palha. Plínio Simas, em entrevista a autora, fala um pouco da participação do MPA na Marcha:

Nós do MPA estamos nessa grande marcha entre esses doze mil marchantes e também estamos em dezessete estados nesses próximos dias fazendo ações com esses principais pontos: a reforma agrária, o modelo econômico, o modelo de agricultura. Entendemos que não se pode falar em mudança de modelo se antes não se falar em reforma agrária. Estamos, portanto, acreditando na força e na luta dos trabalhadores e contando com os trabalhadores urbanos também para fazer essa mudança da qual nós temos grandes expectativa que vamos conseguir com essa marcha e também pressionar o Governo do Estado e o Governo Federal para que de fato assumam a sua posição e faça a reforma agrária porque é uma das promessas e é um dos anseios da sociedade a partir da pequena propriedade, a partir da produção de alimento, e não do agro-negócio exportador. Então estamos aqui fazendo essa grande marcha com essas expectativas e não achamos que terminamos no dia dezessete, mas que é o início de uma grande mobilização social e não pára por aqui, vai ter mais ações mais ocupações de terra e nos vamos estar juntos sempre como MST e a Via Campesina. (PLÍNIO, 2005)

Esse é um dos grandes movimentos lutam pela permanência do trabalhador rural na terra, reivindicando do governo federal renegociação das dívidas, apoio na comercialização dos produtos cultivados e melhores condições para o agronegócio.

Movimento de Estatização das Fabricas Ocupadas.

Esse movimento se manteve agrupado e acompanhou toda a Marcha Nacional portando bandeiras amarelas, que destoavam do vermelho do MST. Trouxe as suas reivindicações e visibilidades para a sua luta. Carlos Rodrigues, em poucas palavras explica um pouco sobre essa instituição.

Sou de Santa Catarina eu faço parte do Movimento das fabricas ocupadas e em luta. A gente está junto com o MST, é o trabalhador da cidade junto com o trabalhador do campo, lutando pelo mesmo objetivo, que é pelo emprego por mais dignidade de vida. A nossa luta já é um movimento a nível nacional, já temos a CIPLA, a INTERFIBRA, FIASKÔ, FLAKPET, PROFIPLAS são empresas ocupadas pelos trabalhadores sob a ameaça do patrão dar o calote. Eles já não depositava fundo de garantia, 13°, salários atrasados, e prontos para dar o calote nos trabalhadores abrindo a falência da empresa. Então, os trabalhadores para manter os seus empregos, o parque fabril, os postos de trabalho, decidem ocupar as empresas e produzir e garantir o seu trabalho e todos os seus direitos trabalhistas. Nós estamos juntos com o MST, para nós é uma marcha histórica, pela primeira vez o trabalhador da cidade e o trabalhador do campo, vão juntos para exigir do governo Lula, Reforma Agrária e a estatização das fábricas. (CARLOS RODRIGUES, 2005)

Essa luta pela estatização das fabricas ocupadas, se insere na batalha que os empregados vêm travando contra as grandes empresas por melhores condições de trabalho, melhores salários. Ela é decorrente da degradação do sistema capitalista que suga do operário a sua força moral e física, em troca de um mísero salário, e da expropriação dos direitos legais conquistados através de lutas históricas. Com a política neoliberal do governo FHC e a continuidade dada pelo governo de Lula, a crise trabalhista se agravou e o assalariado foi minimizado dentro do sistema de produção, incentivando-o a buscar formas de ganho, nas quais, os diretos do homem que trabalha são extintos.

As fábricas ocupadas não aceitam cooperativas, pois isso significa destruição dos direitos conquistados duramente pela classe trabalhadora[...] através da capa da economia solidária, o que na verdade deixava passar é que os trabalhadores deixariam de ser operários e se transformariam de patrões de si mesmo, na verdade isso é tentativa de transformar o trabalhador em carrasco de si mesmo, para ser largado no mercado capitalista e destruído pela economia capitalista dominada pelas multinacionais e pelo capital financeiro especulativo [...] os trabalhadores das fábricas ocupadas entenderam, não sem muita dificuldade, não sem discussão, que são parte da classe trabalhadora, e que nós devemos lutar é pra transformar toda a sociedade e expulsar os parasitas que são os capitalistas da direção e da propriedade de todas as fábricas. A classe trabalhadora tem o direito de re-organizar a sociedade e a economia segundo os seus próprios interesses. (FÁBRICAS ocupadas em luta pela estatização, 200?)

Esses trabalhadores se agregaram à Marcha Nacional como mais uma opção de visibilidade da luta que travam contra os grandes empresários, reivindicando do governo federal, que as fábricas sejam estatizadas e seus empregos mantidos. A experiência exitosa com as ocupações, como a autogestão, a diminuição da jornada de trabalho, o aumento de produção e a queda dos números de acidentes não impediram ações desastrosas por parte do governo:

Em 31 de Maio de 2007, por decisão do governo Lula, o INSS e Ministério da Previdência pedem a intervenção, com a falsa justificativa de cobrar dívidas, do ano de 1998, dos antigos patrões [...] um ano depois da intervenção, são mais de 300 demitidos, voltaram às 44 horas semanais (a gestão operária havia reduzido a jornada de trabalho para 30 horas semanais sem redução do salário), acabaram todas as conquistas! Nenhuma dívida foi paga com o INSS. (ESQUERDA MARXISTA, 2008).

Essa falta de intervenção, por parte do governo Lula, nos interesses da classe operária é o que mantém a continuidade da política neoliberal, esquecendo-se da tradição de origem do seu partido e da sua própria condição de trabalhador usurpado e explorado pelo sistema capitalista.

Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB

O MAB é um movimento de resistência às grandes obras de usinas hidroelétricas que surgiram na década de 1970 e desalojaram milhares de pessoas das suas terras, suas casas e conseqüentemente do seu trabalho. Essas pessoas sentiram necessidade de organizarem-se

para lutarem pelos seus direitos e para a resolução dos problemas sociais e ambientais. Segundo o site do MAB:

No início, as populações atingidas lutavam pela garantia de indenizações justas e re-assentamentos. Depois evolui para questionamento sobre construções de barragens. Assim, os atingidos perceberam que além da luta por direitos, deveriam reivindicar um modelo energético mais justo. Para isso, seria necessária uma organização maior que articulasse a luta em todo o Brasil. (MOVIMENTO dos Atingidos por Barragens, 2008)

Rodrigo, militante do MAB do Rio Grande do Sul, explica a participação desse movimento na Marcha Nacional:

O MAB está participando dessa marcha nacional pela reforma agrária porque se soma junto ao MST na luta pela transformação da sociedade e porque acredita que a reforma agrária é uma das coisas mais importantes que precisam acontecer nesse país e também nos estados; em todos os estados onde o movimento tem organização a nível nacional. Nós estamos fazendo esse debate a fim de passar para os demais atingidos por barragens um pouco dessa realidade, e nós tivermos espaço onde estar atuando, onde colocarmos isso em pauta e fazer esse debate e ajudar no andamento da reforma a Agrária [...] O MAB agora, com a chegada da marcha, vai fazer algumas ações em alguns estados, justamente para colocar em debate, não só para a base dos atingidos, mas para toda a sociedade, dessas regiões, um pouquinho da pauta do que está sendo discutido, porque, em muitos pontos, a nossa pauta tem questões muito parecidas, muito próximas com o MST. O MST sempre foi a referência, a primeira referência para todas as organizações sociais no Brasil. Quem dera a esquerda brasileira pudesse pensar e fazer a mesma análise que o MST. (RODRIGO, 2005)

O MAB, assim como os outros movimentos sociais que participaram da Marcha Nacional, percebeu a importância de unir forças utilizando essa mobilização longa e itinerante como palco, trazendo visibilidade para o seu movimento e suas demandas ao governo federal.

Movimento de Mulheres Camponesas.

A cor lilás, do Movimento de mulheres, deu um tom diferente à Marcha Nacional. As mulheres vestidas com a camisa do movimento, lenço lilás e chapéu de palha e a bandeira do MMC marcaram a sua identidade na Marcha. Esse é um movimento que luta contra a

opressão feminina e por novas construções sociais e de gênero, tem em torno de vinte anos de existência e com muitas conquistas para as trabalhadoras rurais.

Aline Sasahara- Cineasta.

Aline acompanhou a Marcha Nacional e foi a cineasta oficial. Filmou e dirigiu um vídeo intitulado “Ergue a tua Voz”, em alusão à música mais tocada durante o trajeto Goiânia – Brasília e composta por integrantes do MST. Por ter uma afinidade e ter realizado outros trabalhos com o MST, teve acesso às reuniões com o governo, que foram limitados a um grupo seletivo, tornando assim o seu trabalho muito importante como registro dessa mobilização itinerante. Aline por e-mail me enviou um depoimento de suas impressões sobre a Marcha.

Fazer o que eu faço é uma questão de necessidade, como tomar água, entrar no mar, dar beijo e abraço em quem eu gosto de beijar e abraçar. E fazer o que eu faço com quem eu faço, sobre o que/quem eu faço e para que eu faço, foi uma opção. Uma opção que me custa viver sempre dura, mas absolutamente feliz com o trabalho realizado. E realizando. Porque o produto do meu trabalho é para rodar mundo, cutucar memória, pegar no pé, falar ao pé do ouvido. Falar de coisas, escutar as gentes, que pouco ou nenhum espaço tem para ser assunto do dia. Coisa que está acontecendo no mundo. Aí me pegar com o MST foi quase que uma consequência dessa opção de caminho.

Marchar com o Movimento e documentar essa viagem foi uma vida. Dá para entender? Quando a gente entra por inteiro, mesmo estando com um olho na câmera, outro no que acontece em volta e mais um tanto pensando no que vem lá adiante. Quando a gente se indigna com a violência que vem de fora, sofre com os erros que vêm de dentro. Por mais que o tempo tenha mostrado que as conquistas da Marcha não foram verdadeiras, já que de tudo que se acreditava conquistado, nada se cumpriu, como exercício de ser movimento, de solidariedade, de organização, de acreditar em todos e cada um dos que marchavam todos os dias, a marcha foi um tremendo gol de placa. Para saber mais do que eu vi e vivi, só mesmo assistindo. Acho que na tela eu digo melhor e as pessoas todas podem dizer comigo. (SASAHARA, 2008).

Sindicato dos Petroleiros.

A Marcha Nacional contou com o apoio de várias Instituições, e uma delas foi a do sindicato dos Petroleiros do Rio de Janeiro, que ajudou o MST do Rio com transporte, camisetas, adesivos, cartilhas e produção de um vídeo sobre a manifestação. Nilo Mendes, assessor da diretoria do sindicato, acompanhou toda a marcha registrando os momentos relevantes e, posteriormente, fez um vídeo documentário o qual foi entregue ao MST – RJ. O sindicato dos Petroleiros tem uma tradição de apoio ao movimento sem-terra, e, nessa mobilização, foi solicitada a presença de um assessor da diretoria para que o acompanhasse, junto aos sem-terra do Rio de Janeiro.

A Polícia Rodoviária Federal.

A Polícia Rodoviária Federal foi uma presença constante durante todo o trajeto, o que garantiu segurança à Marcha. Segundo depoimentos dos que participaram da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, a Polícia Rodoviária Federal acompanhou o trajeto da marcha desde a saída do Estádio Serra Dourada, em Goiânia, até o Estádio Mané Garrincha, em Brasília. Foram dez viaturas, trinta e cinco policiais, quatro motocicletas e um helicóptero, e dez policiais e cinco viaturas da 1ª Superintendência de Goiânia. Para o inspetor Marcos, da Polícia Federal, houve uma perfeita integração da polícia com a coordenação do MST.

Ao chegar a Brasília, João Pedro Stedille proferiu um discurso agradecendo aos policiais e entregou-lhes uma mochila e um boné, símbolos marcantes dos marchantes. Destacamos aqui a parte que consideramos mais relevante do seu discurso:

Os policiais federais se comportaram como verdadeiros servidores públicos porque serviram ao público e o que mais me impactou, e quero compartilhar com vocês, foi quando ainda lá perto de Goiânia, um jornalista entrevistou um dos servidores e perguntou a ele:

- O senhor não acha esquisito, o senhor desviar os caminhões para deixar só os sem-terra caminhar na estrada?

E esse policial federal respondeu ao jornalista:

- A vida dos sem-terra vale mais do que todos os caminhões que passam aqui.

Eu escutei de longe para ver o que ele ia responder e fiquei arrepiado. E me arrepiei porque nas palavras daquele policial federal, sem ele saber, ele estava repetindo um dos ensinamentos do nosso querido Che Guevara. Che Guevara disse “a vida humana vale mais dos que todos os bens materiais somados”. (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005).

Os policiais que nos acompanharam durante o trajeto mantiveram um clima harmônico com todos os marchantes, mesmo durante os acampamentos, preocupavam-se com a segurança na rodovia, daqueles que saíam do acampamento, principalmente nos trechos de maior periculosidade. Os conflitos com a polícia iniciaram-se apenas quando entramos em Brasília e ficamos sob o apoio da polícia militar do Distrito Federal, que já vinha sinalizando na mídia “o absurdo” de prestar apoio a uma mobilização. Esse fato será descrito mais adiante.

3.4 ATOS E MOVIMENTOS EM BRASÍLIA

Na Marcha Nacional pela Reforma Agrária, diversos foram os atos durante o trajeto. Iniciou com a assembléia de abertura do Estádio Serra Dourada, já descrito no início do trabalho. Os Atos que ocorreram posteriormente em Goiânia, Anápolis, Taquatinga e o Ato final, em Brasília, contaram com a participação de religiosos, políticos e apresentações culturais dos movimentos que conviveram com marcha, de pessoas e grupos que apoiaram o Movimento. Além desses momentos mais visíveis para a sociedade, diversas manifestações de apoio, palestras, ocorreram nos acampamentos, e paralelo às caminhadas diárias, as lideranças participaram de diversas audiências nos Ministérios mais importantes do governo. Destaco aqui as manifestações mais relevantes durante a marcha.

Sessão Solene na Câmara Legislativa.

Houve uma sessão solene da Câmara Legislativa do Distrito Federal alusiva à Marcha Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, presidida pelo Vice Presidente da Câmara, Chico Floresta.

Participaram da mesa os Deputado Daniel Pacheco, Paulo Tadeu, Vicente de Almeida, além de representantes do MST Mariana dos Santos, Luis Beltrame, Alessandro Pavoski do MAB, Acacir MPA e Via Campesina.

Nessa sessão destaque o discurso de Marina Lima que fez um relatório da rotina da Marcha Nacional e apontou os pontos mais significativos que marcaram cada um dos marchantes:

...Certamente nas nossas cabeças, nas nossas histórias de vida, a marcha nunca mais vai sair, porque ela foi uma verdadeira epopéia organizada pelo próprio povo, então desde a construção da marcha, que o nosso movimento junto com a via campesina decidiu fazer a marcha, houve todo um processo de participação da nossa base, do povo [...] Essa marcha vai ficar registrada nos livros de história como simbologia de coragem de determinação, e, sobretudo, de organização. (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

Ato em frente à Embaixada Americana.

Na tarde do dia 17 de maio de 2005 os marchantes saíram do Estádio Mané Garrincha em direção à Esplanada dos Ministérios para realizar uma longa manifestação que foi, inicialmente, na Embaixada Americana, no Ministério da Fazenda, e encerrou no Congresso.

Em frente à Embaixada Americana, diversas embalagens de produtos de empresas americanas foram despejadas. À medida que a marcha avançava, homens e mulheres sem-terra jogavam ali, como um ato simbólico de repúdio, todo o lixo americano e a imposição cultural que os brasileiros se veem obrigados a consumir. Várias faixas também foram queimadas com os seguintes dizeres: Bush, fora do Haiti! Deixaram duas faixas cravadas, na frente do prédio, com os seguintes dizeres: “Bush, o chefe mundial dos terroristas”, e “Estamos devolvendo vosso lixo”. As pessoas iam caminhando e jogando o lixo, e à medida que foi se acumulando, os que vinham atrás começaram a pisar.

Foi um ato que causou muita euforia e um sentimento de descarrego, relatado por uma sem terra que não quis se identificar: “naquele momento parecia que eu estava retirando de mim a podridão cultural e consumista que nos é imposta, muitas vezes, sem termos consciência de que alimentamos a barbárie capitalista com o consumo desses produtos”.

Em seguida os marchantes dirigiram-se ao Ministério da Fazenda para realizar um protesto contra a política econômica e lá fizeram uma mística. Nesse ato, o presidente da Associação Brasileira da Reforma Agrária (ABRA), Plínio Arruda Sampaio, falou sobre política econômica: "Nós não precisamos de interferência estrangeira no Brasil para ajudar a economia. Precisamos fazer o modelo da barriga cheia, da mudança digna, da escola eficiente, do hospital que recebe as pessoas. E nós temos condições de mudar com o que já existe no Brasil". (MST, 2005c)

Confronto com a Polícia de Brasília.

Ao se dirigiram para o Congresso, onde haveria o encerramento, começou o confronto com a polícia e os sem-terra. Um carro de polícia tentou entrar no meio dos marchantes que, se sentindo provocados, rodearam o carro, não dando espaço para que passasse. A tropa de policiais chegou e começou o confronto. A cavalaria da polícia militar entrou em ação e correu em direção dos sem-terra que iam passando. Os cavalos, forçados pelos policiais, pisoteavam as pessoas. Dezenas delas ficaram caídas enquanto o restante da cavalaria passava. Nesse mesmo instante, um helicóptero que sobrevoava o local começou a dar voos rasantes. Várias pessoas que participaram desse Ato ficaram apavoradas. Dona Rita, uma senhora idosa, relatou que o helicóptero voava tão baixo que arrancava o boné e as bandeiras dos sem-terra. Eles se sentiram muito agredidos com essa atitude já que, em nenhum momento da caminhada, houve qualquer confronto com a polícia federal.

Após o confronto, com os ânimos acalmados, os sem-terra, finalmente, na frente ao Congresso Nacional, encerraram a Marcha Nacional pela Reforma Agrária. No encerramento registramos a presença dos artistas Osmar Prado, Letícia Sabatella e Marcos Winter, participantes do Movimento Humanos Diretos; de Sergio Mamberti, Responsável pela Secretaria de Identidade e da Diversidade Cultural; Senadora Heloisa Helena, João Pedro Stedille, além de intelectuais e políticos.

À noite, ao retornar ao acampamento, os sem-terra chegavam em grupos e comentando o confronto ocorrido, mas também com satisfação de terem terminado a marcha, cumprindo o roteiro estabelecido.

Reunião com o Presidente Lula.

O MST durante a noite o Presidente Lula recebeu 50 marchantes representantes do MST. Participaram da reunião D. Tomás Balduino, presidente da CPT e representantes da União Nacional dos Estudantes (UNE), MPA, Central Única dos Trabalhadores (CUT), Movimento Fábricas Ocupadas e CRB. Demétrio Magnolli pela CNBB e os artistas Letícia Sabatella e Marcos Winter, do Movimento Humanos Direitos. Do lado governamental, estavam presentes, além do presidente Lula, o ministro da Casa Civil, José Dirceu, o ministro do desenvolvimento agrário Miguel Rossetto, o Secretário Geral da Presidência, Luiz Dulci e o presidente do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), Rolf Hackbart.

No vídeo *Ergue a tua Voz* (2007) está registrado que o deputado estadual Walmir Assunção, do PT-Bahia e militante do MST, entregou ao Presidente Lula os símbolos da Marcha Nacional: a marmita, a mochila com os livros e as cartilhas e o boné, o qual o Presidente coloca tranqüilamente na cabeça. Nesse encontro o Presidente Lula afirmou: “Se não cumprirmos as metas da Reforma Agrária, teremos um problema de consciência com nós mesmos” (MST, 2005).

Foram acordados sete dos dezesseis pontos da Pauta de Reivindicação entregue ao Governo Lula, na realização da Reforma Agrária no país. Segue abaixo a síntese desses pontos acordados:

1) Cumprimento das metas do PNRA em 2005

- a) O governo reafirma seu compromisso com as metas do II PNRA: 115 mil famílias assentadas em 2005 e 400 mil assentadas até o final de 2006.
- b) Envio ao Congresso Nacional, até 31 de maio, de Projeto de Lei de suplementação orçamentária com os recursos necessários para cumprir a meta.

2) Revisão dos Índices de Produtividade

O governo federal já tomou a decisão de atualizar os índices de produtividade. Portaria Interministerial será publicada nas próximas semanas.

3) Reestruturação e fortalecimento do Incra

- a) O Ministério do Planejamento autorizou a contratação de 137 servidores já aprovados em concurso, principalmente agrônomos.
- b) Autorizar a realização, ainda em 2005, de novo concurso para o INCRA, com abertura de 1300 vagas.
- c) Nova estrutura organizacional do INCRA

- 4) Priorizar na seleção para os assentamentos, observadas as demais condições legais, as/os trabalhadoras/os em acampamentos mais antigos
- 5) Assegurar uma cesta básica mensal para todas as famílias acampadas
- 6) Descontingenciar os recursos do Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - Pronera
- 7) Mais qualidade para os assentamentos - acesso ao crédito pelos assentados
 - a) Reajustar o teto de financiamento do Pronaf A de R\$ 15 mil para R\$ 18 mil (1,15% ao ano, carência de até 5 anos, 10 anos de prazo para pagar, desconto de 46% para pagamentos em dia).
 - b) Aumento de um para três dos créditos de custeio aos assentados (juros de 2% e rebate de R\$ 200,00 para pagamentos em dia), no valor de até R\$ 3.000,00 cada, sendo os dois primeiros com risco da União e o terceiro com garantia de compra da produção.
 - c) Instituir um Crédito de Recuperação de Assentamentos, no valor de até R\$ 6.000,00 por família (1% de juros, carência de até três anos e até 10 anos de prazo para pagar), com disponibilidade de recursos fixada a cada Plano Safra.
 - d) Assegurar a disponibilidade de R\$ 100 milhões para acesso exclusivo dos assentados ao Pronaf Agroindústria (até R\$ 18 mil por família, 3% de juros para pagamentos em dia, até três anos de carência e 8 anos para pagar) através de fundo de aval ou outro instrumento de garantia.
 - e) Instituir, além do atual crédito de instalação/fomento de R\$ 2,4 mil, um segundo recurso de fomento aos assentados, no ano seguinte, no mesmo valor.
 - f) Aumentar de R\$ 1.000 para R\$ 1.500 os recursos para construção de cisterna no semi-árido. (MST, 2005d)

Segundo Stedille a Pauta de Reivindicação é uma plataforma política elaborada com a Via Campesina e nos movimentos sociais de todo o Brasil, e representa uma proposta de solução para os problemas do povo brasileiro.

Se o governo Lula quiser de fato fazer as mudanças para melhorar as condições de vida do Povo Brasileiro, isso aqui é o roteiro, as coisas fundamentais que são necessárias fazer. Primeiro lugar, em relação ao campo, a reforma agrária, o controle da Amazônia, o controle da água, a valorização da agricultura familiar. Em relação à política econômica. Tem que mudar completamente essa política econômica que só prioriza juros e superávit primário. E em relação a política geral, tem de criar mecanismo de participação popular porque as mudanças não dependem nem do presidente nem do governo, as mudanças nesse país só vão acontecer se o povo se organizar. Agora, o governo tem que ter consciência disso para estimular o povo a lutar, é isso que vamos dizer em Brasília. (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005).

No dia seguinte, pela manhã, um grupo se reuniu com o Ministro do Desenvolvimento Agrário, Miguel Rosseto, quando ficou acertado a contratação de 137 servidores para o INCRA e a abertura de concurso para 1.300 vagas, além de mais oito pontos relacionados com medidas concretas para acelerar a Reforma Agrária. Entre eles, a mudança dos índices de produtividade, que definem se uma propriedade é produtiva; um novo crédito especial para as famílias assentadas; a garantia de reestruturação do INCRA; cestas básicas e a prioridade para assentar as 120 mil famílias acampadas até o final deste ano.

3.5 ASSEMBLEIA DE ENCERRAMENTO DA MARCHA NACIONAL

No dia 18 de maio de 2005 houve a Assembléia de encerramento da Marcha Nacional. Após os informes iniciais e a mística, foi dada a palavra a João Pedro Stedille que iniciou a sua fala relatando a avaliação feita pelos coordenadores da marcha, e considerou como positivos os seguintes pontos: a elevação do nível de consciência política daqueles que participaram do evento; o exercício fundamental para manter a organicidade do movimento, que mobilizou cinco mil militantes que exerceram tarefas organizativas; o processo permanente de formação que se iniciou com a preparação da militância até a rotina da marcha; a experiência da Rádio Brasil em Movimento, elevando o nível de cultura do MST e massificando a rádio como ferramenta política; a ação coletiva, massiva e prolongada da marcha; a acumulação de metodologia de mobilização de luta; a construção de alianças sobre questões estratégicas. Finalizou essa parte afirmando que as condições estavam criadas, necessitava de que todos se dedicassem a tarefa principal: construir a organicidade do MST em todas as instâncias

Stedille apontou como falha a conduta do MST em relação ao confronto com os policias, no ato final, próximo ao Congresso Nacional: aceitar a provocação da policias com a tentativa de passar com a viatura no meio da marcha, subestimaram os inimigos, e se descuidaram em relação a presença de infiltrados que objetivavam a desordem e a briga.

Em seguida Stedille afirmou que o desafio para o MST seria de promover a formação de quadros políticos, acúmulo de forças na frente de massa¹⁸.

¹⁸ Setor responsável por fazer a intervenção nas comunidades com o intuito de apresentar a proposta do MST e recrutar pessoas para formarem novas ocupações.

4. A MARCHA NACIONAL PELA REFORMA AGRÁRIA – ESPAÇO ITINERANTE DE FORMAÇÃO HUMANA

O MST se constitui como um espaço onde aqueles que dele fazem parte, se educam utilizando como conteúdo a própria luta, as tensões e confrontos vivenciados, incorporando um conhecimento vivo, produzido na cotidianidade ao tecerem a sua história. Uma força educativa viva sendo processada, repensada, construída dialeticamente, integrando nesse processo, crianças, jovens e adultos. Uma escola sem muros, onde o trabalho, a produção da vida, a cultura, as tensões que vivenciam ao produzirem a sua existência se compõem como construtora da sua identidade, constituindo um território imaterial de formação humana.

Para milhares de pessoas que viveriam anonimamente, no abandono, sem a terra e sem a dignidade permitidas pelo trabalho, as ocupações, os acampamentos, as marchas são espaços do aprendizado da luta, da formação; a gênese da conscientização e da emancipação do sem terra a transformar-se em sujeito político em busca do seu direito à vida plena.

A educação não-formal, no MST, apresenta-se como uma práxis política pedagógica, pois na interação do sujeito com a realidade vivenciada, estabelece um processo contínuo e dialético de formação humana, valorizando a cultura negada e silenciada, possibilitando, com isso, a construção de saberes na formação de uma comunidade onde humanizar-se e usufruir de todos os bens sociais, sejam prioridade.

A Marcha Nacional pela Reforma Agrária constituiu-se em um território imaterial de formação humana. O MST se apresentou para a sociedade como um exemplo de organização no qual doze mil pessoas, durante vinte dias, soube suportar adversidades, contratempos e aprendizados.

Ao longo da marcha houve muitos aspectos positivos que merecem ser lembrados, já que alguns setores da imprensa não tiveram interesse em relatar. O processo de formação que todas as tardes era realizado foi um dos exemplos. Os 12 mil marchantes acompanhavam diariamente, através de uma estação de rádio montada no acampamento, palestras, debates e estudos de documentos. A organização e disciplina também eram notadas no cotidiano do acampamento: montagem e desmontagem das barracas, distribuição da alimentação, zelo com o meio ambiente e a

limpeza do local por onde passava a marcha. Nem um simples papel era deixado no chão. Durante os percursos, jovens passavam entre as fileiras recolhendo toda espécie de lixo. Por onde passou a marcha, só ficou a admiração e o apoio da população que a acolhia. Aliás, o grande número de jovens marchantes mostra que o movimento cresce e se fortalece a cada dia. (BASSEGIO, 2005).

A formação foi um dos grandes pontos que se sobressaíram na Marcha Nacional. Diariamente as equipes de trabalho executavam as suas tarefas. Todos da militância tinham uma tarefa a ser cumprida. A organização é fundamental na realização das marchas, e essa organização é sempre feita por uma metodologia de divisão de tarefas, na qual, cada um assume a sua parte nesse momento. No seu depoimento, Lucinha aponta a importância da organicidade do MST na marcha:

Acho que esse período vai ser inédito na vida de todo mundo, aqui está sendo um aprendizado coletivo, todos estão aprendendo alguma coisa, desde os setores, a coordenação, as equipes, todos os brigadianos da marcha. Todos os que estão fazendo parte da marcha tem uma função, ou nacional, ou estadual, ou no seu núcleo, ou na sua brigada. O processo de organicidade da marcha está uma riqueza muito grande, o companheiro disse no início da marcha que ela seria uma grande universidade, uma grande escola, e eu estou acreditando e apostando nessa escola porque aqui nós estamos aprendendo muito. (LUCINHA, 2005)

Foram dezoito dias caminhando, convivendo com pessoas de diferentes culturas onde se estabeleceu harmonia e integração entre os marchantes. Foi uma impressão comum para todos que participaram da marcha e que foram entrevistados, concepção de quem estava vivenciando uma grande experiência educativa.

A Marcha Nacional foi uma grande escola de formação, como afirma Celso no seu depoimento:

A marcha está sendo uma das maiores escolas itinerantes que o movimento teve até hoje. É uma espécie de universidade onde a gente aprende no dia a dia. A gente percebe até nos nossos companheiros a mudança no comportamento[...] Organizamos esse processo é através da divisão de tarefas, pois se uma pessoa fosse coordenar esses 12.000 (marchantes) seria impossível, mas como a gente distribui tarefas para todo mundo daí cada pessoa se sente responsável pela marcha, daí se consegue, pelas brigadas, pelas equipes de trabalho, fazer com que as pessoas... não assim obrigar, mas que percebam, que tenham consciência,

que tenham que participar da atividade em benefício delas próprias (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

Durante todo o percurso da Marcha Nacional, pela manhã, os marchantes deslocavam-se em torno de vinte quilômetros diários; as equipes de infra-estrutura recolhiam e arrumavam as bagagens nos caminhões, desarmavam as lonas do acampamento e se dirigiam para o novo local para remontarem toda a estrutura. Assim, quando os marchantes chegavam ao local, e de posse das suas malas, iam descansar, tomar banho, almoçar e reunirem-se com sua equipe de trabalho para organizarem as tarefas.

Vivenciar esse espaço itinerante de formação humana foi muito valorizado pelos participantes. Como afirma Djacira, coordenadora do MST:

Uma outra questão fundamental é a vivência, é a organicidade que estamos tendo aqui nos acampamentos e em todo o trajeto da marcha, através dos estudos que estão sendo aqui trabalhados todos os dias, com diversos temas, com diversos palestrantes enriquecendo os debates, enriquecendo as análises para que nós, sem-terra, possamos estar traçando o rumo que entendemos, tanto para a reforma agrária, como para o povo brasileiro [...] a vivência de culturas diferentes está sendo a grande escola que a marcha está proporcionando. (DJACIRA, 2005)

É uma constante na militância do MST apontar a Marcha Nacional como um espaço de formação humana, enriquecido pela organicidade, que durante a sua itinerância apresentou-se como uma escola que trazia no cotidiano vários elementos instigadores que proporcionaram reflexões e análises da conjuntura nacional.

A marcha tem nos servido como escola itinerante, e acredito que ela não vai parar apenas em Brasília nos vamos continuar marchando nos nossos estados, nos vamos continuar marchando nos nossos acampamentos, a marcha das idéias em transformar esse país em uma nova sociedade socialista. [...] a marcha é uma prova de resistência, é uma prova de que estamos dispostos a avançar com esse processo de transformação desse país. A marcha nunca dá pra trás, ele sempre vai pra frente. Nós não estamos caminhando, estamos marchando. A marcha tem uma simbologia de avanço, de resistência, de vencedor. Quem marcha é sempre um vencedor. As lutas estão aí pelo mundo e quem marchou com seus objetivos, com sua dedicação marchou com propósito e foram vitoriosos. (SÉRGIO, 2005)

No seu percurso simbólico, a marcha representa avanço dos trabalhadores rurais sem terra nas ações para a conquista do terra de direito. E como foi dito por Sérgio em seu depoimento “a marcha nunca dá pra trás, ela sempre vai em frente”. É uma manifestação coletiva de esperança pelo torrão, onde o homem e a mulher sem-terra possam resgatar a sua dignidade, através do trabalho. Os sem-terra saem dos seus acampamentos cientes de que essa marcha não resolverá a questão agrária, nem tão pouco resolverá os seus problemas imediatos, mas é a crença na luta que os fazem marchar e acreditar que a cada passo vão deixando registros na historia do país, que existiu um grupo de trabalhadores rurais sem terra que não desistiram nunca de acreditar na democracia, no direito a uma vida digna, e na força que o povo unido e organizado pôde dar como exemplo de luta para o Brasil. Para Bento, em entrevista a Nilo Mendes:

Tô achando essa marcha muito importante, essa marcha significa muito coisa pra gente porque aqui estamos pegando experiência para os nossos acampamentos para reforçar os nossos amigos que estão nos nossos acampamentos, damos mais uma força, mais uma esperança [...] nós estamos aqui para lutar pelo povo e você sabe muito bem que o povo nunca se cansa e cada dia que passa nós renova nossas força. (MARCHA Nacional pela Reforma Agrária, 2005)

Na sua fala, Bento aponta a repercussão que a Marcha Nacional ainda terá, pois a formação que lá obtiveram será compartilhada com os companheiros de luta que por razões diversas não puderam partilhar essa experiência.

Paulo Freire fala sobre a Marcha Nacional que ocorreu em 1997:

Eu estou absolutamente feliz por estar vivo ainda e ter acompanhado essa marcha e que como outras marchas históricas revelam o ímpeto e a vontade amorosa de mudar o mundo, essa marcha dos chamados sem terra. Eu morreria feliz se eu visse o Brasil cheio, em seu tempo histórico, cheio de marchas. Marchas dos que não tem escola, marcha dos reprovados, marchas dos que querem amar e não pode, marcha dos que se recusam a uma obediência servil, marcha dos que se rebelam, marcha dos que querem ser e estão proibidos de ser. Afinal de contas as marchas são andarilhagem históricas pelo mundo. E os sem terra constituem para mim hoje uma das expressão mais forte da vida política e cívica desse país, por isso mesmo que se falam contra eles, e até de gente que se pensou progressista e falam contra os sem terra como se fosse uns desabusados, como se fosse uns destruidores da ordem. Não, pelo contrário, o que eles estão é mais uma vez provando certas afirmações teóricas de analistas políticos de que é preciso mesmo é brigar para que se obtenha um mínimo

de transformação [...] Como eu acredito em Deus eu fico feliz por estar vivo e ver e saber que os sem terra marcham contra uma vontade reacionária histórica implantada nesse país e o meu apelo, quando termino a sua pergunta, o meu desejo, o meu sonho, é que outras marchas se instalem nesse país. Por exemplo, a marcha pela decência, a marcha pela superação da sem- vergonhise que se democratizou, terrivelmente nesse país, eu acho que essas marchas nos afirmam como gente como sociedade querendo se democratizar. (ULTIMA entrevista com Paulo Freire, 1997)

Freire preconizar que muitas marchas iguais a essa deveriam acontecer. Pessoas engajadas buscando melhores condições de vida, contestando o poder abusivo, humanizando-se na sua luta. O simbolismo dessas “andarilhagens históricas” leva os homens a caminharem sempre em frente, e perceberem como são fortes quando amparados uns aos outros. As lutas são travadas para que as conquistas aconteçam, caso contrário, na acomodação das situações precárias, os homens se desumanizam e se acostumam com essa condição. Ao enfrentarem as decisões do Estado, referentes à reforma agrária, os sem-terra são recriminados, os seus enfrentamentos são descaracterizados e apresentados à sociedade de forma fragmentada pela mídia. As marchas, exemplo de mobilização organizada, são apenas transmitidas para a sociedade como um aglomerado de baderneiros, preguiçosos que ficam utilizando o dinheiro público em mobilizações sem objetivos concretos. Para os sem-terra, que participaram da Marcha Nacional, foi comum a idéia de aprendizado, de construção, que levarão para toda a vida e que poderão compartilhar com os companheiros dos acampamentos e assentamentos.

Desta mobilização itinerante, destacamos a seguir, alguns elementos educativos que ocorreram no processo de organização e que subsidiaram o foco desse trabalho.

4.1 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E A MARCHA NACIONAL: SUBSÍDIOS PARA UMA FORMAÇÃO HUMANA EM MOVIMENTO

A educação não-formal se apresenta na Marcha Nacional como uma possibilidade de educação, sendo o conteúdo político-social-econômico-simbólico norteador das suas práticas e, portanto, carregados de elementos que possibilitam a análise crítica da realidade.

Um espaço imaterial, mutável, inacabado, gestado na cotidianidade, visando a formação política dos trabalhadores rurais com elementos presente nas suas vidas.

Nesse item buscaremos discorrer sobre as práticas educativas não-formais que nos chamaram atenção na marcha.

4.1.1 O corpo e a cultura na marcha.

Diversas atividades culturais puderam ser vistas na marcha. Além das que foram formalmente organizadas para os Atos, puderam apreciar aos vídeos à noite, o teatro nos acampamentos e, durante a Marcha, as manifestações espontâneas de cada estado que valorizou a cultura e a educação como um instrumento de formação e conscientização. Isso que sempre foi uma proposta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra na construção da cidadania, na busca de romper a cerca que os separa do acesso ao conhecimento socialmente produzido.

A cultura corporal possui elementos históricos que possibilitam interpretações, análises e releituras voltando o olhar para a multiplicidade e para a diversidade de modos de produzir cultura por meio do movimento e da linguagem corporal. Baseamos-nos, neste ponto, na perspectiva apontada nos estudos de Maria Cecília de Paula Silva (2003) que sustenta a importância de se considerar o corpo, a cultura e a linguagem. Em suas palavras:

A linguagem do corpo se torna importante para a educação porque ela explicita, reformula e traz à tona questões que expressam o ser no mundo, sua concretude existencial. O corpo tem uma linguagem. Uma linguagem de poder. Poder que circula, que funciona em rede; e a produção do poder se faz através do saber. E o corpo, na sociedade, na escola, é como objeto a ser disciplinado e controlado. (PAULA SILVA, 2002, p. 37).

Nesta perspectiva, o corpo é considerado “numa perspectiva de totalidade, como referência ao ser humano real, do ser no mundo e das condições econômicas e sociais em que ele tem de viver, e não de forma reducionista [...] O corpo precisa ser desvelado, deixando de ser usado para ocultar as injustiças sociais. [...]. O corpo é sempre um corpo situado, marcado socialmente por sua condição de classe, por sua existência única, e diversa, porém, social” (p.38).

O corpo situado do trabalhador rural estava presente na Marcha em todas as manifestações culturais espontâneas e propostas pela organização do Movimento, como no caso de Betinho, Cabacinha, no grupo de teatro Patativa do Assaré. Atividades lúdicas, brincadeiras, danças, teatros, cultura popular misturados com intencionalidade de luta. Na Marcha Nacional, a fronteira entre a brincadeira e a marcha como expressão da luta não se caracterizou, parecendo não existir. Esta compreensão se deu em função de certos aspectos como, por exemplo: os espaços não foram demarcados com manifestações ‘amorfas’ de puro entretenimento, em expressões desvinculadas da intenção desta mobilização.

A linguagem corporal expressa na marcha representava uma identidade construída na vida cotidiana dos sem terra, carregadas de conteúdo político, de manifestação de confronto. A corporeidade se apresentou como um canal de comunicação, uma linguagem que expressava, de forma simples e concreta, a luta do povo pela reforma agrária, uma luta de todos que compunham a Marcha Nacional, bem como explicitava essa mesma luta para toda a população que parava atônita para ver da Marcha passar.

Na perspectiva de comentar alguns desses preciosos momentos em que, de forma explícita, a linguagem corporal se traduzia numa identidade de luta, resolvemos desenvolver alguns temas que expressavam os momentos dessa luta, o confronto com os latifundiários e com o Estado na defesa dos diretos, e pela reforma agrária.

Os marchantes trouxeram elementos simbólicos característicos da vida campesina e dos movimentos sociais do campo, como as vestimentas, as ferramentas de trabalho do camponês, as cores, a bandeira, os mártires, a história de luta para suas práticas agregando o universo lúdico e político numa só manifestação cultural.

A cultura do corpo esteve presente em toda a marcha. O corpo compreendido como ser total, como ser no mundo, do ponto de vista de classe. Importa compreendermos que o homem é seu próprio criador [...]. Para tal, necessita-se “definir o homem, a cultura e a sociedade que se quis/quer promover indissolivelmente. Significa que não existe definição eterna e universal de homem, uma vez que o homem não é senão o que pode tornar-se condição social determinada. [...] só se pode opor outra concepção de classe, de homem e de cultura se nesta estiver explicitada a relação entre homem e a sociedade que projeta, definidas sobre opções de classe” (PAULA SILVA, 2002, p. 53).

Esta definição esteve presente por todo o tempo na Marcha Nacional. Uma concepção de corpo, homem e cultura situados socialmente na luta pela existência, luta diária e cotidiana por terra, trabalho e lazer, justiça social.

Neste sentido, o corpo aqui é compreendido como a maior expressão de mobilização, por meio da cultura corporal de movimento anunciado na peregrinação, luta cultural e lazer, dentre outros. Enfim, dimensões culturais e expressivas compreendidas numa só sinergia, confluíram nessa mobilização. Descreveremos, de forma densa, algumas dessas expressões, as que mais me chamaram a atenção.

Os sem-terra no teatro: um teatro itinerante

Na marcha, a Brigada Nacional de Teatro Patativa do Assaré apresentou diversas peças, tanto para as crianças, na Ciranda, quanto nos Atos, em Goiânia e Anápolis, e também no acampamento. Para atrair a atenção das pessoas do acampamento, o pessoal do Teatro saía fazendo a “chamada”, e após conseguir atrair a atenção do público, parava num local e começava a encenar. Lembro-me da peça “O patrão bonzinho”, na qual o patrão, através de um artifício de manipulação dos empregados, começava a jogar uns contra os outros, dando-lhes a responsabilidade de escolher quem seria o funcionário despedido. O teatro é mais um elemento de formação política e ideológica usado pelo MST.

Segundo Rafael Vilas Boas, integrante da Brigada Nacional Patativa do Assaré, militante do MST no Distrito Federal:

Nós como brigada viemos para marcha com seis grupos de teatro que vieram com vinte e seis peças, então durante as manhãs quando a marcha está em movimento, esses grupos vão ao para caminhão de som fazer radio-teatro que é escutado pelos marchantes pela rádio da marcha. Durante as tardes quando o setor de formação reúne as pessoas para fazer o estudo, nós apresentamos peças que tenham vinculação com os temas estudados, com o objetivo que o teatro seja um subsídio para discussão teórica. (RADIO Brasil em Movimento, 2005)

O teatro ultrapassou o intuito de mera expressão de entretenimento e passou a ser também um espaço de formação no qual os valores cultuados pelo MST, a visibilidade das questões

políticas e estruturais do país são apresentadas de forma lúdica, levando os espectadores à reflexão do tema apresentado.

Artistas Populares.

Cabacinha¹⁹

Cabacinha foi um poeta popular que participava do MST desde 2003. Descendente de expropriados da terra, tinha, finalmente, conseguido a posse do torrão na Ocupação Lulão, área de conflito próxima a Porto Seguro – Bahia. No ritmo do berimbau, passava a sua mensagem sobre a luta dos trabalhadores rurais.

Vários sangues estão envolvidos na formação do brasileiro, mas essa briga é de todos. A Marcha Nacional tem que ser feita, anos e mais anos, não para por aqui, porque enquanto houver desigualdade no Brasil, a gente tem de fazer luta de classes, buscando direito para todos e todas. O dever do MST e de todas as organizações sociais é trabalhar o nível de consciência política, de todos e todas e principalmente da juventude. Essa marcha nacional é incrível, é um símbolo histórico. (CABACINHA, 2005)

A seguir Cabacinha terminou a sua fala com a forma que melhor sabia desabafar, com o seu berimbau na mão fazendo da cultura popular o seu canal de transmissão do desabafo sem-terra.

Brasil tá na cara, não tem outra saída
pra que a classe trabalhadora, com seus filhos, possam ter vida digna
sair da situação precária e também do submundo
temos que acabar com o latifúndio,
desconcentrar a terra
distribuir a renda
e implantar a reforma agrária.
Se isso acontecer com direito a casa,

¹⁹ Cabacinha faleceu em junho de 2008

escola ,esporte, saúde energia e lazer para toda a gente
 assim teremos vida descente,
 o que é direito nosso!
 dever de todos os políticos e
 também do companheiro Lula Presidente
 (CABACINHA, 2005)

Na música de cabacinha estão resumidos os diretos essenciais que o povo sem-terra almeja conquistar: reforma agrária, distribuição das riquezas, a dignidade e, conseqüentemente, a conquista dos direitos básicos do cidadão. Segundo Bogo:

[...] a cultura popular usa a simbologia, os sentimentos e a palavra falada vinculada com a ação concreta [...] Por isso sua expansão se dá pela forma escrita e mais pela forma oral, visual, sentimental, etc; por isso acreditamos nesta resistência da cultura do refugados pelo capital como fator determinante para retomar a luta pela terra na busca com o “religamento” das raízes físicas e sentimentais. (BOGO, 2000, p.21)

Um dos pontos essenciais tratado pelo MST é a formação intencionada na assimilação e cultivo de novos valores. Assim, a cultura popular é um canal de comunicação por onde flui e reforça essa intencionalidade política de formação de um novo homem e uma nova mulher.

Betinho.

O senhor Alberto dos Reis, mais conhecido como Betinho, trabalhador rural e amante da cultura popular, no dia que o estado do Maranhão puxou a marcha, percorreu todo o trajeto dançando para ensinar e estimular os mais jovens a preservar a cultura da sua região. Ao pedir-lhe que nos concedesse uma entrevista, fez um discurso inflamado e espontâneo, um desabafo:

Essa marcha é em tornos do Brasil inteiro, nos estamos marchando a dezoito dias, saindo das nossas residências chegando até Brasília, para que nessa marcha, nessa união, é mostrar a sociedade que nós somos unidos. Porque nós somos unidos? Porque dizem que somos trabalhadores de baixa renda e que nós não vale nada, por isso que nós

somos unidos, é mostrar a eles que temos direitos sim, que nós temos o direto como cidadão, nós temos direto como direitos humanos que está na constituição do país... na constituição está o nome no papel mas os representante não tira em prática, por isso é obrigado nós sair e reunir como irmãos, fazer a força da união para chegar até em Brasília, pra cobrar o nosso direito reforma agrárias onde existe o direito do trabalhador, onde existe o direito do pequeno empregado, onde existe todos os diretos, onde tem o pão de cada dia nas nossas mesas. Por isso que estamos chegando até Brasília, para mostrar a sociedade, para mostrar aos companheiros políticos que nós necessitamos de direitos, nós temos direito na lei e eles, não coloca, coloca só no papel e totalmente eles não faz reforma agrária para nós, por isso nós estamos aqui unidos, chegando em Brasília, fazendo esse sacrifício muito grande para cobrar deles e mostrar para eles que nós somos unidos, o Brasil em peso para derrubar esse poleiro político que se beneficia com nosso próprio direto, com recursos, que não cede recurso para nós trabalhar, para produzir, enquanto eles estão lá no poder comendo dormindo vivendo bem e nós estamos lá no mato, explorado de maribondo, picado de cobra e não tem sequer um contra veneno para dar para nós pra ver se nós não morre, isso é o que está acontecendo para nós está cá, chegar até aqui. (BETINHO, 2009)

Com o mesmo vigor dos seus setenta anos, dançava junto à garotada do MST. Ele bradava a sua revolta, registrando pontos que caracterizam a essência do MST: a união, a luta por direitos do cidadão sem-terra, reforma agrária, recursos para produção. Betinho dançava e bradava. A dança popular ali também refletia a sua indignação, a sua resistência, era a sua expressão contra a opressão. Ele vivia cercado de jovens que queriam aprender com ele a sua arte da dança e da retórica do sem-terra, o brado destemido que os anos de luta ajudou a forjar.

Segundo Freire (1987a), na ação cultural uma nova cultura se estabelece. Mesmo nascendo no seio da velha cultura, os valores antigos devem ser expulsos, e o novo, que se forja, deve constantemente sofrer a crítica para que os elementos introjetados da velha cultura sejam extirpados.

A cultura popular nos trás elementos de resistência e apropriação dos espaços sociais, onde a oralidade é a sua principal ferramenta de transmissão. Na Marcha Nacional, a cultura era pulsante em cada barracão de acampados, nos finais de tarde, após o estudo, era comum ver as rodas de cantorias em volta da fogueira.

4.1.2 O Simbolismo do MST: a marcha e a mística itinerante.

A marcha e a mística são elementos simbólicos que migram da igreja católica para o MST. Por que os Sem Terra marcham? Por que se submetem a essa trajetória tão dura de caminhar por dias seguidos, suportando sol e frio e todos os incômodos dessa longa estrada?

Quando marchamos, levamos em nossos passos os sonhos daqueles que nos acompanham, e de milhares de outros seres humanos que ficaram esperando por nossa volta... Por isso quem for para a marcha estará lutando por si, pela família de todos os Sem Terra, mas também pelas futuras gerações que nascem e precisarão de terra para trabalhar. (MST, 2005b, p. 59).

A marcha é uma mobilização que tem elementos simbólicos presentes na fé dos trabalhadores rurais sem terra, não é simplesmente um ato puro de marchar, percorrer uma distância e visibilizar a causa para a sociedade; ela tem uma significação maior para os sem-terra: *“A marcha sempre foi um ato heróico na história da humanidade. Sempre que os povos se sentiram ameaçados ou tiveram problemas a resolver, saíram de seus locais de origem e foram em busca de soluções, usando o próprio corpo como instrumento de luta”*. (MST, 2005. p: 59).

A marcha dos sem-terra é tratada como uma analogia ao êxodo do povo hebreu na busca da terra prometida. Ao se reportar a marcha, em entrevista concedida a Bernardo Mançano, no livro *Brava Gente*, Stedille explica essa questão simbólica para o movimento:

No caso da luta pela terra, o livro Êxodo era uma referência para que os trabalhadores compreendessem melhor a sua história. Nas comunidades durante os estudos bíblicos era feita uma analogia entre o êxodo do povo hebreu e o êxodo do sem-terra sofrido pelos trabalhadores rurais. Esse processo pedagógico enriquecia as novas formas de organização que emergiam. Estava em movimento a fermentação da caminhada à terra prometida. (STEDILLE: MANÇANO, 1999. p. 74)

Para os sem-terra, ligados ao MST, a terra prometida não está mais no eterno, é aqui e é motivo de luta política, fruto da ação consciente e organizada. Não será o poder estabelecido pelo Estado que dará direitos aos cidadãos. São eles, cidadãos, que precisam

conquistá-los, colocando a estrutura do Estado a serviço das verdadeiras aspirações do povo.

A religiosidade sempre esteve presente desde o início da formação do MST. Segundo Silva (2004), tanto os setores progressistas da igreja Católica, quanto a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil tiveram uma participação fundamental na articulação e politização dos conflitos por posse de terra. A Teologia da Libertação surgiu como um novo paradigma fundamentando a atuação da igreja Católica na década de 1960. Após o Concílio Vaticano II e a II e III Conferências do Episcopado Latino-Americano, ela passa a se identificar com as camadas subalternas, redimensionando a evangelização e passando a considerar como fundamental “o conhecimento e a valorização da cultura popular” (p.43). Dessa forma, a parte da igreja rompe com o sistema capitalista, raiz de exclusões, atuando na articulação dos movimentos de luta pela terra, levando a reflexão o trabalhador rural sobre o processo de opressão a que eram submetidos, desenvolvendo “o conceito de autonomia e libertação a partir de leituras bíblicas e da análise da problemática social, na qual os integrantes estavam inseridos”. (p.43)

O outro elemento importante que migra da igreja católica é a mística. Segundo Boff:

Originalmente a palavra mistério (mysterion, em grego, provém de múein, que quer dizer perceber o caráter escondido, não comunicado, de uma realidade ou de uma intenção) não possui um conteúdo teórico, mas está ligada à experiência religiosa, nos ritos de iniciação. A pessoa é levada a experimentar, por meio de celebrações, cânticos, danças, dramatizações e realização de gestos rituais, uma revelação ou uma iluminação conservada por um grupo determinado, e fechada. Importa enfatizar o fato de que mistério está ligado a essa vivência/experiência globalizante. (BOFF, 1999, p.12).

A mística é uma forte presença dos resquícios dessa formação inicial que foi incorporada ao movimento e transformada em um ritual ecumênico, cultural, político e ideológico.

A mística faz parte do cotidiano do MST. Está presente em todos os Atos, mobilizações, encontros, assembléias, enfim, em todas as reuniões do MST. É uma forte marca no Movimento, pois alimenta os sem-terra de esperança, é onde eles se veem retratados, se identificam, pois ela é uma síntese das histórias de luta que os trabalhadores rurais vivenciam, e uma utopia por dias melhores com a terra conquistada. Através dessa

celebração, os valores são cultivados e transmitidos, a interpretação da realidade social é apresentada, a identidade coletiva reforçada, fortalecendo as convicções dos militantes.

Ela é a força, a energia cotidiana que tem animado a família Sem Terra a continuar na luta, ajudando cada pessoa a enxergar e a manter a utopia coletiva. A mística é aquele sentimento materializado em símbolos, que nos faz sentir que não estamos sozinhos e são os laços que nos unem a outros lutadores que nos dão mais força para prosseguir na construção de um projeto coletivo (CALDART, 2001b. p.29)

A mística apresenta-se em duas dimensões: a prática de um ritual presente em todas as reuniões e uma energia intrínseca ao militante que o conduz, direcionando-o, dando força para enfrentar a labuta cotidiana da luta: o trabalho nos setores, a formação cotidiana daqueles que são novatos, as viagens para eventos e reuniões, as mobilizações, o “trabalho de beija-flor” indo de casa em casa para organizar coletivamente o local de moradia. Por isso a sua dimensão educativa é fundamental para que o movimento continue se expandindo. Boff, ao referir-se a antigos militantes, define a mística da seguinte forma:

Mística significa, então, o conjunto de convicções profundas, as visões grandiosas e as paixões fortes que mobilizam pessoas e movimentos na vontade de mudanças, inspiram práticas capazes de afrontar quaisquer dificuldades ou sustentam a esperança face aos fracassos históricos. (BOFF, 1999, p.24)

Para Leonardo Boff (1999) a mística político-social está vinculada a uma utopia “capacidade de projetar, a partir das potencialidades do real, novos sonhos, modelos alternativos e projetos diferentes de história [...] desfatalizam a história, não reconhecem como ditado da história a situação injusta imposta e mantida pelas forças opressoras” (p.24) Para Freire (1987b) o fatalismo presente no oprimido “é fruto de uma situação histórica e sociológica e não um traço essencial na forma de ser do povo”. (p.49). Constata-se a importância da ala progressista da igreja na conscientização política e ideológica dos camponeses no sentido de compreenderem a importância da organização para o processo de luta.

Na Marcha Nacional o estado que puxava a marcha era responsável por realizar uma mística em algum lugar do trajeto percorrido no dia. Nos primeiros dias a mística foi realizada na chegada ao acampamento. Portavam bandeiras enormes pelas quais tínhamos

que passar por baixo, ou apresentavam uma manifestação cultural da região. Com o decorrer dos dias as místicas foram ficando mais ousadas e o trajeto da marcha foi usado como palco de encenação. Fizeram místicas com bandeiras presas no morro, esquetes teatrais performáticas, símbolos disposto no chão ao lado ou no meio por onde os marchantes passavam painéis com fotos de lutadores do povo, como Che, Olga Benário, e vários militantes do Movimento Sem Terra.

Por algumas vezes a mística foi tão absorvente, inerte e puramente simbólica, que até atrapalhava a caminhada. As pessoas ficavam intrigadas e paravam para ver, admirar e, por vezes, buscar entender a mensagem. Soubemos depois que houve uma discussão interna e passaram a reformular a maneira de fazer as místicas durante a marcha para que o ritmo da caminhada não fosse perdido.

A Assembléia de Encerramento começou com uma mística. Montaram um globo no centro do Estádio e uma rampa de madeira foi armada, peça por peça, sendo que cada uma tinha uma palavra: gentileza, unidade, espírito de sacrifício, resistência e disciplinas; valores que foram cultivados durante a marcha e apresentado por Ademar Bogo na Assembléia de Abertura. Com a rampa montada, chegaram da lateral do estádio pessoas que foram figuras marcantes nessa mobilização itinerante: Jocélio de Souza, um rapaz de vinte e oito anos, paraplégico, acampado na Fazenda Maísa, no Rio Grande do Norte. Ele fez o percurso da marcha num triciclo com uma manivela com a qual conduzia, empurrando com as mãos e com a ajuda de companheiros. Jocélio veio para marcha contrariando o desejo dos familiares, mas estava feliz pela oportunidade de estar participando daquela mobilização; um senhor hemiplégico que ficava à frente do grupo do estado da Bahia, apoiando todo o seu corpo em apenas um cabo de vassoura, uma muleta improvisada - foi vítima, na infância, de paralisia infantil - acompanhou todo o trajeto da marcha, não deixando de caminhar um dia sequer e serviu de símbolo de resistência para todos que pensavam em desistir. Sr. Luis Beltrame, idoso, com noventa e sete anos, foi o símbolo da Marcha Nacional por Reforma Agrária, Emprego e Justiça em 1997. Carregando a sua bandeira vermelha toda enfeitada, sempre caminhava na frente da marcha, se retirando apenas quando o cansaço chegava, marcou a sua presença mostrando para os adultos e crianças que militância não tem idade; o pequeno Gabriel, de cinco anos, também encantou os

marchantes com a sua voz, cantando as músicas de autoria da sua mãe Domingas, nos Atos em Goiânia e Anápolis.

Foram pessoas que se destacaram durante a caminhada, e o MST quis mostrar que todos podem enfrentar uma jornada tão dura, independente da idade, da deficiência física, das adversidades vividas no caminho. Apresentou-se ali o espírito de sacrifício de todos, indistintamente, que passaram sol e chuva, frio e fome, alegrias, formaram-se novos laços de amizade e, principalmente, alimentaram a utopia sem-terra de que a coletividade tem força para fazer longos percursos vida à fora, e construções que ficarão eternamente gravadas no coração de cada um que participou da caminhada.

Dessa forma, o simbolismo presente na mística busca aproximar os sem-terra dos princípios culturais e políticos do MST, sendo, portanto, um importante elemento de coesão que apresenta todos os princípios valorativos do Movimento através dos cânticos, das encenações; trazendo a força utópica dos sem-terra para continuar na luta. Sendo assim, a mística se caracteriza como um dos espaços educativos que utilizam a educação não-formal como um meio para alcançar aprendizagens significativas que contribuem para a formação humana no Movimento.

Para Freire (1987), no ato educativo é preciso que se conheça como se constitui o pensar e a linguagem do povo, e a partir dessa constatação, selecionar os conteúdos da aprendizagem, deixando claro que esse processo se dá na dialogicidade.

Os sem-terra, ao “pensar a mística”²⁰, trás elementos do seu cotidiano à labuta diária na terra, o enfrentamento à exclusão e a utopia de uma sociedade mais justa e igualitária, apresentando conteúdos simbólicos de fácil acesso e, possibilitando com isso, que os companheiros apreendam a realidade, conscientizando-se da necessidade e possibilidade de mudanças para uma vida melhor. Para Paulo Freire (1987), ao se instalar no ser humano, a percepção crítica “se desenvolve num clima de esperança e confiança que leva os homens a empenharem-se na superação das “situações-limites” (p.91). A mística é uma vivência coletiva fundamental para o Movimento, pois possibilita a formação política e ideológica, conforma-se como um esteio por onde os sem-terra compreendem a sociedade capitalista e

²⁰ Pensar a mística é um termo usado pelos sem-terra quando têm a responsabilidade de elaborar e organizar uma mística a ser apresentada.

os seus mecanismos de exclusão por meio de elementos simbólicos acessíveis e apreendidos conforme o grau de entendimento de cada pessoa que a vivencia.

4.1.3 A Ciranda e a Escola Itinerante Pés na Estrada

Escolinha Itinerante

Pés na Estrada

Sem-terrinhá estudando

nessa caminhada

(Palavras de ordem proferidas na Escola Itinerante Pés na Estrada, 2005))

A Escola Itinerante é uma experiência gestada no MST com o intuito de possibilitar a educação das crianças e adolescentes nos locais onde residem: acampamentos do MST. Essa iniciativa de montar as escolas nos acampamentos está amparada nas leis que regem a educação do Brasil, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nas Diretrizes Operacionais para Escolas do Campo, e principalmente na Constituição Federal de 1988.

Em 1996, o Rio Grande do Sul foi o primeiro estado a apoiar tal iniciativa e as aulas, ministradas nos acampamentos, passaram a ter o amparo legal garantindo aos educandos a continuidade dos estudos em qualquer lugar onde ocorressem. Os estudantes são matriculados numa escola-base, e participam das aulas em seu acampamento. A experiência gaúcha se espalhou por diversos estados do Brasil e foi premiada com o Prêmio Educação, do Sindicato dos Professores do Rio Grande do Sul. (GILLES, 2005).

Segundo o MST (2004), as aulas da Escola Itinerante acontecem em todos os lugares. Respeitando a itinerância do acampamento ou das marchas, os educadores são preparados para as atividades nas situações mais adversas “o que os provoca à criatividade e espírito de sacrifício, pois nem sempre as condições são dadas para o desenvolvimento das aulas”(pg. 42)

A Ciranda é um espaço educativo organizado em mobilizações, e em todos os encontros onde estiverem crianças menores de seis anos. Nesse espaço receberão atenção enquanto

seus pais estão integrados a alguma atividade do Movimento. Em alguns acampamentos e assentamentos ela é um espaço permanente, organizado para cuidar da educação infantil das crianças da comunidade.

Em períodos diferentes, acompanhamos a Ciranda e a Escola Itinerante Pés na Estrada durante a Marcha. Logo nos primeiros dias da marcha aproximamo-nos, mas percebemos que ainda estavam organizando o trabalho pedagógico. Apesar dos grupos já estarem separados por faixa etária, o local ainda não era o mais apropriado. Na segunda vez que nos aproximamos, combinamos, anteriormente, que acompanharíamos a Ciranda na saída. Logo que chegamos, o ônibus já estava cheio de crianças e de alguns educadores. Apesar da escuridão, elas estavam felizes, brincavam e conversavam, e quando alguém puxava uma música, elas cantavam alegremente. Os bebês ficavam no colo de algum educador ou mesmo da mãe, que se dispunha à cuidar de outras crianças, além do seu filho. Quando a marcha deu a partida, já amanhecia, só então o ônibus da Ciranda tomava o seu rumo para o local cedido para tal finalidade. A educadora Domingas puxou uma música de sua autoria, e as crianças respondiam em voz alta:

O fazendeiro é só sinal de guerra
GUERRA
O latifúndio é paz na nossa terra
TERRA
O povo todo grita sem temer,
MST
É o sem terra é que vai vencer
QUEREMOS TERRA
O fazendeiro pra lá
E o sem terra pra cá
O latifúndio vai ter mesmo é que acabar
QUEREMOS TERRA
Olê
OLÊ
Olá
OLÀ
O sem terra ta lutando é pra ganhar
QUEREMOS TERRA

(PEZINHOS na Estrada, 2006)

Ao chegarmos ao local, as crianças foram encaminhadas para tomar o café da manhã, e só depois foram se agrupar, por faixa etária, para iniciar as atividades pedagógicas.

A Ciranda Infantil é um espaço promovido para que as crianças também possam participar do evento. Nesse espaço educativo as crianças brincam, jogam e se divertem, mas também aprendem a cultivar os valores, os símbolos, enfim, a mística do MST. Dessa forma, enquanto os pais estão nas mobilizações, nas palestras, as crianças estão envolvidas nas atividades pedagógicas, discutindo e debatendo, dentro do seu nível de compreensão, as reivindicações que os seus pais fazem na luta do movimento. Segundo o educador Cláudio, da Escola Itinerante:

Uma multidão de gente dessa, a gente viu que ia ser complicado trabalhar a ciranda, mas nós voltamos atrás e vimos a necessidade da participação das crianças porque a mãe tem de participar e muitas vezes não tem com quem deixar o filho e a ciranda infantil tem de existir na marcha, pois nós estamos construindo a consciência da criança. É uma experiência que nós pegamos de vinte e três estados, é um enriquecimento muito grande. (PEZINHOS na Estrada, 2006)

Com a ciranda, a possibilidade das mulheres estarem presentes nas mobilizações se concretizou, mas apesar da questão de gênero ser constantemente debatida dentro do movimento, a cultura machista ainda predomina entre os sem-terra. Porém, Cristina Vargas, coordenadora do setor de educação, explica o avanço do MST nessa questão:

O MST, por ser um movimento social construído por homens e mulheres e seus filhos, sentiu a necessidade de criar um meio para cuidar das crianças e permitir que os espaços de debates sejam ocupados também pelas mulheres. Depois essa lógica mudou, hoje a ciranda não é um espaço somente para cuidar, mas para valorizar e incentivar a participação das crianças na luta. (MST, 2005d)

De acordo com o Caderno de Educação do MST (2004), a Ciranda Infantil é um espaço educativo de direito das crianças sem-terra que também são construtoras do Movimento,

onde são trabalhadas as diversas componentes, inclusive a “luta pela dignidade de concretizar a conquista da terra, a reforma agrária, as mudanças sociais” (p.37)

Nessa marcha, segundo relato de vários educadores, ficou estabelecido que não deveriam trazer as crianças, pois seria uma mobilização muito longa na qual elas ficariam expostas ao frio intenso da região, porém devido à impossibilidade dos pais deixarem os seus filhos, decidiram trazê-los, no que resultou um número considerável de meninos e meninas - em torno de cento e quarenta. Os educadores, presentes na marcha, começaram a organizar a Ciranda e a Escola Itinerante. A Ciranda atendeu crianças de até seis anos, e a Escola Itinerante Pés na Estrada, crianças e adolescentes de sete até catorze anos.

Os bebês ficavam na creche acompanhados por educadores. Respeitando-se a composição de um educador para cada dois bebês, ou da própria mãe que os acompanhava no cuidado de outros bebês. Os pequenos ficavam em espaços fechados e cuidadosamente limpos. Eram colocados colchões no chão onde eles podiam dormir e brincar.

As crianças menores de dois a sete seis anos foram divididas em grupos, por faixa etária, e ocupavam espaços diferentes ao ar livre. As atividades eram diversas: pintura, colagem, recreação, jogos educativos, ciranda.

Aproximamos-nos do grupo de seis anos e observamos que escreviam e desenhavam. Ao indagarmos da educadora Cida sobre o trabalho educativo, obtivemos a seguinte resposta:

Nós estamos realizando, na Escola Itinerante Nacional, um trabalho com as crianças da primeira etapa; estamos trabalhando os objetivos da marcha. Então a gente discutiu com as crianças porque é que a gente está marchando. As crianças colocavam pra gente:

- Ah, nós queremos terra!

Então a gente escrevia a palavra terra, reforma agrária, trabalhava as letras e o sentido, o que é que é reforma agrária. Trabalhamos todos os objetivos da marcha, que a gente quer justiça no campo, explicamos a questão dos créditos, que o pai recebe, ele faz os planos de comprar o gado, comprar ferramenta. Agora nós vamos pintar os pezinhos delas, vamos fazer a marcha no papel, e elas vão escrever aqui que aprenderam no cartaz. É um trabalho de resgate, além da palavra de ordem, das músicas, da marcha, trabalhar o verdadeiro sentido da marcha. (PEZINHOS na Estrada, 2006)

As crianças maiores, a partir de oito anos, foram divididas em três grupos, ficaram num espaço educativo mais formal, com atividades educativas elaboradas, no intuito de esclarecer as questões inerentes à marcha. Elas tiveram aulas expositivas, debates, criação

de textos e painéis. O objetivo era que não interrompessem os estudos e aproveitassem essa mobilização para que, além de vivenciarem a marcha, compreendessem o porquê da luta e das reivindicações dos seus pais.

Para a educadora Paula, que trabalhou com o grupo das crianças maiores:

Como a marcha não tinha uma proposta de Escola Itinerante, a gente se propôs, como educador, a estar demonstrando a importância da Escola Itinerante na Marcha. E chegamos com a proposta de continuar as aulas aqui, porque as crianças do nosso acampamento vieram e nós concluímos que seria necessário dar aula na marcha. E estamos fazendo, dentro das possibilidades que nós temos. Precisamos colocar para as crianças qual a importância da marcha, porque nós marchamos, o que isso significa para o movimento sem terra, a distância que a gente percorreu, de onde a gente veio. A gente trabalhou hoje com o mapa, de onde nós saímos, a distância, a localização geográfica, depois registramos esses momentos, discutimos as diferentes regiões as diferentes culturas que estão representadas aqui na escola. (PEZINHOS na Estrada, 2006)

A Escola Itinerante buscava responder às necessidades das crianças de compreenderem a situação que vivenciavam na marcha. Era um espaço apropriado para questionamentos e entendimentos, construções coletivas permitindo que o educando fosse sujeito desse processo.

A rotina da Ciranda e da Escola Itinerante seguiu os horários da marcha. Ao acordarem e se prontarem para caminhar, as crianças eram conduzidas pelos pais para os ônibus que as levariam para o espaço da Ciranda. No final da manhã, depois de concluída as atividades, as crianças almoçavam e eram levadas para seus pais no novo acampamento.

Da realidade que vivenciaram, foram incorporados alguns elementos ao conteúdo programático da Escola Itinerante e da Ciranda. Aprendizagens significativas são construídas no processo de vivenciar, explorar didaticamente, analisar o conteúdo e produzir construções, explicações e soluções para o presente. Para Freire (1987a), “o momento deste buscar é o que inaugura o diálogo da educação como prática de liberdade. É o momento em que se realiza a investigação do que chamamos de universo temático do povo ou o conjunto de seus temas geradores”(p.87). A educação do MST tem essa preocupação em todos os níveis, trabalhar a partir da realidade do grupo, para que assim possam caminhar pelos conteúdos que dizem respeito ao momento histórico, e que não se apresentam claramente nas abstrações dos educandos. Para o MST:

Consideramos superada, historicamente, aquela visão de que a escola é apenas lugar de conhecimentos teóricos, e que depois, fora dela, é que serão aplicados na prática. Não é esta lógica da educação que pretendemos. Queremos que a prática social dos/das estudantes seja a base do seu processo formativo, seja a matéria prima e o destino da educação que fazemos. (MST, 1999, p.11)

Faz parte dos princípios pedagógicos do MST a relação entre teoria e prática com o intuito de desenvolver, no educando, a capacidade de fazer relação daquilo que aprende na escola com o que vivencia na sua vida.

Segundo Freire, (1987a), os temas educativos não podem ser soltos da realidade histórica, mas estabelecidos numa relação dialética com outros temas da relação do ser humano com mundo. “Frente a esse ‘universo’ de temas que dialeticamente se contradizem, os homens tomam suas posições também contraditórias, realizando tarefas em favor, uns, da manutenção das estruturas, outros, da mudança” (p.93).

É essa a educação que o MST busca: uma formação para os sem-terra, desde a tenra idade, para entenderem o momento histórico e as suas causas sociais, políticas e econômicas que o configuram.

O sistema educacional brasileiro propaga a ideologia do neoliberalismo para que a sociedade seja mera reprodutora desse momento histórico, como se as mudanças não fossem geradas dentro da própria sociedade. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra “gesta”, efetivamente, uma nova forma de educar para a utopia de uma existência mais humana, de uma sociedade socialista aonde valores como a solidariedade, cooperação, respeito à natureza e a diversidade humana sejam cultivados pelos homens.

Segundo o MST (1999), o processo educacional do Movimento busca formar sujeitos que não sejam apenas críticos, que consigam passar da crítica a ação, não deixando de lado a teoria que dão subsídios a essa ação organizada, levando em conta que “a própria ação tem uma dimensão educativa que nenhum estudo teórico pode substituir” (p.7)

Na ciranda e na Escola Itinerante o conteúdo programático foi sendo construído a partir das demandas trazidas pelas próprias crianças ao buscarem compreender aquela situação que vivenciavam, propiciando dessa forma, a participação mais integral na dinâmica da

mobilização e, conseqüentemente, assimilando os princípios organizativos, valores e cultura do MST.

4.1.4 A Rádio Brasil em Movimento

A Rádio Brasil Em Movimento: Verás Que Um Filho Teu Não Foge à Luta sintonizada na frequência Fm 88,5 MHz, foi criada, especialmente, para a Marcha Nacional, tendo como parceira a Associação Brasileira de Rádios Comunitárias (Abraço). A rádio foi uma forma eficaz de comunicação com os marchantes, tinha o alcance de 20km. Cada marchante carregava um rádio de pilha e um fone de ouvido emprestado pelo Fórum Social Mundial, onde puderam ouvir toda a programação. A rádio foi montada dentro de um caminhão, estilo trio elétrico, e tinha como função transmitir a programação pré-gravada da rádio; informar os principais fatos ocorridos no noticiário nacional sobre o MST; informar notícias atuais do Brasil; transmitir o rádio-teatro criado pelo Coletivo Nacional de Teatro do MST; servir de palco para os palestrantes no horário do estudo, à tarde; coordenar a saída da marcha de madrugada e mesmo durante a caminhada; ser um espaço de apresentação das diversas culturas presentes na marcha. A transmissão da rádio começava na madrugada, às quatro horas, quando os marchantes acordavam, e iniciavam a organização da saída da marcha por estado.

Na sua programação foi incluída uma série de entrevistas pré-gravadas com militantes e intelectuais que apóiam o MST: João Paulo Rodrigues, Plínio de Arruda Sampaio, Eduardo Suplicy, José Arbex Jr, Chico Alencar, Gilvânia Ferreira da Silva, Dirceu Pelegrino, Luís Bassérgio, entre outros. Algumas dessas entrevistas eram feitas durante o percurso da marcha, quando uma dessas pessoas acompanhava por algumas horas, depois de editadas, eram vinculadas à programação do dia seguinte.

Cada dia o estado que conduzia a Marcha era responsável por parte da programação da rádio, onde falava um pouco da sua cultura e apresentava cantores populares, que em geral compunham música sobre o MST, mas sempre mantendo as particularidades da sua região. A programação diária, além de formativa e informativa animava os marchantes durante o trajeto.

Um dos pontos tratados na Pauta de Reivindicação, que o MST entregou ao governo, foi sobre a democratização da mídia, luta que vem sendo travada junto a outros movimentos sociais há algum tempo. Em entrevista a Rádio Brasil em Movimento, José Arbex Junior faz a seguinte declaração:

No Brasil o que existe é o coronelismo dos meios de comunicação. Assim como os grandes capitais que se apossaram da terra e do latifúndio, os grandes capitais também se apossaram do ar. Nós estamos acostumados a pensar democracia como um direito que você tem de consumir informação, mas isso é só uma parte da democracia, a verdadeira democracia está no direito de você produzir informações, multiplicar sua voz por milhares, por milhões, o direito que cada cidadão tem de comunicar o seu ponto de vista, a sua visão de mundo.
(RADIO Brasil em Movimento, 2005)

O MST faz parte de um coletivo de movimentos sociais que lutam pela democratização da mídia para que consigam que estes também sejam um veículo de expressão dos movimentos sociais e populares.

Em entrevista a Agência Carta Maior, Gilmar, coordenador do MST, fala sobre o preconceito na sociedade brasileira quando se trata dos movimentos sociais:

Parece que no Brasil pobre não pode falar de cinema, gostar de teatro, discutir economia. É como se estes assuntos e campos fossem 'propriedade exclusiva' de quem tem dinheiro, de quem estudou. Para nós, no entanto, comunicação e cultura são importantíssimas ferramentas de educação do povo, de abrir o diálogo com as pessoas, e vem daí o nosso investimento nestas áreas. Por outro lado, temos grandes preocupações com o destino do nosso país, e isso que a marcha veio trazer a público. (AGÊNCIA Carta Maior, 2005)

A mensagem que a mídia elitista trás alimenta a criminalização dos movimentos sociais. É fundamental, portanto, para o MST, se apropriar dos espaços de comunicação com o intuito de promover a formação política e ideológica, pois além da mídia deter o monopólio da versão do fato social ocorrido, manipulado ao interesse da sua classe dominante, nega o espaço de contradição existente, privando o cidadão o direito de conhecer a totalidade dos fatos e conseqüentemente fazer escolhas.

O MST sofreu um verdadeiro ataque da mídia desqualificando a mobilização e focando a sua apresentação como uma caminhada sem sentido com o dinheiro público, além de ter dado grande cobertura ao confronto com a polícia em Brasília. Torna-se necessário,

portanto, que o Movimento se aproprie desses meios de comunicação e forme quadros que dominem as novas tecnologias para atuar nessa área, e que, depois, possa registrar suas mobilizações, as inserções de sua versão em canais alternativos ou na internet, que mantenham os sites de cada estado atualizados com as últimas informações e opiniões de intelectuais parceiros que apóiam a causa.

A Rádio Brasil em Movimento não terminou com a Marcha Nacional, teve frutos em outros eventos do MST, como o 5º Congresso Nacional, em 2007, quando reapareceu como a Rádio Poste, montada no acampamento e envolvendo uma série de militantes e jornalista envolvidos na sua programação.

4.1.5 As tardes de estudo

Todos os dias, a tarde, após o almoço, era o momento de estudo. O Caminhão de som que acompanhou a Marcha, nessa hora se transformava num espaço de transmissão de informes, palestras e espaço para o direcionamento do ponto que deveria ser estudado. Em volta dele, uma multidão se acomodava sentada na grama, pelas barracas, ouvindo os comunicados. Vários intelectuais, políticos e teólogos, como o Leonardo Boff, Roberto Baggio, Dom Tomás Balduino, João Pedro Stedille, Marcelo de Barros, entre outros, estiveram na marcha e fizeram palestras sobre temas diversos como: Plano de Reforma Agrária, a natureza do agronegócio no Brasil, o valor da gentileza, a política do imperialismo na América Latina, a história e a evolução do MST, mística e movimento popular, saber cuidar do planeta. Ao final da exposição, lançavam questões para serem debatidas nos grupos de estudo. No encerramento desses debates, através do caminhão de som eram apresentados, por representantes de cada estado, as conclusões e os pontos mais importantes tratados. Esses momentos de formação foram muito importantes para os sem-terra, pois além de terem acesso a uma série de cartilhas e livros que foram doados juntamente com as mochilas e capas de chuva, contavam com a presença de figuras relevantes para o MST.

Para Charles Trocate, coordenador do MST

Essas são as nossas armas: os livros, as idéias através dessa grande escola que é a nossa Marcha Nacional. Toda tarde, quando a gente para a marcha, das 15 às 17 horas, voltamos então para o estudo e os

companheiros então por grupos de vinte pessoas estudam até as 17 horas, fazem o debate entre si, tiram síntese do conhecimento, enfim aprendem as idéias para que quando chegue aos seus estados de origem, nos seus assentamentos possam nos ajudar a fazer com que outros companheiros e companheiras entendam o que está se passando no Brasil através do estudo da conjuntura política e outras tantas questões que são importantes para que os companheiros aprendam.(ERGUE a tua voz, 2007).

Foi criado um espaço democrático de estudo e debate no qual cada um podia dar a sua opinião, discutir suas idéias e, coletivamente, chegarem às conclusões. Esse período, reservado para o estudo, foi importante porque criou o hábito de parar as atividades cotidianas da marcha, se concentrar, ler, estudar e debater um tema específico. Dessa forma, o tempo para o estudo representou um espaço dialógico, onde todos se igualavam e eram respeitados na sua diversidade. Militantes e base tinham o mesmo direito de falar e serem ouvidos. As tardes de estudo eram orientadas pelos palestrantes e por uma cartilha que foi distribuída junto com a mochila na Assembléia de Abertura intitulada Marcha Nacional pela Reforma Agrária: V Mutirão Nacional de Formação.

Essa cartilha foi publicada em março de 2005 e distribuída, inicialmente, para que a militância do setor de formação utilizasse como material didático de preparação e formação dos futuros marchantes. Essa publicação tinha como objetivo:

Preparar os marchantes para a participação mais consciente no processo. E os que desejam saber o porquê da marcha; esclarecer os objetivos, a importância e a necessidade da marcha nesse momento político, nessa conjuntura atual; continuar avançando e acumulando no processo de formação e organicidade da base; fortalecer a mística em torno da marcha e a luta pela reforma agrária; esclarecer para a sociedade os motivos e objetivos da marcha. (MST, 2005b. p.6)

A preparação dos Marchantes foi fundamental para conseguirem enfrentar as adversidades do trajeto, e ela foi reforçada também durante toda a trajetória nas tardes de estudo. Para Tonha, militante da Coordenação regional do MST:

Para levar um povo pra marchar, precisa ter uma preparação ideológica lá nas áreas, dizer por que vai marchar, dizer o que podemos enfrentar, quanto tempo vamos levar. O setor de formação faz isso lá na base e continua fazendo lá na marcha. [...] Quem vai marchar tem de saber o objetivo da marcha, se ele vai por ir, o primeiro sacrifício que ele passar lá, ele não comer, se não conseguir tomar um banho, ele já diz que não

volta no próximo ano. Se você entende porque está marchando, você enfrenta tudo isso sem reclamar, muito pelo contrário você fica mais indignado com o sofrimento que está passando. Porque você está sabendo por que está sofrendo. Por isso a formação é importante. (TONHA, 2007).

Os pontos estudados durante à tarde reforçavam a convicção da importância da luta pela terra e pela reforma agrária, esses temas associados a outros deram aos participantes a noção de totalidade das questões que envolvem a luta pela justiça social no Brasil. Para Paulo Freire:

A captação e a compreensão da realidade se refazem, ganhando um nível que até então não tinham. Os homens tendem a perceber que sua compreensão e que a “razão” da realidade não estão fora dela, como por sua vez, ela não se encontra neles dicotomizada, como se fosse um mundo à parte, misterioso e estranho, que os esmagasse. (FREIRE, 1987a, p.96)

Foram temas selecionados com a intenção de que os sem-terra conseguissem perceber a interações entre eles e pudessem ter subsídios para assumir uma postura crítica frente à realidade que vivenciavam, além de assimilar progressivamente os valores do MST.

Leonardo Boff, que participou da marcha durante um período e inclusive proferiu uma palestra durante uma tarde de estudo, dá a sua opinião:

Essa marcha, ela inovou. Seguramente, nem Marx nem Lênin haviam pensado, é uma marcha de luta e simultaneamente de estudo e há toda uma áurea e uma mística de que a causa é justa e verdadeira, e ela tem de triunfar porque ela representa um anseio historicamente negado e sempre ressuscitado das organizações populares. É o começo do despertar da consciência da sociedade é uma pressão extremamente forte do poder público para que ele possa cumprir o preceito da constituição que é fazer a reforma agrária, criar paz no campo levar a democracia pelo menos para seis milhões de famílias. Isso aqui é um momento de um processo que só termina quando fizer a reforma agrária. (ERGUE a tua voz, 2007)

Certamente, o maior ganho dessa marcha não foi com as reivindicações levadas ao governo, e sim, a formação dos participantes que se sentiram construtores da história, sujeitos que, envolvidos em uma mobilização desse porte, interiorizaram a importância da organização para a ação das lutas de classes. É como Boff diz, é uma luta que só termina com a concretização da reforma agrária.

4.1.6 O “Carrim de são”

Alguns dias depois de iniciada a marcha, o Estado da Bahia trouxe um caminhão em formato de trio elétrico com o intuito de animar os marchantes com música da região durante o percurso. O outro carro de som que era utilizado nas atividades da Rádio Brasil em Movimento apesar de bem maior e com aparelhagem de som mais potente, não conseguia alcançar os 5km de extensão. Assim, os sem-terra baianos acreditavam que seria uma solução viável trazer o pequeno caminhão de som para auxiliar na animação. Em uma reunião do setor de comunicação, o caminhão foi solicitado pela coordenação geral para que servisse como carro de apoio, pois durante a caminhada apenas a rádio deveria funcionar e ser ouvida, com o intuito de ser um momento único de formação e onde os marchantes poderiam ter acesso às informações, à programação da rádio e à cultura de cada estado que seria apresentado em cada dia. E assim, o caminhão da Bahia foi cedido como carro de apoio.

Porém a Bahia tinha um megafone, e com ele alguns militantes percorriam o trajeto da marcha onde ficavam os marchantes da Bahia, ora com assuntos sobre a conjuntura, com momentos de formação falando sobre a importância dessa marcha para o MST, ora entrevistando os marchantes contando piadas, cedendo o espaços para os cantores baianos.

O “carrim de são”, como ficou conhecido o megafone da Bahia, tinha muitas funções: às vezes servia para fazer a animação durante o percurso, às vezes para dar um recado. Foi utilizado também quando para as assembléias da Bahia. Diversos assuntos foram tratados durante a marcha. Era também um espaço de comunicação democrático, onde se falava sobre a conjuntura do país, notícias sobre a marcha. Era até aproveitado para informar sobre a rotina diária, como a coleta de lixo durante o trajeto, para chamar a atenção como poderiam ser reproduzidas aquelas dinâmicas nos acampamentos e assentamentos.

Siquara, coordenador militante da Bahia, fez a seguinte fala durante a marcha sobre a conjuntura do país:

... O Brasil está no rumo, nós temos que fazer o que estamos fazendo, nós aqui só estamos plantando. No dia que a gente tiver milhões de pessoas na estrada, caminhando para a mudança, aí sim, nós estaremos contra o plantio do imperialismo nesse país, que é vem a cada dia que passa avançando muito mais. E não é que elegendo Lula que vai mudar ou

elegendo outro presidente que vai mudar; quem faz a mudança no país é o povo, e isso já está constatado na Venezuela, em Cuba e isso para nós é importante: Presidente da República no país não manda mais. Quem tiver equivocado achando que Lula vai fazer mudança não vai. Nós para construirmos as escolas nos assentamos, nós pra construirmos as estradas nos assentamentos temos que fazer isso aqui. Isso aqui pra nós não é um sacrifício, eu não acho que é um sacrifício, isso aqui é uma forma que nós temos de estar lutando, é o mesmo que estar no acampamento pegando enxada, e aqui esta correndo atrás dessas conquistas. (SIQUARA, 2009)

Siquara, militante antigo, criado no seio do MST desde criança, aponta a importância da ação dos movimentos sociais como provocadores que impulsionam mudanças sociais. A marcha se caracteriza como uma forma de luta semelhante à labuta diária nas terras de trabalho. As palavras de ordem: “na luta do povo ninguém se cansa”, constantemente puxada pelos animadores da marcha, refletem essa postura de ânimo inabalável na vida dos trabalhadores ligados ao MST.

Weider, coordenador do MST, dá a sua contribuição dando um panorama geral sobre as notícias que estavam sendo veiculadas na mídia, em represália à ajuda financeira dada pelo Governador de Goiás à Marcha Nacional:

Bom dia a todos e a todas, aos companheiros da nossa frente (aqui ele se refere aos marchantes de outros estados que estão na frente do grupo que representa a Bahia), a informação que a gente tem é que o Ministério Público Federal está abrindo inquérito contra o governador do Estado por ter ajudado o movimento sem-terra, e vai convidar o Governador para depor e o João Pedro Stedille na comissão, com relação a essa questão da ajuda a marcha nacional para alimentação e infra-estrutura, gastando quatrocentos mil reais do estado de Goiás eles vão fazer a investigação [...] Eu vejo que não se pode ajudar mais ninguém fazer a luta porque já estão investigando, mas ao mesmo tempo é o rolo que está se criando em torno da política nacional, para as novas eleições de 2006 que isso reflete nas eleições. A Marcha Nacional reflete nas eleições, pois a gente vai estar discutindo as necessidades sociais do povo brasileiro e no nosso caso é a questão da reforma agrária, só que engloba uma série de outras questões que a gente precisa para avançar no nosso país, e também reflete na política nacional de 2006 porque ela vai dizer a cara de quem é a favor dos trabalhadores. Por isso que eu acho que o Governo Federal Lula apesar de defender os trabalhadores, ter um discurso e fazer uma trajetória de luta durante 25 anos à frente dos trabalhadores, da CUT, enfim chegar ao governo, ele precisa entender que essa marcha não veio para derrotar a pessoa do Governo Lula, mas a gente veio para mudar o rumo da política econômica nacional que não serve para resolver os problemas sociais do nosso povo brasileiro. Nos somos contra a política

econômica, isso tem de estar claro e o Presidente da Republica, nos queremos que ele seja nosso aliado, e por querer que ele seja nosso aliado, nós estamos fazendo essa caminhada para botar reforma agrária no rumo e fazer com que o Congresso Nacional debata a importância que tem a reforma agrária. (WEIDER, 2009).

Esse era um discurso recorrente durante o trajeto em que os animadores internos davam a palavra a algum militante: a importância da marcha como mobilização de uma classe para conquistar de fato os seus direitos.

Grilo, animador oficial da marcha da Bahia, por sua vez, aproveitou a passagem da pessoa encarregada de coletar o lixo durante o trajeto e deu a sua contribuição para a formação:

É vem o lixo! Todo mundo olhando pro lixo. Que esse trabalho de coleta de lixo a gente reproduza nos nosso assentamento daí a gente pode começar aos poucos, bota um tambor e joga os papéis, bota outro tambor e joga os vidros, outro tambor e joga os metais, as latinhas e o outro tambor a gente joga o lixo orgânico porque já serve para a gente fazer adubação [...] A outra coisa é a saúde, nós estamos dando o exemplo que é só a gente ir pro médico ele dá um papelzinho e a gente ir para a farmácia. Muitos problemas de saúde a gente resolve dentro do assentamento com a medicina preventiva e a medicina alternativa a gente tem dentro de nossas casas está no fundo do quintal, então a gente pode fazer as hortas medicinais dentro do assentamento e a gente tratar os problemas de saúde. (EDUCAÇÃO em Marcha, 2009).

O MST tem uma cultura de preservar os saberes populares e entre esses saberes está a medicina popular já exercida pelos mais antigos. O conhecimento das ervas curativas é, constantemente, aplicado na seleção do que irá ser plantado nas hortas coletivas nos assentamentos. Os militantes da saúde são os responsáveis de preservar essa cultura e combater o uso excessivo de medicamentos alopático dentro dos acampamentos e assentamentos.

Grilo foi um animador excepcional na Marcha. Ele envolvia a todos com seus informes, suas piadas, suas dicas de melhorar a vida nos acampamentos e assentamentos. Caminhava toda a marcha com uma alegria impar, percorrendo o trajeto indo e vindo por dentro das fileiras do Estado da Bahia. Incansável! Era um animador nato. Ninguém conseguia desanimar quando ele estava por perto, mexia com um, mexia com outro, e com a sua alegria cativava a todos, mostrando que a luta pela terra, o sacrificio da marcha, podiam também ser momentos de entretenimento e prazer.

Os elementos educativos acima apresentados se caracterizam apenas como um recorte daquilo que “soltou aos olhos” ao imergir no material imagético e documental que dispunha. Muito mais ainda precisa ser apreendido. A Marcha Nacional nos trouxe muitas lições e marcou a vida daqueles que puderam deixar os seus passos registrados nessa história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os pés, a estrada, as pessoas lutando para chegar à marcha é uma coisa muito maior do que você acaba experimentando. Marchar é muito mais simbólico. É o momento que os militantes se unem e se fortalecem, e por identificarem que existe um número enorme de pessoas lutando pela mesma causa, você se sente mais fortalecido, você sente que não está sozinho, que a sua causa é muito maior do que o seu mundinho. (ANA, 2005)

No percurso dessa pesquisa buscamos apresentar uma descrição densa da Marcha Nacional pela Reforma Agrária, realizada em abril de 2005. Esse trabalho resultou de material imagético e análise de documentos do MST coletados durante os quatro anos (2001 a 2005) em que acompanhamos o MST em Marchas, encontros, ocupações e mobilizações com o intuito de compreender a lógica de atuação e o processo de formação ocorrido nas práticas educativas não-formais que perpassam toda a dinâmica organizativa do Movimento.

Ao iniciar a organização do trabalho, diante do grande acervo imagético e documental, optamos pela pesquisa que foca a Marcha Nacional, por ter sido uma mobilização mais longa, mais organizada, que envolveu os sem-terra de todo o Brasil, além de outros movimentos sociais, instituições parceiras e grupos de intelectuais que apóiam os movimentos sociais. A questão central conduziu toda a organização do material: como se dá o processo de educação não-formal na Marcha Nacional pela Reforma Agrária?

Para essa pesquisa histórica, o material imagético foi o instrumento essencial para poder rememorar e reconstruir o percurso educativo da marcha e dele tirar os elementos que fundamentam essa história. Além dos nossos registros pessoais, que resultaram num vídeo intitulado “Resistência em Movimento”, utilizamos também os vídeos de outros videastas participantes da marcha: Aline Sasahara, Gibby Zobel e Nilo Mendes.

A metodologia da história oral conduziu a nossa forma de atuação junto ao movimento, buscando valorizar o apreendido e os diversos registros como fonte primária dessa narrativa acadêmica. O saber ouvir, dar vazão aos pensamentos dos entrevistados, sem interrupções, trouxe elementos ricos que fundamentaram o trabalho e as conclusões apresentadas. A observação participante foi uma técnica utilizada para compreender a dinâmica do movimento, e, a partir dessa compreensão, utilizar os argumentos elucidativos como subsídios para elaboração das entrevistas. E, finalmente, as cartilhas, boletins e cadernos,

publicações internas para a formação, proporcionaram, juntamente com as obras de Freire, Gadotti, Gohn, Bogo, Araújo e Caldart, a fundamentação necessária para esse trabalho.

Pela riqueza do material que possuíamos, optamos pela descrição densa da Marcha Nacional, fazendo algumas análises dos recortes que fundamentavam a questão central, aqui explicitada.

Inicialmente buscamos apresentar a trajetória de aproximação com o MST, até selecionar a Marcha como a mobilização que agregava, na sua forma itinerante, as práticas educativas não-formais, foco central desse trabalho. Para isso, foi fundamental discorrer sobre a importância da educação para o MST, no andamento de sua formação, e como essa prática se consolidou, tanto formalmente, nas escolas dos acampamentos e assentamentos, quanto de maneira não-formal, nos cursos internos de formação da militância. Da mesma forma, analisamos as atitudes dos elementos que fortaleceram o Movimento como a própria organização dos acampamentos, assentamentos, mobilizações e encontros, considerando a educação não-formal como um espaço de intencionalidade formativa político-ideológico, fora do controle estatal e estabelecido numa conformação entre as pessoas que participam, as lideranças responsáveis e a situação concreta como ambiente imaterial de formação. O MST comporta-se, dessa forma, como o Sujeito educativo no qual aqueles que dele fazem parte, educam-se pela labuta diária no trabalho; na organização do Movimento; nas mobilizações em prol de uma série de lutas reivindicatórias.

Constatamos que o legado Freiriano subsidia as questões no que se refere a educação, dando elementos fundamentais que são implementados nas práticas educativas formais e não-formais. A importância da conscientização no trabalho de base desvela as manipulações ideológicas do sistema capitalista, bem como a opressão que se instala na formação do ideário nacional de conformação da ordem estabelecida, propiciando um espaço de reflexão que se subsidia numa nova cultura gestada no seio do Movimento. Essa cultura, oriunda da práxis, ação-reflexão-ação, impulsionam os sem-terra a realizarem um movimento de confronto com o estado, mas ao mesmo tempo, ver e rever as suas ações, se apropriar de lições dos antigos movimentos que lutam pela terra se configurando num movimento ativo, não apenas nas ações objetivas de luta, mas também nas ações que se proponham a pensar e repensar o Movimento.

Para isso, o Movimento estabelece uma relação de diálogo dos militantes com a base, o que advém uma estrutura hierarquia democrática e participativa onde as experiências são coletivizadas e aprofundadas nas ações. A formação humana, advinda da ação dialógica, faz com que os sem-terra internalizem os princípios e valores do movimento caracterizando-se como um processo contínuo que, ao buscar interagir e compreender a realidade social, procura desvelar as raízes por onde está fincada a sociedade.

A teoria Freiriana se concretiza nas ações do MST, a utopia de uma sociedade mais humana e mais integrada, já está sendo forjada nos acampamentos e assentamentos, espaços onde cultuam novos valores como a solidariedade, a união, a organização, a colaboração, espaços estes onde está sendo gestado um novo homem e uma nova mulher. Ao participar do MST, os sem-terra envolvem-se numa estrutura organizativa complexa e inicia um processo de uma maior clareza político-ideológica, o que contribui para estabelecer uma mudança nas relações sociais com os companheiros de luta.

A marcha, como espaço itinerante de formação humana, evidencia a organicidade do Movimento e os valores que busca cultivar. Na sua proposta de organização em equipes de trabalho, com uma grande parte dos sem-terra assumindo tarefas, criou uma rede sólida onde cada ação e atuação interdependeu de outra. Assumiram um compromisso ao deixarem suas casas, e foram designados para tais tarefas. Com essa participação, sentiam-se partes de uma engrenagem maior e mais poderosa, sentiam-se atuantes pela transformação do Brasil.

Pessoas que possuíam uma baixa auto-estima, em consequência da exclusão social, percebem-se como construtores de uma parte da história do Movimento. Ao assumirem as tarefas e as responsabilidades decorrentes, veem valorizado o seu potencial para o trabalho, para a cooperação, participantes do crescimento e da organização do MST.

A ação antidialógica, presente na teoria Freiriana, por vezes se apresenta em alguns militantes iniciantes que abusam do poder ao buscarem organizar as tarefas com os companheiros envolvidos, e na opressão na qual são formados, reproduzem a ação opressiva quando se veem responsáveis por tarefas difíceis e por um grupo de pessoas a coordenar. Nesse processo, a própria reação da base serve de alerta às suas atitudes opressivas, seja diretamente reclamando dos seus posicionamentos ou recorrendo a alguém de uma instância superior.

Quanto à disciplina, todos foram orientados, nos próprios assentamentos e acampamentos, a importância desse comportamento numa mobilização tão longa, que conta com participação de tantas pessoas com culturas diversas. Na viagem de ida, para Goiânia, no ônibus, as orientações foram lembradas pelos coordenadores. Além disso, a cartilha recebida na primeira assembléia e a fala inicial dos militantes reforçava essa questão. Essa estrutura criada pelo movimento proporcionou uma mobilização sem confrontos entre os participantes, não se presenciou nenhuma briga, nenhuma discussão, cada um ocupou o seu espaço, colaborou nas tarefas, havendo um respeito mútuo no que se refere às questões acordadas.

Ao caminhar, os marchantes, vistos ao longe, não se distinguem suas individualidades. Enfileirados, com seus bonés ou chapéus de palha, vestindo camisa vermelha, com um radinho de pilha e uma mochila preta nas costas, eram doze mil pessoas, jovens e adultos, de diversas regiões do país, que se aglutinavam numa só intencionalidade: mostrar que são brasileiros e herdeiros²¹ dessa nação, e que estão dispostos a lutar por condições melhores de vida, pela dignidade conquistada pelo trabalho na terra.

A formação era uma constante. Ou estava relacionada diretamente ao compromisso assumido de exercer tal tarefa na marcha, ou estava intencionalmente acontecendo ao ouvir a Rádio Brasil em Movimento; ao participar da reunião de estudos à tarde; ao ouvir as palestras; ao participar da mística; ao se divertir com o teatro itinerante pelo acampamento, com as músicas dos cantadores populares; com as danças regionais; assistindo aos filmes exibidos à noite; com o “carrim de são” durante a caminhada; na Ciranda e Escola Itinerante ou mesmo nas conversas informais ao redor da fogueira onde o tema da conjuntura política era constante. As práticas não-formais de educação, durante o percurso da marcha, marcaram de forma significativa cada participante. E, a depender do seu envolvimento com a construção diária dessa grande escola itinerante, puderam assimilar lições que nunca serão esquecidas e que ainda serão desdobradas em ações nos seus acampamentos e assentamentos.

A importância da valorização da cultura popular foi marcante na Marcha Nacional, utilizada também como estratégia de formação e conscientização. Os cantadores regionais, os dançarinos que se apresentaram no percurso da marcha e nos Atos, o teatro nos

²¹ Música de Cabacinha

acampamentos, as brincadeiras infantis na Ciranda, todas essas manifestações culturais marcaram presença na caminhada, pois faz parte da formação do MST buscar o resgate e a valorização das manifestações culturais locais nos acampamentos, assentamentos e mobilizações.

A cultura corporal do movimento possui elementos históricos que possibilitam interpretações, análises e releituras de acordo com a multiplicidade e a diversidade de produzir cultura por meio do movimento e da linguagem corporal. Expressa na marcha, essa linguagem representava uma identidade construída na vida cotidiana dos sem terra, carregadas de conteúdo político e ideológico, transparecendo a resistência histórica característica do MST. A corporeidade se apresentou como um canal de comunicação, uma linguagem que expressava, de forma simples e concreta, a luta do povo pela reforma agrária. Constatamos que a valorização da cultura corporal do movimento é constante durante todas as ações educacionais do MST e passam pela apreensão e re-significação da cultura popular e das tradições orais, legado do povo brasileiro que, muitas vezes é desconsiderado na educação formal.

Esse processo de formação humana fornece contribuições para a educação, atestando que o processo de apreensão e construção dos conhecimentos resulta de saberes socialmente construídos e, por vezes, re-significados pelo sujeito, imerso na luta cotidiana. É a vida latejando e sendo construída a cada passo, é uma nova abordagem cultural que valoriza o enfrentamento, são as condições sub-humanas impostas pelo capitalismo que degrada o ser humano que tende pulverizar-se a fim de que se construa uma nova perspectiva de vida.

O MST nos trás elementos inovadores para o sistema educacional brasileiro, apontando a importância da práxis cotidiana, da interação mundo-educação como ferramenta de apropriação dos conteúdos significativos para a vida escolar. A concepção de educação, a prática pedagógica, a importância da cultura popular para o saber escolar, precisam ser revistas. Faz-se necessário apropriar-se do mundo que nos rodeia, da história forjada no cotidiano como um conteúdo fundamental para compreender a história humanidade.

Os Sem Terra, ligados ao MST, têm como utopia que outra forma de humanizar-se é possível. Suas práticas educativas, mesmo com as contradições inerentes ao processo histórico, mostram sua viabilidade, basta observar como se organizam: os valores e ideais que cultuam; a invenção de novas formas de sociabilidade - o trabalho coletivo e

democrático, a solidariedade, a valorização pela vida, a defesa do trabalho e do estudo -, enfim, formas sociais que constituem um exercício de educação para a consciência crítica e emancipatória.

REFERÊNCIAS:

AGÊNCIA Carta Maior. **Organização radical garante eficiência operativa da marcha.** 17 de maio de 2005 Disponível em < http://www.fetecsp.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=21673> acessado em 08 de março de 2009.

ARAÚJO, Maria Nalva Rodrigues de. **As Contradições e as Possibilidades de Construção de uma Educação Emancipatória no Contexto da Luta pela Terra.** 2007. 333. Tese(Doutorado em educação)- Faculdade de Educação. Universidade Federal da Bahia.

BALDUÍNO, Dom Tomás. **Povo de Deus em marcha.** 04 de maio de 2005. Disponível em < www.mst.org.br/pagina.php?cd=2022> acessado em 25 de maio de 2008.

BASSEGIO, Luiz. UDOVIC, Luciane. **Recados da Marcha pela Reforma Agrária.** 23 de maio de 2005.

Disponível em < www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2075 > acessado em 23 de maio de 2008.

BETO, Frei. **Brasil: Rumo à Terra Prometida.** 9 de maio de 2005. Disponível em < <http://www.voltairenet.org/article125118.html>> acessado em 25 de maio de 2008.

BOFF, Leonardo, Beto, Frei. **Mística e Espiritualidade.** Rio de Janeiro, Rocco, 1999.

BOGO, Ademar. **A Formação Ideológica dos Camponeses** In: Caderno de Cooperação Agrícola nº7 Enfrentar os Desafios da Organização nos Assentamentos. São Paulo, 1998.

_____. **Hino do Movimento Sem Terra.** In Arte em Movimento. São Paulo: 2002. 1CD (66 min.) faixa 20.

_____. **Lições de Luta pela Terra.** Salvador, Memorial das Letras, 1999.

_____. **O MST e a Cultura.** São Paulo, ANCA, 2000.

_____. **O Pedagogo da Esperança e da Liberdade.** 3 de maio de 2007 disponível em <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=3476>> acessado 21 de julho 2008.

CALDART, Roseli. **Educação em Movimento**. Formação de Educadores e Educadoras no MST. Petrópolis, Ed. Vozes, 1997.

_____. **O MST e a formação dos sem terra:** o movimento social como princípio educativo. Estudos Avançados vol.15 no.43 São Paulo Sept./Dec. 2001b.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra:** escola é mais que Escola. Rio de Janeiro, Vozes, 2000.

_____. **Pedagogia do Movimento Sem Terra:** acompanhamento à escola. Boletim de Educação nº 8 , São Paulo. Editora Peres. 2001a.

CHAVES, Christine Alencar. **A Marcha Nacional dos Sem-Terra:** Um Estudo sobre a Fabricação do Social. Rio de Janeiro: Relume-Dumará UFRJ, 2000.

CIAVATTA, Maria. **O mundo do trabalho em imagens:** a fotografia como fonte histórica (Rio de Janeiro, 1900-1930). Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

ERGUE a tua voz. Aline Sasahara. MST. São Paulo: 2006. DVD.

ESQUERDA Marxista... **Brasil: Fábricas Ocupadas:** A Luta Continua! In Defence of Marxism 27 de junho de 2008. Disponível em < <http://www.marxist.com/brasil-fabricas-ocupadas-luta-continua.htm> > acessado em 22 de fevereiro de 2009.

FÁBRICAS ocupadas luta pela estatização. Janaina Quitério: 200?, Disponível em < <http://video.google.com/videoplay?docid=6912433979507412611> > acessado em 22 de fevereiro de 2009.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 8 ed Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987b.

_____. **Conscientização:** Teoria e Prática da Libertação: Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Moraes, 1980

_____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987a.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não-formal**. Institut Internacional des Droits de l' Enfants, Sion, Suisse: 2005 Disponível em:

<http://www.paulofreire.org/twiki/pub/Institu/SubInstitucional1203023491It003Ps002/Educacao_formal_ao_formal_2005.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2007.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1989.

GILLES, Dom Xavier. **Terrorismo cultural no Rio Grande do Sul**: fechamento de escolas em Acampamentos 18 de fevereiro de 2009 Disponível em <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=6309>. Acessado em 5 de março de 2009.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas**. Ensaio: avaliação, políticas públicas, e educação. Rio de Janeiro: v.14, nº50, 2006.

MARCHA Nacional pela Reforma Agrária. Nilo Mendes. Sindipetro - Rio de Janeiro: 2005. Videocassete.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e Violência**. A Questão Política no Campo. São Paulo, Ed. Hucitec, 1980.

MEIHY, José Carlos sebe Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 2005.

MOVIMENTO dos Atingidos por Barragens. **História do MAB**. Disponível em <<http://www.mabnacional.org.br/menu/historia.html> > acessado em julho de 2008.

MST. **Crianças em Movimento**. 11 de maio de 2005d Disponível em <<http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2040> > acessado em 10 de outubro de 2008.

_____. **Educação no MST Balanço 20 anos**. Boletim de educação. Nº 9 São Paulo, 2004.

_____. **O Funcionamento das Brigadas**. Max Print editora, São Paulo. 2005a.

_____. **Marcha Nacional pela Reforma Agrária**. Max Print editora, São Paulo. 2005b.

_____. **Pauta da Marcha pela Reforma Agrária.** 23 de maio de 2005c. Disponível em < <http://www.mst.org.br/mst/pagina.php?cd=2074> acessado 15 de fevereiro de 2008.

_____. **Princípios da Educação no MST.** Caderno de Educação nº 8. Secretaria Nacional do MST, São Paulo. 1999.

MST o Movimento Sem terra e a Maior marcha do Brasil. Gibby Zobel. Xu Filmes. São Paulo: 2008. DVD.

OLIVEIRA, Luciana Aparecida Aliaga de. **A forma política do MST.** Disponível em < http://www.e-science.unicamp.br/marxismo/admin/projetos/documentos/documento_590_Luciana%20Aliaga.pdf. > Acessado 15 de fevereiro de 2008.

PAULA SILVA, Maria Cecília de. **Da educação física, moral e intelectual a um corpo idealizado:** desvelando o discurso médico nas teses da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

PEZINHOS na Estrada. Cristine Torres. Em Movimento Produções. Salvador: 2006. DVD.

PINTO, Zé. Floriô. In **A Arte em Movimento.** São Paulo: 2002. 1CD (66 min.) faixa 4.

RÁDIO Brasil em Movimento. **MST.** São Paulo:2005. 1 CD (3:33min.) faixa 10.

SASAHARA, Aline. Publicação eletrônica [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por cristinelpires@yahoo.com.br em 09/08/2008.

SILVA, Emerson Neves. **Formação e Ideário do MST.** Rio Grande do Sul: Editora Unisinos, 2004.

THOMPSON, Paul. A voz do Passado. História Oral. Rio de Janeiro: Paz e terra. 1992.

TERRA para Rose. Tetê Moraes. Rio de Janeiro: 1987. DVD.

STEDILLE, João Pedro; MANÇANO, Bernardo Fernandes. **Brava Gente:** A Trajetória do MST e a Luta pela Terra no Brasil. São Paulo: Ed. Perseu Abramo, 1999.

ÚLTIMA entrevista com Paulo Freire. TV- PUC. São Paulo: 1997 Vídeocassete.

VASCONCELOS, José Antonio. **Quem tem medo da teoria:** a ameaça do pós-modernismo na historiografia americana. Campinas: Editora Annablume, 2006.

MILITANTES ENTREVISTADOS:

Betão – Marcha Valença – Salvador, 2004

Betinho - Marcha Nacional, 2005

Bogo – Marcha Nacional, 2005

Cabacinha- Marcha Nacional, 2005

Carlos - Marcha Nacional, 2005

Djacira - Marcha Nacional 2005

Irmã Patrícia – Marcha Nacional, 2005

Lucinha - Marcha Nacional , 2005

Mãe Gorda – Marcha Nacional, 2005

Nalva Araujo, entrevista em 2003

Plínio – Marcha Nacional, 2005

Rodrigo - Marcha Nacional, 2005

Sergio – Marcha Nacional , 2005

Stedille - Marcha Nacional, 2005

Rita – Marcha Nacional em 2005

Tonha - entrevistada no encontro de Mulheres Trabalhadoras Rurais em 2007.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)